



**Universidade de Coimbra**  
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

# **Aprender na Internet**

Um estudo com pessoas idosas

**Dissertação de Mestrado em Educação e Formação de Adultos e  
Intervenção Comunitária**

Rui Miguel Nobre Ferreira

2013





Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação

# Aprender na Internet

Um estudo com pessoas idosas

Dissertação de Mestrado em Educação e Formação de Adultos e

Intervenção Comunitária

Sob a orientação da

Professora Doutora Albertina Lima de Oliveira

e do

Professor Doutor Luís Mota

Rui Miguel Nobre Ferreira

2013



Aos meus pais  
Jorge e Margarida  
Por tudo.



## **Agradecimentos**

Chegar ao fim desta etapa representa um importante marco na minha vida pessoal e profissional, mas nada teria sido possível sem o apoio e colaboração de outras pessoas. Desta forma manifesto a minha profunda gratidão e merecido reconhecimento a todos os que me acompanharam neste processo e estiveram presentes nos bons e nos maus momentos.

Em primeiro lugar, aos meus orientadores, Professora Doutora Albertina Lima de Oliveira e ao Professor Doutor Luís Mota, pela receptividade e disponibilidade com que me acolheram e asseguraram a orientação desta tese, pelos conhecimentos transmitidos, pelo rigor científico, pela capacidade de estímulo e incentivo ao longo do trabalho.

A todos os professores do primeiro ano de mestrado, pelos ensinamentos que me proporcionaram.

A todas as minhas colegas de mestrado, pela amizade, pela partilha e troca de experiências.

À Raquel, à Violeta, ao Marco, à Catarina, ao Eduardo, ao Frank, ao Fernando, e a toda a minha equipa de trabalho, colaboradores e amigos da Associação O Círculo, pelo esforço e dedicação.

À minha família, pelo permanente apoio, em particular à tia Adelaide e à minha irmã Tânia, pela amizade e incentivo.

Ao Pablo Rubinstein e à Ana Paula Antunes, pela amizade e pelas conversas enriquecedoras.

A todos os meus amigos, a quem privei de convívio, mas que, de variadíssimas maneiras, mostraram a sua solidariedade, apoio e carinho.

A todas as pessoas que se disponibilizaram para participar neste estudo, sem as quais, este projeto não teria sido possível e que tanto me ensinaram.

A todos que direta ou indiretamente contribuíram para a concretização deste estudo.



## Resumo

Aprender é uma parte inevitável da vida e uma atividade tão antiga quanto a humanidade. Muita da aprendizagem é planeada, facilitada por terceiros e tem lugar em instituições como escolas, faculdades, universidades e centros de formação. Contudo uma grande parte da aprendizagem, às vezes originada pela curiosidade, outras vezes como resposta a imperativos externos, é em grande parte auto-planeada e autogerida.

A aprendizagem na *internet* implica um maior controlo do aprendente facilitando assim a autodireção pois fornece mecanismos para que os aprendentes decidam que informações consideram importantes para a sua aprendizagem. Apesar dos estudos indicarem que a utilização destas tecnologias traz benefícios para a vida das pessoas idosas e que apresenta impactos positivos em várias áreas, a resistência ao uso do computador ainda é comum entre os utilizadores mais velhos que não cresceram com estas tecnologias.

Na tentativa de conhecer e compreender esta realidade surge este trabalho, que pretendeu estudar as respostas de oito pessoas idosas envolvidas em projetos de aprendizagem autodirigida na internet.

A metodologia utilizada para a realização deste trabalho empírico foi de natureza qualitativa, tendo-se optado pelo estudo de caso enquanto plano de investigação.

Dos dados obtidos, a partir da análise de conteúdo a que submetemos as informações recolhidas nas nossas oito entrevistas, constatámos que as pessoas idosas continuam a ser aprendentes proactivos que utilizam e tiram partido das tecnologias de informação para aprenderem o que pretendem através da gestão de diversos recursos e ambientes na *internet*. Aferimos ainda que estas aprendizagens, na opinião das pessoas entrevistadas, ajudam a sentirem-se valorizadas e reforçam os seus relacionamentos familiares e sociais.

**Palavras-chave:** aprendizagem autodirigida, internet, pessoa idosa, aprendizagem ao longo da vida, envelhecimento ativo.

## **Abstract**

Learning is an inevitable part of life and an activity as old as mankind. Much of the learning is planned, facilitated by a third party and takes place in institutions like schools, colleges, universities and training centers. However a large part of learning, sometimes caused by curiosity, other times as a response to external imperatives, is largely self-planned and self-managed.

Learning on the Internet implies a greater control by the learner thus facilitating self-direction as it provides mechanisms for learners to decide which information is considered important to their learning. Even though studies suggest that using these technologies brings benefits to the lives of older people and that has positive impacts on several areas, resistance to computer use is still common among older people who did not grow up with these technologies.

This work emerges as an attempt to understand this phenomenon, in this thesis we intended to study the answers of eight older adults involved in self-directed learning projects on the Internet.

A qualitative methodology was used to conduct this empirical study and we opted by the case study as the research plan.

The data obtained from the content analysis of our eight interviews, confirms that the elderly continue to be proactive learners who use and take advantage of information and communication technologies for lifelong learning by managing several tools and environments on the internet for learning what they want.

We also observed that these learnings, in the opinion of those interviewed, help them feel valued and reinforce their family and social relationships.

**Keywords:** self-directed learning, internet, older adults, lifelong learning, active ageing





# Índice

Introdução Geral.....	1
I parte – Enquadramento teórico .....	4
Capítulo I - Desafios educativos da sociedade contemporânea.....	5
Introdução .....	6
1. Sociedade da informação .....	7
1.1. Informação e conhecimento .....	13
1.1.1 Metacoginição e conhecimento metacognitivo .....	15
1.2.Características Principais da Sociedade da Aprendizagem .....	18
2. A Educação de Adultos e a Aprendizagem ao Longo da Vida .....	20
2.1 O humanismo .....	29
2.2. A pedagogia Crítica.....	33
Conclusão.....	37
Capítulo II - Da web 1.0 à web 2.0 – Internet e aprendizagem.....	40
Introdução .....	41
1. Breve história da internet .....	41
1.1.Web 2.0 uma plataforma para a aprendizagem .....	43
1.2. Infoexclusão .....	46
1.3. <i>Internet meme</i> – uma nova forma de lidar com a informação e o conhecimento.....	48
2.A pessoa idosa e a internet – envelhecer com as TIC .....	51
Conclusão.....	55
Capítulo III - Aprendizagem autodirigida.....	57
Introdução .....	58
1.Aprendizagem autodirigida – Breve contextualização histórica.....	58
2. Modelos da aprendizagem autodirigida .....	61
2.1. O modelo PRO .....	64
2.2. O Modelo de Long .....	65
2.3. O Modelo SSDL ( <i>Staged Self-Directed Learning Model</i> ) .....	65

3. Investigação com pessoas idosas.....	66
4. Investigação com as tecnologias de informação e comunicação.....	68
Conclusão.....	70
II Parte – Estudo empírico.....	71
Capítulo IV – Metodologia de investigação.....	72
Introdução .....	73
1.Problemática e objetivos do estudo.....	73
2.Opções metodológicas.....	74
3.As pessoas idosas participantes no estudo .....	76
4.Instrumentos .....	77
5.Procedimentos.....	83
6.Análise de conteúdo .....	84
Conclusão.....	86
Capítulo V – apresentação e discussão dos resultados.....	87
1- Apresentação dos dados .....	88
1.1- Análise de conteúdo das entrevistas realizadas às pessoas idosas .....	88
1.1.1. Utilização de ambientes online.....	88
1.1.2. Aprendizagem autodirigida da pessoa idosa .....	92
1.1.3. Impacto na rede social da pessoa idosa .....	101
2. Discussão dos resultados.....	103
Conclusão Geral.....	110
Bibliografia. ....	133
Anexos.....	140

## Introdução Geral

As alterações sociais e económicas que nas últimas décadas assolaram as sociedades contemporâneas trouxeram desafios importantes para o campo da educação. O nosso século caracteriza-se pela explosão de conhecimentos em quase todas as áreas do saber, e muitas das informações que julgávamos permanentes, tornaram-se obsoletas. A aprendizagem ao longo da vida tem sido um fator apresentado como uma estratégia para o indivíduo lidar com as exigências do mundo atual global. A capacidade para aprender autonomamente ou simplesmente aprender a aprender tem sido valorizado por diferentes campos teóricos, nomeadamente a educação de adultos. Perante esta realidade, torna-se necessário equacionar a educação numa perspetiva abrangente e permanente, não estando limitada à escolaridade obrigatória, nem ao ensino formal. Estamos sempre a aprender, quando ocorre algo de novo, ou quando os velhos métodos de aprendizagem se revelam ineficazes e temos de substituí-los ou corrigi-los. É um processo que decorre toda a vida e em todos os contextos. As tecnologias de informação e comunicação fazem parte do nosso quotidiano, e também nos proporcionam oportunidades para aprender. A *internet*, em particular, é um meio, que pelas suas características, apresenta potencialidades para ser uma plataforma livre e acessível onde as aprendizagens não-formais e informais podem ocorrer. As potencialidades da *internet* para a aprendizagem ao longo da vida, nomeadamente em adultos, passam por um maior controlo por parte do utilizador no manuseamento de ferramentas e na gestão da sua própria aprendizagem. A aprendizagem autodirigida assume um papel importante na educação das pessoas adultas, nomeadamente no desenvolvimento de competências técnicas ou instrumentais face ao conhecimento e na capacidade de atualização do saber, podendo trazer vantagens para os adultos e pessoas idosas no âmbito do envelhecimento ativo e da aprendizagem ao longo da vida.

Ora, é precisamente neste contexto de educação permanente e ao longo da vida, e numa filosofia humanista de desenvolvimento integral da pessoa humana, que surge este nosso trabalho. Assumindo as potencialidades da educação enquanto ferramenta emancipatória da construção da pessoa no seu todo, na democratização da cultura e consequente promoção da aquisição de competências e da participação cívica.

Em conformidade com esta visão surge este trabalho de investigação que se insere no âmbito da elaboração da dissertação do Mestrado em Educação e Formação de Adultos e Intervenção Comunitária.

Partindo da reflexão sobre a educação de adultos e da aprendizagem ao longo da vida, e alguma revisão da literatura, decidimos conceber um estudo que nos permita conhecer a perspetiva das pessoas idosas sobre as aprendizagens autodirigidas que desenvolvem na *internet*.

Na impossibilidade de alargar esta investigação a uma amostra representativa da população portuguesa, pelos fatores condicionantes do tempo e económicos, estreitámos o estudo ao estudo de casos, que consideramos representativos desta realidade e que nos permitirão descobrir pistas e apontar caminhos, para a compreensão deste fenómeno. Por este motivo, a generalização de conclusões não consta dos nossos objetivos.

Aproveitamos, todavia, a oportunidade para perceber, ainda que em termos gerais, o processo de aprendizagem autodirigida da pessoa idosa na sua utilização da *internet* como meio privilegiado para as suas aprendizagens.

Com o intuito de alcançar este nosso repto dividiremos este trabalho de investigação em duas partes, a primeira servirá de enquadramento teórico, e iniciará com um capítulo relacionado aos desafios educativos da sociedade contemporânea, abordando os conceitos de sociedade de informação e distinguindo entre conhecimento e informação. Apresentaremos as perspetivas de alguns autores sobre estas temáticas, destacando a perspetiva humanista e crítica que subjaz à educação e aprendizagem.

Ulteriormente focar-nos-emos nas especificidades da sociedade de aprendizagem e a sua interligação com as tecnologias de informação e comunicação.

No segundo capítulo, a nossa reflexão centrar-se-á nas tecnologias da informação e comunicação, mais especificamente a *internet*, e nas potencialidades desta tecnologia para o campo educativo, não esquecendo, no entanto, as problemáticas da infoexclusão. Daremos ainda conta das alterações que estas tecnologias implementaram no manuseamento da informação e conhecimento na era digital, assim como a particularidade do envelhecimento com as Tecnologias de informação e comunicação.

A segunda parte da nossa tese comporta o estudo empírico com todas as exigências que esta requer. Esta terá, dois capítulos, sendo o primeiro dedicado à conceção, planeamento e caracterização metodológica da investigação, onde serão apresentados os objetivos e clarificada a metodologia de investigação. No seguinte proceder-se-á à apresentação e discussão dos dados obtidos. Por fim tecer-se-ão

considerações finais a este estudo, fazendo referência às principais limitações com que nos deparamos e lançar-se-ão propostas que possam contribuir para melhorar os processos de inclusão das pessoas idosas, bem como estimular a aprendizagem ao longo da vida e o envelhecimento ativo. Finalmente apontam-se algumas pistas para investigações futuras.

I parte – Enquadramento teórico

## Capítulo I - Desafios educativos da sociedade contemporânea

## Introdução

Neste primeiro capítulo do nosso trabalho vamos refletir nas mudanças ocorridas nas sociedades contemporâneas e como estas representam novos desafios para a educação, em particular para a educação de adultos, e exigem uma reestruturação e adaptação por parte das pessoas e das estruturas sociais. Ao longo desta parte do nosso trabalho vamos explorar as mudanças que se estão a operar nas sociedades de hoje e refletir sobre quais as suas relações com a aprendizagem, a informação e conhecimento. Centramos a nossa reflexão tendo como pano de fundo a educação de adultos, articulando com as potencialidades das tecnologias de informação e comunicação, enquanto ferramentas para a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal.

Primeiramente refletimos sobre o significado da sociedade de informação e das mudanças que ocorreram nas sociedades pós industriais, o fenómeno da globalização alavancado pelas tecnologias da informação e da comunicação, as alterações económicas e as suas relações com o trabalho e como esta omnipresença da informação apresenta vantagens na vida das pessoas, mas também possui pontos negativos que deverão ser acautelados.

Em segundo lugar analisamos as questões da informação, do conhecimento e da aprendizagem, quais as suas *nuances*, como se constitui o conhecimento, e como de facto, as tecnologias de informação e comunicação estão a revolucionar a forma como lidamos com a informação e o conhecimento em constante atualização. Refletimos sobre as estratégias cognitivas e metacognitivas que permitem às pessoas lidar com as exigências da sociedade contemporânea, nas questões da aprendizagem, da informação e do conhecimento. De seguida, exploramos o conceito de sociedade da aprendizagem e quais as suas principais características.

Fazemos um percurso pelo conceito de aprendizagem ao longo da vida e cruzamos questões económicas, tecnológicas, políticas e conceptuais que influem na forma como este conceito tem sido operacionalizado e tem conduzido a práticas que condicionam as oportunidades para que as pessoas possam aprender ao longo da vida. Não esquecendo a estreita ligação da aprendizagem autodirigida com a educação de adultos e com a aprendizagem ao longo da vida. Por último apresentamos uma reflexão

sobre o humanismo e a pedagogia crítica enquanto modelos teóricos da educação de adultos e a sua pertinência para o nosso trabalho, numa perspetiva do desenvolvimento integral do ser humano numa sociedade em mudança e as suas relações com a aprendizagem ao longo da vida.

## 1. Sociedade da informação

Uma das primeiras dificuldades surge em definir a sociedade contemporânea. A multiplicidade de designações e conceitos, o contexto social e económico, a crise e a austeridade, a globalização e os desenvolvimentos tecnológicos, criaram diferentes perspetivas e olhares sobre as mudanças e os desafios dentro das sociedades contemporâneas. As sociedades não são estáticas, e como tal, as sociedades contemporâneas encontram-se imersas num processo de mudança. Neste capítulo refletimos sobre os processos e mudanças que operam nas sociedades pós-industriais contemporâneas e globais, procurando estabelecer relações com as tecnologias de informação e comunicação, a aprendizagem e o conhecimento.

Várias ideias e conceitos têm sido utilizados para tentar descrever as sociedades contemporâneas, os mais pertinentes para este trabalho, de acordo com a revisão da literatura efetuada são: *sociedade da informação*, *sociedade do conhecimento*, *sociedade da aprendizagem*. Tais expressões pretendem, fundamentalmente, designar que *informação*, *conhecimento* e *aprendizagem* se constituem como recursos fundamentais dos processos produtivos, decisivos para o crescimento da produtividade, do emprego e do desenvolvimento económico. Esta ideia de sociedade pretende sugerir uma maior distribuição e acesso por parte dos cidadãos à informação, proveniente de inúmeras fontes e em vários formatos, disponível sob múltiplas plataformas. A par com estas expressões encontramos o conceito de globalização. A globalização pode ser definida como um processo social através do qual diminuem os constrangimentos geográficos sobre os processos sociais e culturais, e em que os indivíduos se consciencializam cada vez mais dessa redução (Waters, 1999). Uma cultura globalizada admite um fluxo contínuo de ideias, de informações, de compromissos, de valores e de gostos, mediados através da circulação de indivíduos, de garantias simbólicas e de simulações eletrónicas. Featherstone (1990) considera que são estes fluxos que interligam áreas culturais (antes isoladas e homogéneas), forçando a uma relativização, por um lado, assumindo a forma de uma autoanálise reflexiva e, por outro, permitindo o

desenvolvimento de “culturas genuinamente transnacionais, desligadas de qualquer sociedade-estado-nação”. Podemos perceber como as tecnologias digitais da informação e comunicação desempenharam o seu papel neste processo de globalização das sociedades, servindo como um meio para interligar indivíduos.

No final do século XX, o termo *sociedade da informação* passou a ser utilizado como um substituto do conceito complexo de sociedade pós-industrial, de forma a transmitir e descrever um novo paradigma técnico-económico. Estas realidades que os conceitos vindos das ciências sociais pretendiam expressar referem-se às transições e mudanças várias, que incluem transformações técnicas, organizacionais e administrativas, impulsionadas pelos avanços tecnológicos da microeletrónica e das telecomunicações.

O conceito de *sociedade da informação* estabeleceu-se nos países de língua inglesa e alemã como um novo paradigma político. Nos estados Unidos, Daniel Bell durante a década de 70, e Alvin Toffler, nos anos 80 do século passado, lançaram o debate sobre o futuro económico, político e social da sociedade industrial, afirmando que as mudanças operantes nas sociedades iriam reconfigurar o conhecimento e a maneira como o encaramos. Toffler (1980) vislumbrou o iletrado do futuro não como aquele que não sabe ler, mas como aquele não aprendeu a aprender, defendeu que a nova educação deveria ensinar os indivíduos a classificar e reclassificar informação, avaliar a sua veracidade, mudar as categorias quando necessário, passar do abstrato ao concreto e vice-versa, olhar os problemas de uma nova forma e a ensinarem-se a eles mesmos. Para ele a sociedade pós-industrial contém em si imensas subculturas, organizações fluídas capazes de se adaptar às rápidas mudanças, e a informação substituiria a maioria dos recursos materiais dos trabalhadores, sendo que estes deveriam ser chamados de cognitários em vez de proletários.

Bell (1973) postulou o rumo pós-industrialista das sociedades contemporâneas através da recomposição dos sectores da atividade económica e da estrutura ocupacional, demonstrando a predominância do sector dos serviços, tanto no âmbito do volume contributivo para o produto como na expressão do número de trabalhadores ao serviço. Negri (2005) caracterizou a *sociedade da informação* como aquela na qual as pessoas teriam trabalho imaterial, quer isto dizer, a produção de artefactos culturais. O trabalho que produz produtos imateriais, como a informação, o conhecimento, ideias, imagens, relacionamentos e afetos. A quantidade de trabalhadores que produzem serviços e informação são indicadores para avaliar o grau de informação de uma

sociedade (Bell, 1973), que ao contrário das sociedades industriais, já não assenta na força braçal, na energia, mas tem por base os serviços e a informação. O conhecimento tornou-se recurso central das economias atuais e a maioria dos empregados não está ligada à produção de bens consumíveis (Toffler, 1992).

Neste novo paradigma a informação surge como matéria-prima, as tecnologias desenvolvem-se permitindo ao Homem, atuar sobre a informação, ao contrário do passado, em que, o objetivo era utilizar a informação para agir sobre as tecnologias numa perspetiva inovadora, ou, em alternativa, adaptar a tecnologia a novos usos. Os efeitos da tecnologia atingiram hoje uma alta penetrabilidade na sociedade, a informação é parte integrante de todas as atividades humana, individual e/ou coletiva e toda a atividade tende a ser afetada diretamente por estas novas tecnologias. O domínio da lógica de redes apresenta-se como uma característica dominante de todo o tipo de relação complexa, que, graças às novas tecnologias, pode ser materialmente implementada em qualquer tipo de processo. A flexibilidade é facilitada pela tecnologia que favorece processos reversíveis, e que permite modificar através da reorganização de componentes, originando uma alta capacidade de reconfiguração. A crescente convergência de tecnologias, interliga diferentes trajetórias do desenvolvimento tecnológico, que faz com que diversas áreas do saber se tornem interligadas e se transformem em categorias segundo as quais pensamos todos os processos.

Este processo de desindustrialização das sociedades ocidentais — assinalado pela diminuição progressiva do contributo da produção industrial para a formação do produto por oposição à ascensão do setor dos serviços — fortaleceu a conceção de um evolucionismo da atividade económica passando, necessariamente, pela diminuição consistente do esforço físico em detrimento da crescente exigência de capacidades e competências intelectuais. Estas mudanças que surgiram ligadas a uma reestruturação do capitalismo em meados da década de 80 do século passado e que se mantém até ao final do milénio englobam as tecnologias de informação e comunicação (TIC) e a ênfase na flexibilidade tornou-se uma ideia central das transformações organizacionais, permitindo rápidos processos de desregulamentação, privatização e uma rutura do modelo de contrato social entre o capital e o trabalho, característicos do capitalismo industrial. As transformações nos países industrializados definem um novo paradigma que através das TIC, expressam a essência dessa transformação tecnológica nas suas relações com a economia e a sociedade. A dependência das novas tecnologias, da informação e do conhecimento, por parte das sociedades contemporâneas será cada vez

maior (Castells, 2002). As tecnologias estão a desempenhar um papel fundamental na reestruturação das economias das sociedades avançadas, mas será que, como questiona Lyon (1992), compreendemos a sua real contribuição para a mudança social? O exame da sociedade da informação envolve questões normativas e escolhas éticas, mas também exprime aspirações sociais. Deveremos encará-lo como um objetivo utópico ou como uma cortina de fumo ideológica? Ou terá traços de ambos?

Durante séculos a humanidade conservou e armazenou a sua memória informativa num suporte e numa linguagem, o papel e a linguagem verbal. Contudo, o século XX assistiu, devido ao desenvolvimento tecnológico, a um eclodir de múltiplos suportes e, intrinsecamente, de múltiplas linguagens. A representação da informação assume, portanto, múltiplas formas. O conhecimento ou o saber, enquanto tradução de informação organizada, já não se encontra apenas nos livros, ou nas pessoas, mas está um pouco por todo o lado e sob as mais diversas formas. A informação encontra-se nos materiais impressos, texto e imagem, no cinema, na televisão, no vídeo, nos programas multimédia/hipermédia, e nas redes telemáticas. A produção, armazenamento e transmissão da informação dependem de condicionantes tecnológicas. Para conseguir viver nas sociedades contemporâneas e perceber os seus complexos mecanismos de funcionamento é necessário gerir uma gama variada de informações que nos chegam de várias formas (Benavente *et al.*, 1996).

A cultura contemporânea está intimamente relacionada com a crescente centralidade das redes de comunicação social, as tecnologias da informação e os meios de comunicação. As tecnologias de informação, em particular a *internet* são um bom exemplo de como a democratização da informação é útil, na medida em que apresenta um potencial emancipatório, levando a informação a uma vasta audiência. Neste sentido, as tecnologias e os novos *media* libertam-nos das limitações espaço-temporais e alargam a arena de debate aberto (Habermas, 1987) influenciando e permitindo a formação da opinião pública consciente e crítica. Claro que, para que tal aconteça é preciso garantir a qualidade, a disponibilidade e a comunicação da informação. Se esta for fiável e adequada facilitará a discussão, mas se por outro lado, se tratar de informação pobre, defeituosa ou corrupta, resultará em debates pouco enriquecedores. A informação possui um papel importante nas sociedades contemporâneas e a *internet* é atualmente uma ferramenta essencial na democratização do acesso a essa mesma informação, muitas vezes através da *internet*, podem gerar-se debates e trazer para a esfera pública a discussão de assuntos pertinentes que antes permaneciam ocultos para a

maioria das pessoas. Com a *internet* emergiram grupos de cidadãos, nas redes sociais, que reclamam para si a discussão de assuntos de interesse público e o exercício de uma cidadania mais ativa, promovendo a reflexão sobre assuntos importantes e desenvolvendo algumas iniciativas como petições públicas, entre outras. Surgem “chats” e “fóruns” de discussão ligados aos mais variados temas que se apresentam como espaços abertos e livres de debate e somos levados a pensar que as TIC estão sem dúvida, a revolucionar a noção de esfera pública conhecida até aos dias de hoje. A esfera pública é a dimensão na qual os assuntos públicos são discutidos pelos atores públicos e privados, e onde tal processo culmina na formação da opinião pública que, por sua vez, age como uma força oriunda da sociedade civil em direção aos governos no sentido de pressioná-los de acordo com seus anseios (Habermas, 1987). A variedade e complexidade da informação dos novos *media* e considerando os contributos que facilitam as pessoas a encontrarem informação por elas próprias, pesquisá-la, produzi-la e trocá-la com outras, podem ajudar a realizar o *potencial democrático* nas tecnologias da informação e levar a uma maior participação cívica por parte das pessoas. Existem pessoas que, tanto para a formulação de juízos acerca da verdade, como para a decisão acerca da conformidade dos discursos e das ações, procuram através da crítica racional metodicamente conduzida, descobrir por si as regras e as suas próprias respostas, encontrando na internet, e nas redes sociais, espaços de debate livre onde podem fazê-lo.

A evolução dos novos *media* ligados à internet, possibilitam a troca de ideias acerca de tudo e de todos, entre todos. No entanto é preciso não esquecer a industrialização da comunicação social, a cultura estandardizada, dominada pelas rotinas produtivas, pelos poderes editoriais, também eles dominados pelas ideologias políticas e económicas. É necessário prevenir que o público se torne num recetor passivo da mensagem, elaborada de acordo com o estilo, com uma agenda de assuntos e cuja elaboração raramente é participada, pelo menos de forma direta pela generalidade das pessoas. A este propósito, Boaventura Sousa Santos (1999) afirma que a globalização dos *media*, da cultura de massas, da iconografia norte americana e da ideologia de consumo, neutralizam as culturas locais, descontextualizam-nas e assimilam-nas e o ciberespaço, como novo espaço da comunicação e da informação, apresenta-se “como um espaço anárquico, de livre acesso, descentralizado, não hierárquico, localmente controlado em que a igualdade e a identidade parecem coexistir sem atritos” (p. 35). É importante não esquecer que as redes de informação conhecem

uma distribuição desigual, quer geográfica, quer social, e favorecem a distinção de uma subclasse tecnológica constituída por muitos dos grupos sociais que hoje ocupam posições subordinadas no sistema de desigualdade. A emergência do ciberespaço fará com que esses grupos subordinados transitem do sistema de desigualdade para o sistema de exclusão (Santos, 1999, p. 36). Apesar desta possibilidade, há também considerar a hipótese da internet vir a ser um espaço público de oposição e de subversão e que ambos possam coexistir.

A *sociedade da informação* é, como vemos, um termo abrangente e complexo que tem estimulado reflexões várias acerca do seu significado e das suas implicações para as sociedades contemporâneas. Torna-se necessário portanto, compreender como estas mudanças implicarão um reajuste das pessoas, das sociedades e da educação. Não devemos precipitarmo-nos em interpretações apressadas e redutoras, nem ceder à tentação do determinismo tecnológico. A evolução tecnológica e a transformação social sempre permaneceram estreitamente vinculadas, sobretudo, porque os novos conhecimentos visam satisfazer novos objetivos e exigências, institucionais ou políticos, materiais ou simbólicos, individuais ou coletivos. Destinam-se a uma aplicação prática que preenche expectativas da sociedade e ao mesmo tempo produz efeitos transformadores das condições de vida das populações, induzindo recomposições mais ou menos profundas no plano macrossocial (Estanque, 2002). As tecnologias, tal como todo o conjunto de artefactos materiais (bens, utensílios, recursos, técnicas, elementos da natureza), uma vez apropriados ou marcados pela presença humana, pelos efeitos da cultura, ganham um novo alcance no plano simbólico e das subjetividades e revestem-se de múltiplos significados. Por isso, a problemática da tecnologia, da presença ou da ausência de novas tecnologias, repousa sempre em implicações sociais, antes, durante e depois da sua aplicação concreta. (Estanque, 2002). Assim a *sociedade da informação* deve ser compreendida, nas suas várias dimensões, para conhecermos a sua real extensão e impacto nas sociedades e na forma como as pessoas lidam com a informação. A globalização e as TIC têm produzido uma grande quantidade de informação que às vezes se torna difícil de gerir para as pessoas. O homem não tem capacidade para consumir toda a informação, sendo por conseguinte, indispensável o desenvolvimento do indivíduo como um ser estratégico, gestor da multiplicidade de dados com que tem que lidar (Simão, 2002). Para além de reter a informação, é preciso compreendê-la, ou seja, atribuir-lhe um significado pessoal. Através deste processo ser capaz de construir conhecimento e aplicá-lo a longo prazo, mas, simultaneamente,

transformar-se, no sentido de reconhecer-se, permanentemente, como sujeito corresponsável pelas suas aprendizagens e suscetível às transformações que elas provocam, sejam comportamentais, cognitivas ou afetivas. Por estas razões consideramos a expressão sociedade da informação, como a mais adequada, para o nosso trabalho, já que é inegável a quantidade de informação disponível, mas tal não significa que resulte em conhecimento ou em aprendizagens para todas as pessoas. Serão estas questões que abordaremos de seguida.

### 1.1. Informação e conhecimento

O conceito *sociedade de informação* aparece muitas vezes associado a expressões como *sociedade da aprendizagem* ou do *conhecimento* sem que se distinga, com clareza, a diferença entre a *posse da informação* com a *aprendizagem*, o *conhecimento* ou o *saber*. O conhecimento não se resume à posse de informação. A informação existe em grande profusão, quer em suportes físicos, digitais ou virtuais, sem ser mobilizada na resolução de problemas ou sem constituir conhecimento. Devido à sua natureza complexa o conhecimento pode refletir abordagens diferentes, dependendo da conceção epistemológica que o sustenta. No entanto, parece haver consenso na abordagem cognitiva, relativamente ao facto de que só é entendido como tal quando processado por uma estrutura mental a partir de um conhecimento prévio. Para tal é necessário a informação, que representa um elemento exógeno e que corresponde à matéria-prima que será transformada em conhecimento, por meio da interpretação e compreensão de cada indivíduo (Evans, 1973; Bringuier, 1980). Para compreendermos a natureza das mudanças sociais e os seus efeitos sobre a educação, é necessário entender a maneira como as nossas conceções do conhecimento, e até mesmo o conhecimento em si, mudaram.

As questões acerca da natureza e da construção do conhecimento não são novas, encontramos-las n' *A República* de Platão, em que o autor descreve os graus de conhecimento pelos quais a alma se eleva desde a ignorância até a ciência, passando pelo estado intermediário da opinião.

Há quatro tipos de conhecimentos importantes para a reflexão sobre o conhecimento, os dados, a informação, o conhecimento e a sabedoria (Jarvis, 1999). Para distinguirmos informação e conhecimento, torna-se necessário sobre refletir sobre eles. Os dados estão ligados aos factos e são recolhidos durante a pesquisa dos factos e

os dados são sobre os factos, no entanto, não podemos esquecer que os 'factos' têm que ser interpretados, não têm um significado intrínseco. Implicam sempre uma construção de significado, donde que, os dados são, portanto, abertos a uma interpretação e relativos.

No caso da informação, esta é objetiva, e é transmitida às pessoas através do ensino, da literatura ou dos *media*. Frequentemente referido como conhecimento objetivo. A informação é geralmente escrita e é, portanto, imutável. O conhecimento cultural deve ser visto como informação, quando é escrito. Todas as formas de teorias devem ser também tratadas como informação, que foram construídas e selecionadas para a transmissão. A informação quando aprendida por indivíduos, torna-se conhecimento que pode ser transmitida a outras pessoas como informação para a consideração dos sujeitos (Jarvis, 1999).

O conhecimento é a informação que é aprendida e aceite – embora não necessariamente verdadeiro, ou facto. Neste sentido, o conhecimento é sempre pessoal. Embora muitas pessoas possam aprender a mesma informação, o que lhe dá a impressão de objetivo, de facto, muitas vezes é intersubjetivo. A aparência de objetividade permite ligar indivíduos em comunidades - mas como a sociedade se torna mais aberta, há mais opções de aprendizagem, mais oportunidades para refletir e até mesmo mais oportunidades para o indivíduo criar o seu próprio conhecimento.

A sabedoria é o conhecimento adquirido através de uma grande quantidade de experiências, mas também os conhecimentos adquiridos através da ação repetida, através do pensamento e da contemplação. A ideia de uma sabedoria prática pode ser encontrada nos escritos de Aristóteles, que afirmou que esta é uma forma de conhecimento a ser encontrado entre os adultos (Jarvis, 2001).

Podemos então concluir que o conhecimento é algo que não se consegue transferir de uma pessoa para outra (Freire, 1998), e é criado e construído por cada sujeito, através de uma reflexão crítica (Dewey, 1919; Freire, 1970). A experiência e a prática são os principais instrumentos para envolver as pessoas num processo de reflexão crítica (Dewey, 1919) e neste processo ficamos preparados para conseguir transformar o nosso quadro atual de referências e criar conhecimento novo (Mezirow, 1991). Também ninguém constrói conhecimento na independência absoluta e no isolamento total dos outros. Somos forçados a aprender continuamente, mas já que o conhecimento muda com grande rapidez, é difícil continuar a concebê-lo em termos de

proposições verdadeiras, disponíveis para serem aprendidas e memorizadas, passando, em vez disso, a ser considerado e utilizado no caso de ser apropriado (Jarvis, 2001).

Kuhn e Dean (2004) caracterizaram o conhecimento declarativo como uma ampla compreensão epistemológica, ou a compreensão do aprendente sobre o pensar e o saber em geral. Schraw e colaboradores (2006) retratam o conhecimento declarativo como o conhecimento sobre si mesmo enquanto aprendente e quais os fatores que podem influenciar o seu desempenho, enquanto Paris e Winograd (1990) defendem o processo de autoavaliação como a reflexão sobre o conhecimento pessoal.

Já o conhecimento procedimental envolve a consciência e a gestão da cognição, na qual se inclui o conhecimento sobre as estratégias (Cross & Paris, 1988; Kuhn & Dean, 2004; Schraw *et al*, 2006). Este conhecimento refere-se ao “saber fazer” e integra as técnicas, estratégias e procedimentos adotados em determinadas situações para alcançar objetivos precisos (Peralta & Rodrigues, 2006). Os procedimentos constituem sequências ordenadas de passos necessários para alcançar uma meta, resolver um problema ou produzir algo (López, 2000).

Schraw e colaboradores (2006) também distinguem o conhecimento cognitivo condicional, que é o conhecimento de quando e porquê utilizar determinada estratégia. Os autores ressaltam que o conhecimento cognitivo tende a melhorar com a idade, e sugerem ainda que o conhecimento cognitivo não precisa ser explícito para que as pessoas possam acedê-lo e usá-lo.

Além destes, também identificam o metacognoscimento, assente na reflexão crítica sobre as aprendizagens efetuadas e na análise crítica do modo como se realizaram essas aprendizagens (Peralta & Rodrigues, 2006). O conhecimento *metacognoscitivo* engloba o conhecimento estratégico, o conhecimento sobre tarefas cognitivas, o conhecimento contextual e condicional, e o autoconhecimento. E serão estas questões que analisaremos de seguida.

### 1.1.1 Metacognição e conhecimento metacognoscitivo

Flavell originalmente cunhou o termo metacognição no final de 1970 atribuindo-lhe o significado de “cognição sobre os fenómenos cognoscitivos”, ou mais simplesmente “pensar sobre o pensamento” (Flavell, 1979, p. 906). Descreveu o conhecimento cognoscitivo como o conhecimento sobre os pontos fortes e limitações cognoscitivas,

incluindo os fatores (internos e externos) que podem interagir para afetar a cognição. O autor classifica esse conhecimento em três tipos: (1) o conhecimento sobre a “pessoa” inclui o conhecimento sobre o sujeito e a natureza humana, (2) o conhecimento da “tarefa”, que inclui o conhecimento sobre as exigências de diferentes tarefas e (3) o conhecimento da “estratégia”, que é o conhecimento sobre os tipos de estratégias que possam ser mais úteis para as aprendizagens.

Com o desenvolvimento da investigação neste campo, outros autores apresentaram definições que não fogem muito do sentido original de Flavell, definindo-a como o conhecimento e controlo que os aprendentes têm sobre o seu próprio pensamento e atividades de aprendizagem (Cross & Paris, 1988, p. 131) ou a consciência do próprio pensamento, a consciência do conteúdo das concepções da pessoa, a monitorização ativa dos próprios processos cognitivos, uma tentativa de regular os próprios processos cognitivos em relação a uma aprendizagem futura, e uma aplicação de um conjunto de heurísticas como um dispositivo eficaz para ajudar as pessoas a organizar seus métodos de resolução dos problemas em geral (Hennessey, 1999, p. 3), ou ainda, a consciência e gestão do próprio pensamento (Kuhn & Dean, 2004, p. 270) e a monitorização e controlo do pensamento (Martinez, 2006, p. 696). De acordo com Kuhn e Dean (2004) a metacognição é o que permite a um aprendente a quem foi ensinado uma estratégia num contexto particular para resolver determinado problema implementar essa estratégia num contexto semelhante, mas novo. Na psicologia cognitiva, a metacognição é muitas vezes definida como uma forma de controlo executivo que envolve monitorização e autorregulação (McLeod, 1997; Schneider & Lockl, 2002).

Schraw (1998) descreve, por sua vez, a metacognição como um conjunto multidimensional de competências gerais, ao invés, de um domínio de competências específicas. Essas competências são empiricamente distintas da inteligência geral e podem até mesmo ajudar a compensar *deficits* de inteligência geral e/ou conhecimento prévio sobre um assunto durante a resolução de problemas. A metacognição tem duas partes constituintes: o conhecimento sobre a cognição e a monitorização da cognição (Flavell, 1979).

Um componente importante da metacognição, para o nosso trabalho, é a monitorização da própria cognição, que muitos investigadores têm argumentado inclui atividades de planeamento, monitorização, regulação e avaliação (Cross & Paris, 1988). O planeamento, a identificação e seleção de estratégias, a alocação dos recursos

apropriados, e pode incluir a definição de metas, ativando o conhecimento já presente e a gestão de tempo. A monitorização ou regulação envolve estar atento e ciente do desempenho e compreensão da tarefa e pode incluir autoavaliação (Schraw et al., 2006, p. 114). Segundo Flavell (1979) as experiências metacognitivas permitem monitorar e regular a cognição e desempenham um papel importante no desenvolvimento e aperfeiçoamento do conhecimento metacognitivo.

Diversos teóricos da aprendizagem autodirigida sublinham que, para se compreender este constructo, é essencial considerar a dimensão psicológica da aprendizagem, onde os aspetos cognitivos e metacognitivos, tais como as funções executivas, a memória, a identificação e pesquisa de informação (Long, 1991), as estratégias de aprendizagem (englobando as atividades de organização, sequenciação e aquisição de informação), a focalização da atenção, a auto-monitorização do processo de aprendizagem e a regulação do mesmo (Garrison, 1997; Carré, 2000; Straka, 2002), desempenham um papel fundamental (Oliveira, 2005).

Os investigadores ligaram metacognição a uma série de outros constructos, incluindo a metamemória e o pensamento crítico. A capacidade de analisar argumentos, fazer inferências usando o raciocínio indutivo ou dedutivo, julgar ou avaliar, e solucionar problemas, levou Flavell (1979) e Martinez (2006) a afirmarem que o pensamento crítico é uma subcategoria da metacognição. Defendendo que a definição de metacognição deve incluir o pensamento crítico, já que “a avaliação crítica da origem da mensagem, a qualidade do recurso, e prováveis consequências necessárias para lidar com estas de forma sensata” pode levar a “decisões sábias na vida do aprendiz ” (p. 910).

Assim, os teóricos da aprendizagem autodirigida sublinham que os aprendentes com maiores capacidades metacognitivas conseguem aprender mais eficazmente, porque são mais autónomos e autorregulados nas suas aprendizagens, conseguem monitorar melhor o seu progresso, e identificar as áreas em que têm de melhorar, bem como se revelam capazes de ajustar adequadamente a sua aprendizagem.

Para entendermos a aprendizagem autodirigida, devemos ter em atenção os estímulos e respostas resultantes da ação de um conjunto de processos cognitivos e metacognitivos (a perceção, a atenção, a memória, o pensamento, a escolha, a ação, etc.), que são mobilizados, tendo em vista alcançar um determinado objetivo, ou resolver um problema (Morgado, 1998). Na base da aprendizagem autodirigida estão, pois, os processos psicológicos internos do sujeito, que decorrem da sua estrutura

cognitiva, sendo esta última a estrutura decisiva, interveniente em qualquer processo de aprendizagem (Oliveira, 2005).

## 1.2. Características Principais da Sociedade da Aprendizagem

A *sociedade da aprendizagem* pode ser abordada como uma aspiração e como uma descrição (Hughes e Tight, 1995). Por um lado é apontada como mudança necessária para os estados e regiões se manterem competitivos dentro de uma economia cada vez mais globalizada, por outro lado, é usada para descrever as transformações presentes nas sociedades pós-industriais e a centralidade da informação e do conhecimento como recurso cardeal das novas estruturas sociais.

A *sociedade da aprendizagem* aparece como uma filosofia educativa advogada pela OCDE (2000) que enquadra a educação como uma peça-chave no desenvolvimento económico das nações, e que defende que a educação deve transcender a sua esfera formal de aprendizagem para se estender a ambientes informais de aprendizagem de modo a manter uma economia baseada no conhecimento, ou uma “cultura de educação mundial” (Spring, 2009). Grande parte do esforço feito nos últimos anos para tentar conter o aumento do desemprego na Europa não tem surtido efeitos duradouros. Os postos de trabalho criados na sequência de períodos de maior crescimento económico não reverteram as tendências de longo prazo. O desemprego de longa duração continua a aumentar e a disseminação da exclusão social, especialmente entre os jovens, tornou-se um grande problema na nossa sociedade.

A educação e formação surgem agora como o último recurso para enfrentar o problema do emprego. No entanto, não podemos esperar que a educação e a formação só por si possam compensar todas as falhas do sector económico. A educação e a formação não podem resolver o problema do emprego por sua conta própria ou, de modo mais geral, o problema da competitividade das indústrias e serviços. A chegada da *sociedade da informação*, têm impulsionado as possibilidades de acesso à informação e conhecimento para as pessoas, mas ao mesmo tempo, como consequência, mudou a organização do trabalho e as competências a adquirir. Esta tendência tem aumentado a incerteza para todos e tem levado a situações de exclusão.

É claro que as novas oportunidades disponíveis necessitam de um esforço de cada um para adaptar-se, em particular na construção de qualificações dos próprios com

base no conhecimento adquirido em diferentes épocas e em várias situações. Neste sentido a sociedade do futuro será, portanto, uma *sociedade da aprendizagem*.

O uso da expressão e a defesa da necessidade de uma *sociedade da aprendizagem* remonta ao último lustro da década de sessenta, conferindo centralidade à aprendizagem, face ao crescente aumento proporcional do tempo livre e à aceleração da mudança (Hutchins, 1968). Era necessário olhar para a ideia de que a aprendizagem estava no coração da mudança devido a dois fatores essenciais, o aumento da proporção de tempo livre e da velocidade da mudança. Estoutra exige formação contínua, e aqueloutro torna isso possível (p. 130). Esta expressão também se encontra no relatório de Faure (1972) que defende que a aprendizagem envolve toda a vida, no sentido de espaço como de tempo e diversidade, sendo que a Educação deveria transcender as instituições de ensino até se chegar a uma sociedade de aprendizagem. O conhecimento tem crescido em volume e muda rapidamente, de modo que Senge (1990) sugere que, talvez, pela primeira vez na história da humanidade se produz mais conhecimento do que as pessoas podem absorver. No cerne de toda esta produção e disseminação do conhecimento estão as tecnologias de informação, que indubitavelmente trouxeram mudanças e tornaram célere todo este processo de globalização. Nesta nova fase da internet 2.0. a *web* e a colaboração entre utilizadores proporcionaram uma visão do que é possível. Podemos ver que esta mudança toma forma na colaboração alavancada pela internet, permitindo quebrar barreiras em todo o mundo e proporcionar o acesso à informação em qualquer lugar, a qualquer hora e continua a crescer. Educação e tecnologia andarão de mãos dadas, com a rede para servir como plataforma para o que chamamos de *sociedade da aprendizagem*.

A eficácia e a maneira como as pessoas se envolvem na aprendizagem ao longo da vida através da *web* pode ser um indicador de como podemos aproveitar o poder da rede para conectar e envolver aprendentes e educadores, e de como promover o acesso aos recursos coletivos e ao conhecimento. Os sistemas tradicionais de educação por si só, apesar do papel essencial que têm desempenhado, e continuarão a desempenhar, na aprendizagem, simplesmente não são capazes de satisfazer as crescentes necessidades do mundo e das pessoas (Hutchins, 1968). A explosão do conhecimento, impulsionada pelo poder da internet para conectar as pessoas e difundir ideias, mudou a própria natureza da aprendizagem.

As novas tecnologias podem aumentar as possibilidades de aprendizagem ao longo da vida, têm o potencial de melhorar o acesso, intensificar e difundir o processo

de criação de conhecimento. Algumas tecnologias fazem mais do que isso, permitindo a criação de comunidades de alunos de todas as idades conectados, sem ter em conta a geografia.

Subjacente à expressão *sociedade da aprendizagem* está a *visão* de uma ‘sociedade boa’ (Jarvis, 2001). Este conceito indica tratar-se de uma sociedade educada, comprometida com a cidadania ativa, democrática, tolerante e que fomenta a igualdade de oportunidades, que promove uma cultura de aprendizagem ao longo da vida, que pretende desenvolver alunos motivados, empenhados, que estão preparados para vencer os desafios e os imprevistos do amanhã, assim como os de hoje. Promove a aprendizagem para todos, e considera que ninguém deve ser excluído. Reconhece que as pessoas aprendem de forma diferente, e há um esforço para envolver novos parceiros dos setores público, privado e ONG’s. Desenvolve novas relações e novas redes entre os alunos e os diferentes atores educativos. Fornece a infraestrutura universal que ajuda o aprendiz a ter sucesso, sendo esta, cada vez mais, uma infraestrutura virtual. Suporta os sistemas de inovação contínua e de feedback para desenvolver conhecimento do que funciona e em que circunstâncias. A *sociedade da aprendizagem* deve garantir o acesso a uma infraestrutura de partilha do conhecimento, e a autoestrada da *sociedade da aprendizagem* é sem dúvida a internet. Facilitar o acesso a oportunidades de aprendizagem e ao conhecimento é fundamental, isto significa fornecer serviços de internet de alta qualidade e a baixo custo (e por vezes sem custo) em casa, no trabalho, em movimento, e em espaços públicos.

## 2. A Educação de Adultos e a Aprendizagem ao Longo da Vida

Aprender é uma atividade tão antiga quanto a humanidade e é uma parte inevitável da vida. Desde tempos imemoriais que os seres humanos tiveram de aprender e adaptar-se de forma a otimizar as suas hipóteses de sobrevivência e de forma a lidar com as mudanças no habitat. Com efeito, em muitos sentidos, é esta propensão para aprender que nos confere as nossas qualidades humanas. Muitas das aprendizagens são inevitáveis, muitas acidentais e não planeadas, no entanto encontramos uma complexa rede de aprendizagens intencionais. Muita da aprendizagem é planeada, facilitada por terceiros e tem lugar em instituições como escolas, faculdades, universidades e centros de formação. Contudo uma grande parte da aprendizagem, às vezes originada pela

curiosidade, outras vezes como resposta a imperativos externos, é em grande parte auto-planeada e autogerida.

Todos nós nascemos num grupo social e aprendemos a ser membros de uma família, de um grupo, de uma comunidade. Somos socializados nesse grupo, interiorizamos a sua cultura e adquirimos identidades, mas, ao mesmo tempo, à medida que amadurecemos, exteriorizamos os nossos processos interiorizados e tornamo-nos os portadores da cultura para a próxima geração. No entanto, uma vez que não interiorizámos a experiência inicial sem alguma forma de aprendizagem (transformação) não passamos o mesmo conteúdo que temos interiorizado, a mudança ocorre através da nossa aprendizagem e da transmissão cultural (Jarvis, 1995). Para sobreviver, a humanidade teve de dominar e recriar a natureza, e por esta razão o homem experimenta o mundo. O homem age porque se encontra privado de um ambiente natural, ao qual esteja adaptado. A reestruturação da natureza para servir as suas necessidades chama-se cultura e o mundo da cultura é o mundo humano. Cultura, portanto, é uma "segunda natureza". A natureza reestruturada do homem (Gehlen, 1988, p. 29). Podemos então afirmar que o homem enquanto integrante e produtor de cultura estará sempre envolvido em atividades de aprendizagem nos vários contextos em que se move e ao longo da sua vida. A aprendizagem ocorre durante toda a vida e a Educação não pode ser vista como uma coisa finita, uma "preparação" para a vida, mas deve ser vista como uma parte da própria vida.

Na modernidade a educação de adultos, enquanto prática organizada, tem as suas raízes históricas no trabalho experimental realizado durante o século XIX. É um subproduto da era científica, da revolução industrial e de uma democracia nascente. Os períodos mais ativos da história da educação de adultos foram sempre aqueles em que houve maior rapidez na mudança (Peers, 1958). É nestes períodos de rápidas mudanças que o conhecimento adquirido informalmente ou através dos processos educativos habituais se pode tornar rapidamente obsoleto ou inadequado e necessita de constantes atualizações.

De acordo com Sutton (1996) e também Osório (2003), a expressão educação ao longo da vida surge pela primeira vez, em língua inglesa, nos anos 20 do século passado. Entre 1920 e 1970, a educação ao longo da vida estava intimamente ligada à educação popular e aos movimentos educativos dos sindicatos. O objetivo era a formação dos trabalhadores, proporcionar-lhes o acesso a uma educação formal, aumentando a influência dos sindicatos, construindo a sua base ativista. É claro que o

principal objetivo destas iniciativas não era a preparação dos adultos para as tarefas do trabalho. As suas razões eram, sobretudo, de natureza cultural, social e política (Kallen, 1996), facultando aos novos trabalhadores o acesso à cultura e ao conhecimento. A emancipação social e cultural, o poder cultural, uma cultura democrática e popular, e um novo humanismo eram as palavras de ordem dos movimentos de educação popular e de educação dos trabalhadores.

Os trabalhadores reclamavam conhecimento porque o conhecimento era poder, para eles, a educação de adultos apresentava-se como uma dinâmica de mudança social (Kempfer, 1953). Nesta altura a educação de adultos ainda não era encarada como um processo que decorre durante toda a vida, e tratava-se, na sua maioria, de oferecer oportunidades aos adultos que por diversas razões não conseguiam obter uma educação formal, era ainda uma educação recorrente de segunda oportunidade.

A educação de adultos emerge associada a processos emancipatórios, focalizada nos valores humanistas e no *empowerment* das pessoas. Facilitadora de liberdade (Freire, 1977), a educação não pode ser vista como um processo neutro e deve recusar o conformismo, cognitivo e comportamental, do socialmente prescrito (Jarvis, 1995). A educação é vista como um motor para a transformação e para a construção social, estando associada a modelos que visam uma sociedade mais justa e igualitária. A educação é assim entendida como geradora de mudanças culturais, sociais, económicas e políticas.

Nos meados dos anos sessenta, o Conselho da Europa introduziu o tema da educação permanente, considerado como um “conceito fundamentalmente novo e abrangente”, um padrão de educação global, capaz de fazer face ao rápido crescimento das necessidades individuais cada vez mais diversificadas de jovens e adultos, no âmbito da educação da nova sociedade europeia (Council of Europe, 1970, p. 9). Lengard (1970) publica o relatório *Une introduction à l'éducation tout au long de la vie*, afirmando que a Educação não pode ser encarada como algo exterior, que se acrescenta à vida, como algo que se adquire, mas pertencente ao domínio do ser. Chamando a atenção para a aceleração das transformações sociais e para a importância dos tempos livres, o que permitiria, através do desenvolvimento da educação permanente, pensar a constituição de uma “sociedade educativa”. Ou seja, pretendia-se que a educação fosse um instrumento da vida, alimentado pela contribuição das vivências e experiências, que preparasse os homens para enfrentarem com êxito as tarefas e as responsabilidades da sua existência (Lengard, 1975). Esta visão filia-se nos

escritos de Dewey, que considerava o homem em continuidade com o seu meio, não existindo dois polos separados (o homem e o meio), mas uma transação contínua entre ambos, ao longo da vida, que ia sendo marcada pelo aparecimento de descontinuidades e pela criação de novas continuidades. Esta transação entre o homem e o seu meio seria a educação (Dewey, 1919). Estas ideias aparecem contidas num relatório publicado pela UNESCO, *Aprender a Ser* (Faure, 1972), que representou no pensamento sobre educação um ponto de viragem e que serviu como enquadramento central das políticas educativas para os anos que se seguiram, quer para os países industrializados, quer em vias de desenvolvimento. Subjacente ao conceito de educação permanente contido neste relatório, estão os seguintes pressupostos: a) o homem é um ser inacabado; b) uma sociedade em mudança exige uma educação permanente; c) não faz sentido manter a tradicional separação entre educação formal, não formal e informal, dadas as suas múltiplas interdependências. Esta consciência do “inacabamento humano” é o que, segundo Freire (1970), permite ir mais longe, ultrapassando uma visão adaptativa do homem ao mundo, “a consciência do mundo e a consciência de si como ser inacabado necessariamente inscrevem o ser consciente da sua *inconclusão* num permanente movimento de busca” (P. 64). É esta incompletude que define os seres humanos e simultaneamente lhes permite a transformação constante de si próprios e do mundo, “ser humano é ser ator no mundo e procurar guiar o seu próprio destino. Ser livre, ser um ator no mundo significa conhecer a sua própria identidade e perceber como esta é influenciada pelo contexto social e pelo ambiente” (Elias e Merriam, 1980). Aprender a ser traduz então a necessidade do homem, para além de adquirir conhecimentos, ao longo da vida, ser ele próprio produtor de conhecimento. Neste relatório apresentam-se linhas para a educação do homem moderno e a necessidade de prolongar a aprendizagem à totalidade do tempo e dos espaços da vida, permitindo assim uma distribuição mais equitativa das oportunidades educativas, tendo em vista uma *sociedade da aprendizagem*. Defende-se a integração dos contextos de aprendizagem formais e não formais e um conceito de democratização como a necessidade de remover barreiras que possam impedir o acesso de todos à educação e um maior envolvimento dos aprendentes na gestão dos seus processos educativos. Knowles (1984) considera igualmente os aprendentes com capacidade de regular o seu processo de aprendizagem, devendo a finalidade da educação ser a promoção da autonomia e a responsabilização dos adultos na gestão das suas aprendizagens. Este documento concebe a educação como um processo global e dá grande relevo à ideia de que o processo educativo é

coincidente com o ciclo de vida dos indivíduos, sendo a construção da pessoa uma dimensão essencial desse processo (Jarvis, 2006). O conceito de educação permanente apresenta-se assim como uma nova forma de entender a educação, ao questionar as próprias raízes do sistema educativo, ao integrar e articular todas as estruturas e passos da educação, ao considerar e reconhecer a educação formal mas também a educação não formal e informal, ao supor uma educação contínua ao longo de toda a vida de acordo com as necessidades de cada etapa e idade, ao não admitir a separação entre educação escolar, não escolar e extraescolar e ao favorecer tanto a adaptação do indivíduo à sociedade como a sua capacidade em transformá-la. Conceitos também expostos no relatório Delors, *Educação: um tesouro a descobrir*, produzido sob a égide da UNESCO, que defende um desenvolvimento mais ambicioso da pessoa humana. De acordo com este relatório, o conceito sofre uma ligeira alteração passando a ser denominado por educação ao longo da vida, o que significa a “construção contínua da pessoa humana, dos seus saberes e aptidões, da sua capacidade de discernir e agir” (Delors, 1996, p. 17) que leva as pessoas a um conhecimento dinâmico do mundo, dos outros e de si mesmas e que ultrapassa as adaptações relacionadas com as alterações da vida profissional, ao combinar as quatro aprendizagens do aprender a fazer, aprender a viver com os outros, aprender a conhecer e aprender a ser.

A aprendizagem ao longo da vida teve grande aceitação por parte das entidades políticas e organizações internacionais (UNESCO, OCDE) como estratégia para reformar os sistemas de educação e formação, nomeadamente a partir dos anos 90 do século XX. É nesse momento que os termos “educação” e “aprendizagem” ao longo da vida começam a diferenciar-se. O conceito aprendizagem ao longo da vida posiciona-se num contexto totalmente diferente, e os ideais humanistas de Faure são substituídos pela luta contra o desemprego e a competitividade como principais prioridades, que visam a adaptação às inovações tecnológicas, a organização do trabalho e à globalização dos mercados. A aprendizagem ao longo da vida passa a ser encarada, pela União Europeia, como a “solução” para a competitividade da sua economia no mercado global (Hake, 1999). Os estados passam a assumir a responsabilidade pela qualificação inicial (ensino obrigatório) e tendencialmente a distanciar-se dos outros sectores e modalidades de educação. Esse papel fica a cargo do mercado ou outras entidades que, em articulação com o estado, garantem a aprendizagem ao longo da vida. A visão humanista da aprendizagem ao longo da vida foi substituída por outra com um forte enfoque económico (Rubenson, 2004). O desenvolvimento do capital humano, a ciência e a

tecnologia são identificados como importantes meios para aumentar a produtividade, substituindo ideais como a igualdade de oportunidades e o desenvolvimento pessoal. Conceitos como a avaliação, controle e eficiência de custos assumiram uma maior relevância, ao que Lima (2001) qualifica de “orientações reformistas de inspiração neoliberal” (p. 44). A ideia de uma força de trabalho qualificada com as competências necessárias foi central para a mudança na forma como a aprendizagem ao longo da vida foi encarada pelos organismos europeus. No *Livro branco sobre a educação e a formação* defende-se o investimento no “recurso humano”, para “aumentar a competitividade global” (comissão das comunidades Europeias, 1995, p.6). Assistimos, com o aparecimento do conceito de aprendizagem ao longo da vida, à afirmação da noção de *empregabilidade*, que designa a capacidade dos trabalhadores em desenvolver e atualizar os seus conhecimentos e competências de forma a poderem manter o seu emprego, ou, pelo menos, um emprego, durante a sua vida profissional. A noção de adultos autodirigidos, e de aprendizagem autodirigida, aparece aqui associada a esta ideia de responsabilização dos indivíduos pela sua própria formação e pelo decorrente sucesso ou fracasso do seu desempenho profissional. A capacidade de ser autodirigido é fundamental para sobreviver e prosperar num mundo de contínuas mudanças pessoais, comunitárias e sociais (Caffarella, 1994). Entre as novas competências a capacidade de auto-aprendizagem é sem dúvida importante, para o empregado da tecnologia moderna, a sua aprendizagem terá de ser permanente, autónoma e autodirigida (Carré, 1997). A aprendizagem ao longo da vida “ênfatisa o aprender a aprender e promove nos educandos as características pessoais necessárias para as aprendizagens subsequentes, incluindo a motivação e a capacidade para o envolvimento na aprendizagem autogerida e independente” (Hassan, 1992, p. 35).

Quando o estado assume um papel mínimo face ao protagonismo atribuído às empresas e ao mercado, a ideia de escolha passa a ser central, fruto de estratégias e opções individuais, típicas de clientes e consumidores de serviços educativos. Estes são prestados segundo os estilos de vida, as culturas de aprendizagem, os interesses e as capacidades aquisitivas de cada indivíduo. O desemprego redefine-se então como um problema de aprendizagem que deve ser resolvido por cada indivíduo, dado ser considerado como um problema típico das pessoas *deseducadas* (Nóvoa, 2002). Posteriormente, o *Memorando sobre aprendizagem ao longo da vida* (2000) procurando articular objetivos de promoção da cidadania ativa e o fomento da empregabilidade, concede um grande protagonismo ao conceito de “oportunidades de aprendizagem”, de

forma relativamente independente dos contextos de educação e formação, acentuando a ideia que “a aprendizagem ao longo da vida é uma questão que afeta o futuro de todos, de forma perfeitamente individualizada” (Comissão das comunidades europeias, 2000, p. 3). Encontra-se aqui patente, uma vez mais, a responsabilização dos indivíduos pelo seu processo de formação e educação, na aquisição de “competências para competir”, com o objetivo de conseguir uma adaptação funcional à economia e ao mercado, visando uma maior competitividade da Europa no contexto do mercado global (Lima, 2001). Ao ‘forçar’ as pessoas a tomar decisões, por sua conta e risco, perante muitas situações, onde a incerteza abunda, confrontando-as com o resultado dessas decisões, pode promover a *reflexividade*. Segundo Jarvis (2001) numa “sociedade moderna reflexiva”, a aprendizagem individual é, “em grande parte, autónoma” e ocorre, “para além das oportunidades de aprendizagem oferecidas pelas instituições educativas” (p. 20).

De acordo com o nosso ponto de vista, atribuir demasiada responsabilidade aos cidadãos, no plano individual e na responsabilização do sujeito pelo desenvolvimento do seu “potencial”, pela atualização da sua formação e das suas competências, enquanto sujeito ator na “construção da sua qualificação” enquadra-se numa perspetiva de educação permanente com imperativos ao serviço da competitividade e não como um direito dos indivíduos (Stroobants, 1998). Esta perspetiva ignora questões importantes que têm que ver com desigualdades sociais, culturais e cognitivas que não decorrem apenas da responsabilidade individual. O papel dos estados e governos face à globalização, aos mercados e às novas tecnologias mudou quanto a muitas funções sociais e económicas, tornando-se mais estratégico e menos orientado para políticas no sentido mais tradicional do termo. A Europa vive um momento social e político complexo, a crise e a recessão económica levaram a um aumento do desemprego e a cortes brutais no sector da educação, ao abandono de políticas e programas de educação de adultos e aprendizagem ao longo da vida. De acordo com Castells (1998), a crescente complexificação destas sociedades e o progresso tecnológico acarretaram novos problemas e desafios relacionados com a educação da população adulta. Às velhas questões, relacionadas com as elevadas taxas de analfabetismo e a sua erradicação, através de políticas de educação que garantissem a escolaridade mínima obrigatória a uma faixa cada vez mais alargada da população, sucederam-se novas questões, que se ligam diretamente com a forma como os indivíduos fazem uso das competências

adquiridas, quer pela via formal de ensino, quer pela via informal das aprendizagens através das experiências quotidianas (Gomes, 2003).

O desenvolvimento das tecnologias de informação, e a necessidade da Europa em se afirmar como sociedade fundamentada no conhecimento para fazer face à mudança rápida e ao desafio da globalização, têm condicionado as oportunidades das pessoas para aprender ao longo das suas vidas. Estas questões políticas e económicas são alvo de reflexão no presente trabalho por considerarmos estarem intrinsecamente implicadas nas práticas educativas adotadas pelos governos, e que se podem efetivar num garante de igualdade de oportunidades por parte do estado social, ou por outro lado, podem resultar em situações de exclusão. Perante este cenário, como vimos anteriormente, aquando do nascimento da educação de adultos como prática organizada, e como veremos mais à frente, no caso das teorias críticas da educação, toda a educação e a aprendizagem ao longo da vida, estarão sempre dependentes de escolhas políticas, que influem na igualdade de oportunidades de aprendizagem para todas as pessoas. Vale a pena recordarmos as palavras de Bertrand Russel (1988), quando nos diz que quase toda educação tem uma motivação política, propõe-se fortalecer um grupo, nacional, religioso ou social na competição com outros grupos. É esta motivação o que principalmente determina que matérias são ensinadas, que informação é apresentada e que informação é ocultada e que determina os processos cognitivos que se esperam que os aprendentes cultivem. Ou, como nos diz Foucault (1996), todo o sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo. A educação é um mecanismo de reprodução social (Giddens, 2002) do *status quo* dos grupos privilegiados, com meios e poder económico para aceder a mais oportunidades de educação ao longo da sua vida, e cada vez mais, é necessário que seja um instrumento emancipatório e de desenvolvimento das pessoas e das sociedades.

É preciso garantir a igualdade de oportunidades para que todas as pessoas possam aprender ao longo da vida e construir percursos válidos e positivos para as suas vidas, para o seu desenvolvimento enquanto pessoas. Mas promover a igualdade de oportunidades não é, de facto, deixar as pessoas entregues à sua capacidade de solucionar situações de exclusão, educação ou empregabilidade, mas antes fornecer e impulsionar iniciativas de aprendizagem ao longo da vida, para que as pessoas possam optar entre várias soluções que lhes permitam adquirir as competências fundamentais para a construção do seu percurso. Segundo dados contidos no relatório conjunto de

2008 do Conselho e da Comissão Europeia sobre a aplicação do programa de trabalho "Educação e Formação para 2010 - Aprendizagem ao longo da vida ao serviço do conhecimento, da criatividade e da inovação", a participação de adultos na aprendizagem ao longo da vida não conseguiu atingir o valor de referência comunitário. Mais esforços serão necessários para elevar o nível de qualificações da população e para obter a flexibilidade e a segurança em todo o mercado de trabalho. Em 2006, 9,6%, em média, dos europeus entre os 25 e os 64 anos de idade participavam em atividades de educação e formação, o que revela um ligeiro decréscimo relativamente a 2005. O quadro geral esconde um grande desequilíbrio: os adultos com um nível de habilitações elevado têm seis vezes mais probabilidades de participar na aprendizagem ao longo da vida do que os adultos com baixos níveis de qualificações. A reduzida participação na aprendizagem ao longo da vida por parte dos trabalhadores mais idosos e das pessoas pouco qualificadas torna-se ainda mais problemática quando as taxas de participação da população em geral já são baixas. Verifica-se, além disso, uma forte concentração de pessoas pouco qualificadas entre as populações migrantes. As tendências da demografia e do mercado de trabalho vão levar a um aumento da procura de qualificações elevadas e a menos oportunidades para os pouco qualificados (Conselho da União Europeia, 2008). É essencial aumentar a oferta e a procura de oportunidades de aprendizagem, principalmente para os que menos beneficiaram de ações educativas e de formação. Todas as pessoas deveriam ser capazes de seguir percursos de aprendizagem da sua escolha, em vez de serem obrigadas a trilhar caminhos pré-determinados conducentes a destinos específicos. Implica isto, simplesmente, que os sistemas de educação e formação deverão adaptar-se às necessidades e exigências individuais e não o contrário. Como vemos, e somos levados a concluir perante estes dados, sem programas e iniciativas que promovam uma verdadeira efetivação da sociedade da aprendizagem, e que, sem as condições necessárias, de ordem institucional, social e pessoal, para o envolvimento e motivação das pessoas para a educação permanente e para a aprendizagem ao longo da vida, esta torna-se inviável enquanto mera questão pessoal e individual.

A excessiva responsabilização dos indivíduos na gestão das suas oportunidades de aprendizagem pode contribuir para o acentuar das desigualdades existentes, especialmente na era digital, entre quem tem acesso e é capaz de tirar proveito das novas tecnologias e entre quem ou não tem acesso ou não possui os recursos que permitam utilizar as novas tecnologias em seu benefício. Um dos riscos desta perspetiva

de subjugar a educação e aprendizagem ao longo da vida apenas a finalidades profissionais e de competitividade económica, é reduzir os processos de aprendizagem dos indivíduos a meios para assegurar a capacidade produtiva de cada um de nós. E com isto existe um maior risco de excluir minorias e indivíduos que não possuam os meios económicos, pessoais, cognitivos, sociais ou outros que lhes permitam aceder a oportunidades de aprendizagem. Faz-se o elogio do aprendente ‘responsável’ e ‘sensato’, criticando simultaneamente aqueles que não são capazes de tomar conta da sua própria vida, ou seja da sua própria formação (Nóvoa, 2002).

Do nosso ponto de vista é necessário centrar a atenção nos processos de aprendizagem e na formação do sujeito como ator social, principalmente sobre os aspetos não formais, informais, não institucionalizados e auto-organizados da aprendizagem. A capacidade de aprender através da experiência é de uma importância capital numa sociedade que coloca o ênfase na educação permanente dos seus membros e que espera que continuem a aprender ao longo de toda a vida. Se entendermos a educação e a formação na perspectiva de processos emancipatórios, não se podem nunca reduzir à ação desenvolvida pelas instâncias exteriores à pessoa, pois dizem respeito ao processo pessoal de aprendizagem, intrinsecamente articulado com as dinâmicas de desenvolvimento da pessoa. A educação libertadora é incompatível com uma pedagogia que de maneira consciente ou mistificada, seja prática de dominação. A prática da liberdade só encontra expressão adequada numa pedagogia em que o oprimido seja capaz de descobrir-se e conquistar-se, reflexivamente, como o sujeito do seu próprio destino histórico (Freire, 1970). A Educação tem que ser emancipatória e deve começar com a suposição de que seu propósito principal não é a "ajustar" os alunos à sociedade existente. Em vez disso, o seu principal objetivo deve ser estimular as paixões, imaginação e o intelecto para desafiar as forças sociais, políticas e económicas que pesam tanto nas vidas das pessoas (Giroux, 1983). A educação deve ser sempre continuada, permanente, ao longo da vida, ou não é educação. Deve ser libertadora e transformar o aprendente num agente proactivo, que pensa, age, e usa a palavra como arma para transformar a realidade.

## 2.1 O humanismo

O humanismo defende o desenvolvimento do Homem, o bem-estar e a dignidade como o fim último de todo o pensamento e ação humana, que vai além da religião,

ideologia, nacionalidade e valores. Tem uma longa tradição filosófica e moral, desde os antigos profetas bíblicos, os filósofos gregos, mas também expressões mais recentes como a Declaração Universal da ONU dos Direitos Humanos e os Direitos da Criança. O compromisso do humanismo consiste numa conceção de homens e mulheres, como seres autónomos e racionais, implica um respeito fundamental para com todos os seres humanos em virtude de serem dotados de liberdade de escolha, pensamento racional, consciência moral, imaginação e criatividade. De um ponto de vista sociopolítico, consiste numa ética universal da igualdade humana, da reciprocidade e da solidariedade e de uma ordem política da democracia pluralista, justa e humana. No âmbito pedagógico, consiste no compromisso de ajudar todas as pessoas a compreender e aperfeiçoar as suas potencialidades. Historicamente, a educação humanista pode ser observada desde os tempos de Atenas clássica, com sua noção central de *Paideia*<sup>1</sup>, e alguns séculos mais tarde, nos tempos da Roma antiga com a noção central de *Humanitas*<sup>2</sup>. Até o século XVIII, educação humanista e educação liberal - *studia humanitatis* e *artes Liberales* - eram sinónimos, designando a educação apropriada para um homem livre. O objetivo de tal educação era a realização plena e digna da vida humana com a promoção da cultura e do espírito cívico.

O humanismo na psicologia surgiu como uma reação às teorias da psicanálise e do behaviorismo. Por um lado, o foco no inconsciente da psicanálise tinha ignorado os pensamentos e experiências subjetivos, por outro, os seres humanos têm controlo sobre as suas respostas, não sendo meros fantoches do condicionamento. Estas novas teorias focaram-se no que era ser humano em toda a sua plenitude. Rogers (1959) e Maslow

---

<sup>1</sup> Na sua abrangência, o conceito de paideia não designa unicamente a técnica própria para, desde cedo, preparar a criança para a vida adulta. A amplitude do conceito inclui também o resultado do processo educativo que se prolonga por toda a vida, muito para além dos anos escolares. A *Paideia*, vem por isso significar "o estado de um espírito plenamente desenvolvido, tendo desabrochado todas as suas virtualidades, o do homem tornado verdadeiramente homem" (Marrou, 1966, p. 158).

<sup>2</sup> A palavra *humanitas* foi usada por Cícero para descrever a formação do orador ideal, considerando que este deveria ser educado para possuir de uma coleção de virtudes aptas para a vida ativa e o serviço público. Seria uma pessoa confiante do seu valor, cortês com os outros, de conduta social decente e ativo no seu papel político. *Humanitas* era um estilo de pensamento, e não uma doutrina formal.

(1943) foram dos que se rebelaram contra as limitações da psicologia comportamental e psicodinâmica. Consideravam o crescimento pessoal e a realização na vida como uma motivação humana básica, que cada pessoa, de diferentes maneiras, procurava crescer psicologicamente e melhorar continuamente. No centro destas teorias humanistas estão as experiências conscientes subjetivas, do indivíduo. Os psicólogos humanistas argumentam que a realidade objetiva é menos significativa do que a percepção subjetiva da pessoa e a sua compreensão do mundo.

A força da abordagem de Rogers para a educação, está em parte no seu foco no relacionamento. A facilitação de aprendizagens significativas recai sobre algumas atitudes de qualidade que existem no relacionamento pessoal entre facilitador e aluno. Os princípios por ele identificados para uma aprendizagem significativa dizem-nos ser necessário um envolvimento pessoal do ponto de vista cognitivo e afetivo. A aprendizagem é uma descoberta pessoal com um impacto significativo no comportamento, nas atitudes ou na personalidade do aprendente. A essência da aprendizagem é o seu significado, uma vez que uma experiência de aprendizagem passa a fazer parte da experiência de cada indivíduo (Rogers, 1969).

O principal objetivo da educação humanista é o desenvolvimento da pessoa que permanece em constante atualização. Neste sentido, os conteúdos devem ser selecionados de acordo com esta finalidade, ou seja, devem corresponder às necessidades e interesses dos aprendentes, de forma a promoverem o desenvolvimento integral de cada indivíduo. A educação humanista pressupõe uma atividade centrada no aprendente, encarando-o como um ser único, com um conjunto de experiências e com necessidades individuais que vão, necessariamente, influenciar todo o processo educativo (Brockett, 2000).

Maslow (1954) apresentou uma hierarquia de necessidades que podem ser divididas em necessidades básicas (por exemplo, fisiológicas, segurança, amor) e as necessidades de crescimento (cognitivas, estéticas e auto-realização). O indivíduo deve satisfazer as necessidades básicas do nível inferior antes de avançar para o nível superior e satisfazer as necessidades de crescimento pessoal. Uma vez essas necessidades razoavelmente satisfeitas, pode talvez alcançar o mais alto nível de auto-realização. Todas as pessoas são capazes e desejam subir na hierarquia rumo a um nível de auto-realização, mas muitas vezes o progresso é interrompido, para satisfazer necessidades de nível inferior. As experiências de vida, por exemplo um divórcio ou a perda de emprego, podem fazer com que o indivíduo fique entre vários níveis de

hierarquia. Autorrealizar-se refere-se à necessidade de crescimento pessoal ao longo da vida de uma pessoa. Uma pessoa é sempre "Tornar-se" e nunca permanece em termos estáticos. Trata-se de encontrar um sentido para a vida da pessoa (Maslow, 1962). Em síntese, presente nestas duas perspectivas estão dois dos pressupostos essenciais para o pensamento humanista. O potencial de desenvolvimento individual, em que, os indivíduos são considerados os primeiros responsáveis pelo seu próprio desenvolvimento e crescimento pessoais. Na educação o papel do educador é o de facilitador, um guia para todo o processo educativo. A valorização da liberdade individual e da responsabilidade, justifica a importância fulcral do aprendente no processo educativo. Neste sentido, cabe ao aprendente a construção e a gestão do próprio currículo, identificar as próprias necessidades e interesses educativos. O principal responsável pelo processo de educação é o próprio aprendente, que será então livre nas decisões acerca do que quer e quando quer aprender. Destaca-se a importância da capacidade de auto-aprendizagem para a pessoa, enquanto sujeito central no processo de aprendizagem.

Influenciada pelas teorias vindas da psicologia humanista, a concepção da andragogia de Knowles é uma tentativa de construir uma teoria abrangente (ou modelo) da aprendizagem de adultos e que está ancorado nas características dos aprendentes adultos Merriam & Caffarella (1991). Knowles faz uso de um modelo de relação defendido pela psicologia humanista, em particular, as qualidades de uma boa facilitação defendida por Rogers. Para Knowles, a andragogia tem como premissa pelo menos cinco pressupostos cruciais sobre as características dos adultos que são diferentes dos pressupostos sobre a criança, em que a pedagogia tradicional se baseia:

- a) Autoconceito – à medida que uma pessoa amadurece o seu autoconceito passa de uma personalidade dependente para a de ser um ser humano autodirigido.
- b) Experiência – com a maturação, uma pessoa acumula um reservatório crescente de experiências que se tornam um recurso cada vez maior para a aprendizagem.
- c) Disponibilidade para aprender – a prontidão para aprender torna-se cada vez mais orientada para as tarefas de desenvolvimento de seus papéis sociais.
- d) Orientação para aprendizagem – uma pessoa amadurece e a sua perspectiva temporal muda, passa de uma perspectiva da aplicação do conhecimento adiada, para um imediatismo da aplicação do conhecimento, e conseqüentemente a sua orientação para a aprendizagem muda também, da centralidade do conteúdo da aprendizagem para assumir a centralização no problema.

e) Motivação para aprender – com a maturação a motivação para aprender é interna. (Knowles, 1984).

O ponto em que uma pessoa se torna um adulto psicologicamente, é o momento em que a pessoa se percebe como totalmente autodirigida. E nesse ponto, que também experimenta uma profunda necessidade de ser percebido pelos outros como sendo autodirigido (Knowles, 1984). O modelo andragógico surge então associado a uma contradição do modelo pedagógico, a andragogia é, também, a arte e a ciência de ajudar os adultos a aprender, por oposição à pedagogia como arte e ciência de ensinar as crianças. Baseia-se noutros pressupostos de aprendizagem e de ação com os adultos, sendo por isso necessário um salto qualitativo no momento de estudar, compreender e praticar a educação de adultos (Osório, 2003). Do ponto de vista da andragogia, o conhecimento é construído ativamente pelo aprendente e a aprendizagem é um processo interativo de interpretação, integração e transformação do mundo experiencial de cada um, porque a um nível mais profundo da existência humana adulta, aprender sistemática e continuamente também contribui para a atribuição de um sentido biográfico ao percurso individual de cada um. Os pressupostos da andragogia evidenciam os principais aspetos a considerar na intervenção educativa com adultos, a qual deve ser ajustada às suas necessidades e eficaz nos resultados que se pretende alcançar (Canário, 1999; Knowles, 1984).

A finalidade da educação humanista será o desenvolvimento integral do aprendente, que nesta perspetiva, é visto com uma pessoa aberta à mudança e em constante processo de aprendizagem. Os aprendentes são encarados como indivíduos que têm uma necessidade constante de aprender, de se atualizarem para se sentirem realizados e felizes. Deste modo, a educação humanista propõe finalidades educativas que não se limitam à preparação dos indivíduos para a vida numa determinada sociedade ou num determinado contexto histórico e cultural.

## 2.2. A pedagogia Crítica

Embora a expressão “teoria crítica” tenha sido originalmente usada pela Escola de Francoforte, surgiram hoje em dia várias reflexões filosófico-políticas ou “teorias críticas” da educação, com algumas diferenças nas suas bases teóricas. As teorias da educação referem-se ao processo de formação humana e à pedagogia, como ciência da e

para a educação, referem-se à compreensão teórica e prática desses processos educativos e formativos, ou seja, referem-se aos saberes e modos da ação voltados para a formação humana (McLaren, 2000). A teoria crítica da educação e a pedagogia crítica, então, referem-se a determinadas formas de pensar o ato educativo e a prática educativa concreta, tendo as relações entre a educação e a sociedade como problematização permanente. Neste sentido, a pedagogia crítica diz respeito à teoria e à prática do processo de apropriação de conhecimentos, ideias, conceitos, valores, símbolos, habilidades, hábitos, procedimentos e atitudes para a emancipação dos sujeitos e a transformação das relações de dominação nas sociedades desiguais (McLaren, 2000).

À pedagogia crítica interessa sobretudo saber como é que as pessoas utilizam narrativas e discursos para a aquisição de conhecimentos, o que está dependente da subjetividade anteriormente adquirida pelo aprendente. Cada aprendente tem a sua história pessoal como um sujeito ativo do conhecimento e este contexto funciona como pano de fundo no qual a nova informação, as novas ideias e as novas interações irão surgir. São objetivos da pedagogia crítica: o comunicar e o transformar. O conceito de comunicar, como aqui é entendido, assenta nos princípios democráticos de que as decisões devem ser tomadas por todos os intervenientes e de que a participação de todos é um processo altamente enriquecedor. A esta conceção de comunicação está subjacente o conceito de democracia, essencial à pedagogia crítica. A democracia é um ideal cheio de possibilidades e que deve ser visto como uma luta pela liberdade e pela dignidade humana (Giroux, 1991).

Outro pressuposto da pedagogia crítica é o objetivo da justiça social. Neste sentido a pedagogia crítica procura provocar mudanças na sala de aula mas também identificar e ensaiar estratégias que consciencializem os aprendentes a envolver-se em mudanças sociais para além da sala de aula. Segundo esta perspetiva, a pedagogia crítica deve ter uma preocupação central com a ética, entendida como uma luta contra a desigualdade e como um discurso para expandir os direitos humanos básicos. Em termos curriculares, o *curriculum* não deve ser encarado como um texto sagrado e daí que seja possível criar práticas pedagógicas abertas à troca de ideias, à proliferação do diálogo e a condições materiais de expressão individual e de liberdade social (Giroux, 1991).

Tanto Freire como Habermas apresentam alguma resistência ao que recentemente se tornou o objeto dominante nas políticas educativas: a racionalização da educação com o pretexto da otimização do desenvolvimento económico. Por outras

palavras, resistência ao facto de os temas da equidade e da formação cultural terem dado lugar a estratégias orientadas para a resolução de exigências económicas, aparentemente mais urgentes.

A premissa fundamental da pedagogia crítica é a de que, da história de relações sociais presentes na formação tanto do formador como do adulto, emergem obstáculos cruciais à aprendizagem. Esses obstáculos são na sua maioria invisíveis pois encontram-se interiorizados no *self* dos participantes e reproduzem-se nas relações que definem a educação como atividade social. O termo específico para descrição dessas relações é o de estrutura de dominação, não se referindo, ao contrário do que acontece com o termo opressão, às relações de poder e de força visíveis e imediatas. Neste sentido, mais específico que se encontra na teoria crítica e em formas de psicologia social com ela relacionadas, dominação diz respeito às dimensões latentes e estruturais do poder, particularmente aquelas que são inconscientemente reproduzidas pelos indivíduos nas suas vidas quotidianas.

O compromisso fundamental do educador crítico é fortalecer o poder e transformar as condições que perpetuam a injustiça humana e a desigualdade (McLaren, 2000). Este objetivo está intimamente ligado ao cumprimento do que Paulo Freire (1970) define como a nossa "Vocação"- essencial segundo ele, para se criar agentes sociais verdadeiramente humanizados no mundo. Assim, uma função importante da pedagogia crítica é criticar, expor e desafiar o impacto da escola na vida política e cultural dos aprendentes. Os educadores devem reconhecer a escola como capaz de reunir conhecimento e poder, através desta função trabalhar para influenciar ou impedir a formação de reflexão crítica e indivíduos socialmente ativos. Ao contrário de perspetivas tradicionais de ensino que se afirmam neutras e apolíticas, a pedagogia crítica entende toda a teoria da educação como intimamente ligada a ideologias influenciadas pelo poder, política, história e cultura. Dada esta visão, as funções da escola são entendidas como uma luta em curso sobre o que será aceite como conhecimento legítimo e cultura. De acordo com esta noção, a pedagogia crítica deve abordar seriamente o conceito de política cultural e tornar estas experiências culturais desafios que compõem as histórias e realidades sociais que, por sua vez, compreendem as formas e os limites que dão sentido à vida do adulto (Giroux, 1988).

A pedagogia crítica é uma abordagem de ensino que tenta capacitar os aprendentes a questionar e desafiar a dominação, as crenças e as práticas dominantes. Por outras palavras, constitui uma proposta teórica e prática que pretende ajudar as

peças a alcançarem uma consciência crítica. Tenta capacitar os aprendentes para desafiar os hábitos de pensamento, leitura, escrita, e do discurso que estão subjacentes ao significado inicial. Desafiando as primeiras impressões, mitos dominantes, discursos oficiais, clichés tradicionais, e meras opiniões, a fim de compreender o significado profundo, as causas, o contexto social, a ideologia e as consequências pessoais de qualquer ação, evento, objeto, processo, organização, experiência, texto, assunto, política, meios de comunicação, ou discurso (Shor, 1992). Alcançar uma consciência crítica ("conscientização") é um passo necessário antes da praxis, que é definida como a energia e *know-how* para desenvolver/adotar ações contra a dominação, sublinhando a importância da educação libertadora. Isto implica para o aprendente envolver-se num ciclo de teoria, reflexão, avaliação, e aplicação, para depois voltar para a teoria. A transformação social é o produto da praxis num nível coletivo. O objetivo é transformar pessoas e capacitá-las a não serem meros objetos da educação, para alcançarem a sua própria autonomia e emancipação. Nesta visão, os aprendentes devem agir de forma que lhes seja possível transformar as sociedades e esta transformação só pode ser alcançada através de uma educação emancipatória. Através do questionar e da problematização da educação na vida dos aprendentes, estes aprendem a pensar criticamente, fomentando-se assim o desenvolvimento de uma consciência crítica que ajuda a melhorar as suas condições de vida, e a tomar as medidas necessárias para construir uma sociedade mais justa e equitativa. A conscientização é um processo contínuo pelo qual um aprendente se move em direção à consciência crítica. Este processo é o coração da educação libertadora. Este conceito difere de "tomada de consciência" que pode envolver a transmissão do conhecimento pré-selecionado. A conscientização permite romper com as mitologias prevalentes para alcançar novos níveis de consciência, em especial, a consciência de opressão, como sendo um "objeto" dos outros em vez de um sujeito com "vontade de autodeterminação". O processo de conscientização envolve uma identificação das contradições na experiência, através do diálogo e permite ao sujeito tornar-se parte do processo de mudar o mundo (Freire, 1998). Uma das mais-valias da pedagogia crítica, enraizada na teoria social crítica, tem sido a análise do sistema de ensino no seu contexto histórico como parte integrante do tecido social e político que caracterizam as sociedades dominantes. Criticando a função da escola como um espaço de mobilização social e económica, propõe que a escolarização deve ser analisada e encarada como um processo histórico e cultural no qual os aprendentes são posicionados numa estrutura de relações assimétricas de poder que levam à constituição

de grupos tendo por base as questões da etnia, classe social e género. Uma das maiores funções da pedagogia crítica tem sido o desafiar a função reprodutiva da escola e o seu papel na vida política e cultural das sociedades. Os pensadores críticos acreditam que qualquer prática pedagógica genuína exige um comprometimento com uma transformação social e a solidariedade com os grupos oprimidos e marginalizados da sociedade.

## Conclusão

Ao longo deste capítulo verificamos que as sociedades contemporâneas estão imersas em grandes transformações. A disseminação da informação em quantidades astronómicas e com potencial para chegar a todo o lado é um fenómeno resultante da globalização, mas também de um novo paradigma que influencia as relações laborais e que inevitavelmente lança inúmeros desafios à educação, e em particular, à educação de adultos. A informação e o conhecimento tornaram-se a matéria-prima das sociedades ocidentais atuais e a sua atualização é constante. Existem agora novos desafios importantes a considerar, a capacidade de democratização do acesso à informação que poderá apresentar-se como um aspeto positivo, na medida em que pode ser emancipatória e fomentar o debate público de assuntos importantes. Talvez até recuperando e dando um novo alento à esfera pública de Habermas, que durante muito tempo tinha sido eclipsada pelos meios de comunicação em massa. No entanto, para garantir que tal aconteça é preciso que a informação seja de qualidade e que se mantenha fora das pressões políticas, económicas ou de mercado, entre outras. A internet pode ter um papel fundamental neste campo, visto ainda ser um meio relativamente livre, construído por pessoas, para as pessoas, que usam as comunidades virtuais como espaço aberto e livre para o debate de ideias e onde existe criatividade e inovação. No entanto, a informação *per se* não é suficiente para que consideremos as sociedades atuais como sociedades da aprendizagem ou do conhecimento. E por esta razão consideramos mais apropriado o termo sociedade da informação. Hoje em dia, colocam-se grandes desafios aos cidadãos, para lidar com tanta informação, com as novas tecnologias, com a capacidade para aprender ao longo da vida, processar e transformar informação em conhecimento e ainda conseguir combater o desemprego numa época recessiva. São necessárias competências por parte dos indivíduos para fazerem uma triagem entre informação e informação de qualidade, mas também uma

apropriação eficaz, e necessária para a transformar em conhecimento, em algo útil, passível de ser aplicada ao longo da vida do sujeito. O conhecimento apresenta várias dimensões, distingue-se da informação, e pode ser abordado sobre várias concepções epistemológicas. A metacognição como estratégia é útil para a construção do conhecimento, para a compreensão dos mecanismos internos, subjacentes aos processos de aprendizagem, o que resultará em aprendizagens mais eficazes e mais autónomas, competências essenciais para vingar nas sociedades contemporâneas onde a informação e o conhecimento mudam com grande rapidez sendo necessária a constante adaptação do indivíduo. O conhecimento metacognitivo apresenta ainda várias relações com a aprendizagem autodirigida e com o pensamento crítico. A sociedade da aprendizagem é ainda um conceito utópico nas nossas sociedades, já que as características necessárias para a sua implementação ainda estão longe de sair do papel e serem uma realidade para a maioria dos países, nomeadamente no contexto atual de crise e devido aos inúmeros cortes nos orçamentos que se verificam nas áreas educativas, um pouco por toda a Europa.

A aprendizagem é algo que está presente em todas as sociedades e ao longo da vida da pessoa. No entanto, assistimos como a reformulação do conceito de aprendizagem ao longo da vida, tem tentado satisfazer as necessidades económicas e laborais das sociedades ocidentais globalizadas, em grande medida pelas agências internacionais, passando de um conceito com uma forte base humanista e emancipatória, para a quase e total responsabilização individual dos indivíduos pela sua aprendizagem, empregabilidade e oportunidades de formação. Estas questões trouxeram condicionantes vários à ação dos cidadãos em todos os domínios anteriormente referidos educação e formação ficou sujeita a imperativos comerciais, em parte pela reformulação do papel do Estado social, que se afasta do seu papel de garante de igualdade de oportunidades para todos e que entrega aos mercados todas as modalidades educativas que vão além a escolaridade obrigatória. Observamos que este panorama pode gerar graves situações de exclusão, já que nem todas as pessoas estão em pé de igualdade no que diz respeito às condições necessárias de acesso quer às novas tecnologias, quer a oportunidades de aprendizagem. Esta visão não tem em conta as condicionantes económicas, sociais e cognitivas, entre outras, que limitam e condicionam as pessoas no acesso a oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Por último, dedicámos a nossa atenção às teorias humanistas e às teorias críticas da educação para reforçarmos a visão de que a educação é uma ferramenta para a mudança

social, e que o sujeito deve ser encarado e promovido enquanto ator social, mais do que objeto de imperativos económicos, e que estes nunca devem condicionar a educação, correndo-se o risco de se perder a capacidade emancipatória dos processos educativos, e relegando os sujeitos para um papel passivo, ao serviço de uma educação que não serve os interesses dos aprendentes. Como vemos o aprendente, neste tempo, terá de ter capacidades de autodireção da sua aprendizagem, encarado como uma forma de se adaptar às rápidas mudanças das nossas sociedades, mas também ser o construtor do seu conhecimento e do seu percurso educativo, que, na nossa opinião, será a forma mais eficaz de se envolver em aprendizagens ao longo da vida e assumir o seu papel de cidadão proactivo comprometido com a mudança para uma sociedade mais inclusiva e mais justa para todos. No entanto não o poderá fazer sozinho, o estado e a sociedade devem fornecer as estruturas que promovam a igualdade de acesso às oportunidades de aprendizagem e que permitam que os indivíduos possam ter alternativas, possam escolher e optar pela solução que mais lhes convém no momento.

## Capítulo II - Da web 1.0 à web 2.0 – Internet e aprendizagem

### Introdução

Neste capítulo refletimos sobre o fenómeno *internet* e o seu papel nas sociedades contemporâneas, a sua relação com a aprendizagem, a informação e a pessoa idosa.

Primeiramente apresentamos uma breve história da internet, como surgiu e que fatores influenciaram o seu desenvolvimento, que mudanças trouxe para a vida das pessoas em diversas áreas. Em segundo lugar, de que forma internet se apresenta como uma mais-valia enquanto plataforma para a aprendizagem, em particular para a aprendizagem autodirigida e ao longo da vida. De seguida refletimos sobre as questões de exclusão que estas tecnologias comportam e se processam em alguns grupos da sociedade e como podemos pensar estratégias para combater a infoexclusão. Em quarto lugar, refletimos sobre as novas formas de lidar com a informação e o conhecimento dentro da cultura digital da internet e de como estas questões são importantes para se pensar o futuro da rede como uma plataforma inclusiva e potenciadora de oportunidades de aprendizagem. Por último, tentamos compreender a utilização destas tecnologias de informação e comunicação, nomeadamente a internet, por parte das pessoas idosas, que vantagens e dificuldades apresentam no processo de envelhecimento, e que fatores podem condicionar a sua utilização, tendo por base a investigação produzida neste campo.

#### 1. Breve história da internet

No auge da Guerra Fria, em 1958, é fundada a *Advanced Projects Agency* (ARPA) pelo departamento de defesa dos Estados Unidos da América. O governo americano preocupado em manter intato todo o seu potencial defensivo e ofensivo dos ataques nucleares, desenvolveu uma rede de computadores (ARPANET) que tinha como objetivo garantir que, independentemente de qualquer ponto de ataque, a rede asseguraria a comunicação entre os grandes centros militares e de pesquisa americanos. Em 1969 os primeiros nós da rede ligavam as universidades da Califórnia em Los Angeles e em Santa Barbara, o Sandford Research Institute e a Universidade de Utah. O critério para o desenvolvimento desta rede foi a descentralização (Castells, 2000). Este projeto começou como um projeto militar e inspirou a arquitetura de comunicação da *internet* devido a estrutura da rede descentralizada; e ao poder computacional que é

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

distribuído através dos nós da rede; e pela redundância de funções para reduzir os riscos de desconexão (Castells, 2002).

Em 1972 ocorreu em Washington a primeira demonstração bem-sucedida da ARPANET. No ano seguinte, em 1973, é estabelecido o protocolo de transmissão TCP (Transmission Control Protocol). A ARPANET cresceu tanto nos anos seguintes que o protocolo original ficou incompatível, impossibilitando assim a comunicação com outras redes. Para que pudessem comunicar umas com as outras, as redes de comunicação precisavam de protocolos de comunicação padronizados. Foi necessário a criação de um protocolo que definisse de forma detalhada como os computadores deveriam estar conectados ou interligados. Este protocolo oficialmente chamado CP/IP – (Transmission Control Protocol)\ (Internet Protocol), resultou em 1978 num protocolo internacional e tornou-se num padrão que ainda hoje representa um standard comum para a Internet global. Segundo Berners-Lee (1999), antes disso, comunicar através da rede era difícil para quem não fosse um especialista em computadores. Uma pessoa teria de executar um programa para se conectar a outro computador e, em seguida, conversar (numa linguagem diferente), executar um outro programa diferente para aceder às informações. E mesmo quando os dados tinham sido transferidos de volta para o seu próprio computador, a descodificação podia tornar-se impossível. (Berners-Lee, 1999, pp 20-21)

Já na década de 1980 a ARPANET deixa de ser exclusiva do serviço militar ficando aberta a todas as pessoas interessadas. Passou a ser administrada pela National Science Foundation que providenciou a sua privatização. Desta forma, a maioria dos computadores dos Estados Unidos podiam entrar em rede através do protocolo TCP/IP e muitos fornecedores de serviços da Internet criaram as suas próprias redes, o que contribuiu significativamente para que a Internet se tornasse numa rede global de computadores (Castells, 2003).

Em 1990 a internet começou a alcançar a população em geral, como um sistema de redes interligadas com os seus conteúdos multimédia, graças à contribuição do cientista engenheiro Tim Bernes-Lee e ao CERN, (Conseil Européen pour la Recherche Nucléaire - Centro Europeu de Pesquisas Nucleares) que desenvolveram a World Wide Web, possibilitando a utilização de uma interface gráfica e a criação de sítios mais dinâmicos e visualmente interessantes. A partir deste momento, a internet cresceu em ritmo acelerado. Nas palavras de Castells (2002) “a internet nasceu da improvável interseção da ciência, da pesquisa militar e da cultura libertária”.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

A primeira geração da internet, conhecida como Web 1.0, era o monopólio das pessoas que possuíam conhecimentos na área de informática. Apesar de oferecer um acervo de informação a todos os que quisessem aceder, esta geração pode ser considerada como a geração do utilizador que, muitas das vezes, tinha que pagar pelos serviços (endereço eletrónico, sites de notícias, etc.) às empresas ponto.com (O'Reilly, 2005).

De entre as diferentes empresas que utilizavam a Internet, algumas potenciavam o contributo dos utilizadores para melhorar os seus produtos e serviços, iniciando-se a construção de uma arquitetura de participação, na qual a colaboração do usuário agrega valor. Surgem comunidades virtuais, nas quais o conteúdo é fornecido pelos usuários, que partilham arquivos, comentam, recomendam, pesquisam, comunicam *online*, e criam ligações para conteúdos de terceiros, interagem. Nas palavras de Campos (2007), estas comunidades especializam-se e aperfeiçoam ou complementam atividades do mundo não virtual, outras vezes são verdadeiras obras coletivas, como é o caso da Wikipedia. Esta arquitetura de participação veio diminuir a distância entre produtores e consumidores de informação, eliminando hierarquias, colocando-os em patamares iguais de colaboração e de construção de conhecimento. Este foi o ponto de partida para o nascimento da segunda geração da internet, conhecida como Web 2.0, e descrita por Musser e O'Reilly (2005), como um meio mais desenvolvido e distinto, caracterizado pela participação dos utilizadores, abertura, e efeitos de rede.

### 1.1. Web 2.0 uma plataforma para a aprendizagem

A Web 2.0 não tem limites rígidos, mas sim um núcleo gravitacional. Segundo O'Reilly (2005) pode ser entendida como um conjunto de princípios e práticas que agrupam várias aplicações que permitem ao utilizador inferir nos seus conteúdos, funcionando à semelhança de um sistema solar de *sites*, que se posicionam a distâncias diferenciadas do centro. Permite agregar vários conteúdos criados pelos utilizadores, formando uma verdadeira teia de conexões, servindo como um portal para o trabalho coletivo, transformando a Web numa espécie de cérebro global. É criada através de uma arquitetura colaborativa, na qual os utilizadores associam valores, partilham conhecimentos através de uma tecnologia que permite o trabalho sob a lógica de redes. Os efeitos resultantes das contribuições dos utilizadores são a chave na era Web 2.0., o utilizador controla seus próprios dados, o utilizador tem o poder de gerir os seus dados, com o objetivo de alcançar toda a Web e não somente parte dela (O'Reilly, 2005). É

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

baseada em serviços, o aparecimento de *sites* de serviços impulsionam os gestores e criadores de plataformas web, a manterem uma base diária de atualizações contínuas e dinâmicas, como forma de responder a centenas de milhões de consultas de utilizadores. Os utilizadores na Web 2.0, são vistos como cocriadores, porque podem contribuir com informações tornando os *sites* mais ricos, pois o valor está na colaboração e não na restrição. Uma outra característica da Web 2.0 é o facto de não estar limitada à plataforma dos computadores, podendo integrar serviços entre dispositivos portáteis, telemóveis, servidores de Internet, etc.

Observamos uma mudança nas diversas formas de lidar com a informação e com o conhecimento, que constantemente podem ser revistos e atualizados, exigindo da sociedade um novo olhar sobre as formas de conceber o saber, tendo em vista que o conhecimento que outrora era válido por um período de tempo maior, com o advento da Web 2.0, sofre constantemente modificações e atualizações. Isso é possível graças ao número de ferramentas disponíveis na nova geração da internet, que parece não ter limites no acesso, na produção e na proliferação da informação. Esta *quase* infinita possibilidade de renovação levou necessariamente a que se equacionassem as suas múltiplas possibilidades de aplicação no campo educativo, como forma de promover aprendizagens mais significativas e contextualizadas. De acordo com Candy (2004), poucos setores da sociedade têm sido tão entusiásticos ou tão inovadores no uso das tecnologias digitais, quanto os sectores da educação e formação, incluindo escolas, faculdades e universidades. Na Web 2.0 todos podem contribuir para a construção do saber, numa lógica de “arquitetura de participação” (O’Reilly, 2005) que sempre foi a sua essência original. A utilização das tecnologias digitais veio potenciar a criação de ambientes inovadores, em que a comunicação, a interação e a colaboração assumem um papel central. O desenvolvimento dos *media* sociais e do *software* livre impulsionaram a ideia de aprendizagem em rede (Benkler, 2006), criando a necessidade do desenvolvimento de uma nova teoria de aprendizagem que representasse a essência do processo e papel das redes na construção do conhecimento e na aprendizagem (Siemens, 2005). No caso de ambientes de aprendizagem *online*, estamos muitas vezes perante a criação de contextos de grande riqueza pedagógica, relacional, psicossocial, cultural, entre outras, em que paradigmas diferentes de ensino e aprendizagem podem facilmente coexistir. A Web 2.0, através do *software* social, integra um enorme potencial quando utilizado na aprendizagem informal. As redes sociais, os *blogs* e os espaços de partilha de documentos têm um enorme impacto sobre o que fazemos, como aprendemos e

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

como adquirimos novos conhecimentos (Kirah, 2008). A interação *online* com outras pessoas, especialmente as que desenvolvem um trabalho semelhante, constitui um tipo de aprendizagem informal dos mais habituais e valorizados (Cheetham & Chivers, 2005). Os modelos de *blended-learning* permitem gerir a aprendizagem formal, a formação *online*, jogos e simulações, etc., e a aprendizagem informal, comunidades de prática, autogestão dos conhecimentos e da informação, tutoria, entre outros (Rosemberg, 2001). Estas modalidades virtuais de aprendizagem implicam, necessariamente, que a pessoa queira aprender e, especialmente, que saiba gerir o seu percurso pessoal de aprendizagem, com recurso às ferramentas que vão surgindo todos os dias (Seixas, 2007).

Brown (2008, cit por Mota, 2009) afirma que a Web 2.0 tem potencial para mudar radicalmente a natureza do ensino e da aprendizagem e, através da criação de redes de aprendizagem controladas pelos aprendentes, questionar o papel tradicional das instituições educativas. Os modelos de aprendizagem baseados no *software* social podem facilitar a evolução do “aprender sobre” para um “aprender a ser” (Brown & Duguid, 2000, cit por Mota, 2009). A apropriação dos dados pelo aprendente atribuindo um significado à aprendizagem é conseguida com ajuda dos aspetos tecnológicos, das ferramentas de *software* social e da agregação de fontes múltiplas de informação. A web 2.0. permite ao utilizador ter acesso, configurar, manipular e organizar conteúdos e materiais digitais, relacionados com as suas experiências de aprendizagem. Permite reunir, num único espaço, todas as informações, conteúdos e recursos multimédia, que se relacionem com as aprendizagens que o indivíduo se encontra a realizar. A internet pode fomentar o poder e autonomia do utilizador, da colaboração e da partilha *online*, da aprendizagem permanente e ao longo da vida, atribuindo importância e valor à aprendizagem informal, e às potencialidades da rede como espaço de socialização, de conhecimento e de aprendizagem. Esta tecnologia poderá ser, em termos educativos, a mais bem-sucedida desde as galáxias de Gutenberg e de Marconi, através da combinação e integração de texto, áudio e vídeo, e permitindo a interação entre utilizadores. As redes de comunicação têm potencialidades para construir uma “comunidade aprendente no ciberespaço” (Pinheiro, 2003, p. 313) e para provocar a emergência de uma quarta geração no ensino designada por “aprendizagem em rede” (Gomes, 2004, p. 160). A *internet* possui ferramentas tanto cognitivas como sociais, que modificam a nossa forma de comunicar, interagir e aprender (Jonassen, 2007). Surgem novas formas de comunicação mediadas pelas tecnologias digitais que, pouco a pouco,

estão a substituir a comunicação presencial (Dijk, 1999). A *internet* faz parte da nossa vida social, converteu-se num “instrumento para a organização social, da ação coletiva e da construção de sentido” (Castells, 2004, p. 76). A história da criação e desenvolvimento da *internet* demonstra a capacidade que as pessoas têm de transcender metas institucionais, superar barreiras burocráticas e subverter valores estabelecidos. A cultura da *internet* foi “construída sobre a crença tecnocrática no progresso humano através da tecnologia” e é posta em prática “por comunidades que prosperam num ambiente de criatividade tecnológica livre e aberta, assente em redes virtuais, dedicadas a reinventar a sociedade” (Castells, 2004, p. 83). Contudo, estas redes tanto podem excluir como integrar, como parecem comprovar estudos realizados com dados relativos aos EUA, onde se verificou uma relação entre os níveis de acesso à *internet* e as fontes sociais da desigualdade. As conclusões mostram uma diferenciação no acesso entre os grupos de maior e os de menor rendimento económico, e exclusão segundo o género, a situação étnica, o nível de habilitações académicas, a deficiência, o carácter geográfico (áreas urbanas e não urbanas) e de certos grupos de baixo rendimento económico, nomeadamente, as crianças. No entanto, de uma maneira geral, nota-se que em relação ao acesso à Internet, e para cada grupo social, os índices de convergência estão a aumentar, exceto no que diz respeito à “desigualdade racial que continua a constituir o traço distintivo dos EUA e provavelmente de outros lugares, na Era da Internet” (Castells, 2004, p. 293). Na opinião do autor do estudo, a *internet* “não é apenas uma tecnologia: é o instrumento tecnológico e a forma organizativa que distribui o poder da informação, a capacidade de gerar conhecimento e a capacidade de ligar-se em rede em qualquer âmbito da atividade humana” (p. 311).

### 1.2. Infoexclusão

A ideia que estes novos *media* chegam a todo o lado, oferecendo inúmeras oportunidades a cada indivíduo para aceder à informação e ao saber, não tem em conta que o uso depende da medida em que se supera o analfabetismo funcional informático. A mera existência de material tecnológico em sala de aula e/ou disponível para os aprendentes e pessoas em geral, não significa necessariamente inovação. Pode até ser um grande retrocesso. Os computadores sozinhos não fazem nada, e se os aprendentes não sentirem à vontade suficiente ou não possuírem as competências mínimas para utilizar estas tecnologias, os putativos impactos das tecnologias tornar-se-ão inócuos.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

A infoexclusão define uma nova forma de exclusão nos países desenvolvidos, em que as dificuldades de acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) aumentam entre as pessoas com necessidades especiais ou em circunstâncias de maior vulnerabilidade. Nesta perspetiva, o conhecimento das novas tecnologias pode assumir, em si mesmo, uma nova forma de inclusão social, e que se torna imprescindível na adaptação à sociedade sob diferentes formas.

A infoexclusão é um fenómeno com origens variadas, não se limitando apenas à falta de conhecimentos a nível tecnológico, nem às faixas etárias mais avançadas. Não é só determinada pela capacidade económica ou a possibilidade de acesso à informação mas também pelo domínio da destreza necessária para enfrentar as novas tecnologias. Apesar da crescente democratização dos suportes informáticos que facilitam o acesso à informação, verifica-se que determinadas pessoas como os idosos, imigrantes, iletrados ou iletrados tecnológicos ficam de fora da atual sociedade de informação. Um dos novos requisitos no mercado de trabalho que se está a transformar num fator de exclusão social, é o acesso às novas tecnologias e neste sentido é inquestionável que a precariedade socioeconómica está relacionada com a fraca ou inexistente educação e qualificação profissional. Outro fator a considerar é a questão da formação dos professores, educadores e agentes educativos. É imprescindível formar adequadamente os educadores para a cultura digital, não basta a aquisição de competências básicas para o manuseamento das novas tecnologias, é necessário apostar na literacia digital dos educadores, para que estes possam ser sujeitos integrados na cultura digital e ter autonomia e liberdade para usarem as novas tecnologias digitais nas suas práticas educativas.

De acordo com os estudos levados a cabo pelo Obercom que apresentam uma síntese dos resultados de inquéritos realizados nos anos 2003, 2006, 2009 e 2011 (Obercom - Observatório da Comunicação, 2009; Obercom - Observatório da Comunicação, 2010), a visualização dos utilizadores da Internet em cada franja etária mostra-nos a real situação de inclusão/exclusão das pessoas mais velhas. Apesar do crescimento de utilizadores em todos os escalões etários, são as pessoas mais velhas as que menos fazem uso da Internet. O resultado do último inquérito realizado (2011) aponta uma percentagem de 23,9% das pessoas entre os 55 e os 64 anos como utilizadores da Internet, e apenas 5% para aqueles com 65 anos ou mais.

Numa sociedade que se adivinha cada vez mais informatizada a infoexclusão não é difícil, tendo em conta a velocidade com que as novas tecnologias se desenvolvem

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

e se instalam. O fosso existente entre os adolescentes, protagonistas desta sociedade de informação, e a restante população, é grande e tem tendência a aumentar. A realidade é que, no extremo, todos sofremos de um défice de conhecimento das novas tecnologias. Só que o nível de défice é bastante díspar no conjunto da nossa sociedade, e assim sendo esses saberes diferenciados distinguem-se em diferentes níveis de infoexclusão.

### 1.3. *Internet meme* – uma nova forma de lidar com a informação e o conhecimento

A *internet* trouxe-nos o acesso a documentos e informação de todo o tipo e também a certeza de que todo o conhecimento é incerto e pode ser revisto a qualquer momento (Giddens, 1991). A informação foi fulcral na criação da rede, e atualmente continua a ser uma das grandes questões da internet. Existem vários grupos e comunidades *online* que defendem e disponibilizam o acesso livre e gratuito à informação, acreditando que esta deve estar disponível para todas as pessoas. Estas comunidades especializam-se em arquivos audiovisuais, outras são bibliotecas virtuais, criadoras de *software* livre, e tudo isto construído em colaboração com diferentes pessoas, de diferentes idades, com variados percursos formativos, em diferentes países. Esta cultura da internet é imbuída pelo espírito libertário dos anos sessenta que esteve no cerne da sua criação (Castells, 2002) e mantém-se bastante ativa e diversa em múltiplas áreas. A internet introduziu novas de formas de lidar com o conhecimento e a informação. Uma das particularidades da *internet* neste âmbito é o conceito de *internet meme*. Dawkins (1976) referiu-se ao *meme* como uma ideia, comportamento ou estilo que se espalha de pessoa para pessoas dentro de uma cultura. Este termo foi utilizado para explicar como evoluíam e se disseminavam ideias e demais fenómenos culturais. O *meme* seria uma unidade que continha em si, ideias culturais, símbolos ou práticas, que poderiam ser transmitidos de uma mente para outra através da escrita, do diálogo, gestos, rituais ou outros fenómenos imitáveis, sugerindo uma analogia entre *meme* e *gene*, já que se auto-replicavam, mutavam e estariam sujeitos a pressões seletivas (Graham, 2002). Na *internet*, de acordo com Schubert (2003), o *meme* refere-se a um conceito que se espalha rapidamente de pessoa para pessoa, através da rede, maioritariamente, senão unicamente, através do uso do correio eletrónico, *blogs*, fóruns, redes sociais, mensagens instantâneas ou *sites* de *streaming* de vídeo. Estes conteúdos podem assumir várias formas, como imagens, vídeos, textos, notícias, que assumem na rede um aspeto viral e se propagam e disseminam muito rapidamente, sendo esta a sua principal

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

característica, a capacidade de chegar a todo o lado da rede, através de um comportamento imitativo. Assistimos muitas vezes a fenómenos que nasceram na *internet* que acabam por transcender a rede e tornarem-se fenómenos culturais globais. A circulação da informação é tanta, e tão rápida, o conhecimento muda tão depressa, que, muitas vezes, estes fenómenos imitativos de partilha na rede, resultam na propagação de todo o tipo de conteúdos, sem se cuidar da fiabilidade da informação. E aqui, relembramos as palavras de Bandura (1986) quando nos diz que os humanos aprendem também por vicariação e que a aprendizagem social é uma mímica espontânea, sem auto-questionamento e portanto replicável. Tantas mais vezes quantas mais forem observadas. Na *internet*, a aprendizagem também se faz com os outros, nas redes sociais e nas comunidades virtuais, e a informação é muitas vezes materializada e transformada numa comodidade que depois é trocada entre utilizadores. O que nos levanta questões quanto à descontextualização da informação, ao mimetismo da partilha e à ausência de pensamento crítico para analisar estes processos. A tendência recorrente para fazer copiar/colar da primeira informação que aparece no ecrã, porque se apresenta como apelativa já que se relaciona com o que procuram, ou porque foi partilhada por amigos, faz com que muitas vezes as pessoas não leiam, apenas vejam, não compreendam, apenas copiem. Muitas das pessoas não questionam a credibilidade dos conteúdos nem revelam um sentido crítico do que leem. Esta questão é problemática, pois o conhecimento não pode ser considerado uma ferramenta *ready made*, que podemos utilizar sem examinarmos a sua natureza. Da mesma forma, o conhecimento do conhecimento deve aparecer como necessidade primeira, que sirva de preparação para enfrentar os riscos permanentes de erro e de ilusão, que não cessam de parasitar a mente humana (Morin, 1999). Estas novas formas de trocar e partilhar informação que a *internet* introduziu no quotidiano das culturas contemporâneas apresentam-se problemáticas em questões ligadas com o conhecimento, com a sua utilização e apropriação e com a questão autoral e dos direitos de autor. Como nos diz Jarvis (1999) a Academia ainda apresenta alguma resistência a esta pressão das culturas e sociedades atuais, que atribuem valor ao conhecimento enquanto apropriado e útil, ao invés do valor intrínseco do conhecimento defendido pelos académicos. Como referimos, o *meme* como fenómeno imitativo, partilhado e modificado por qualquer pessoa, descarta por completo a questão autoral, assumindo-se como um produto livre e manipulável por e para qualquer pessoa. A colaboração, por exemplo, no desenvolvimento de *software* livre seria impossível, se este fosse protegido por direitos de autor, impedindo qualquer

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

peessoa de o modificar, atualizar, melhorar e disponibilizá-lo para todo o mundo. O conhecimento é atualizável a uma velocidade muito maior nas sociedades atuais, logo, estas questões são importantes quando pensamos como envolver as pessoas num processo de construção do conhecimento, de aprendizagens ao longo da vida, livre das imposições dos autores, das plataformas da *internet*, ou das empresas que pretendem deter a posse da informação e do conhecimento. Do nosso ponto de vista, terão de ser pensadas estratégias para lidar com estas situações que salvaguardem a propriedade intelectual dos autores, mas ao mesmo tempo permitam o acesso à informação e ao conhecimento de forma generalizada,

Como referimos anteriormente, o nascimento da *web 2.0* ocorre com a possibilidade de colaboração por parte dos seus utilizadores, de uma forma livre e gratuita, como é ainda o caso dos ambientes *online* mais utilizados na *internet*, por exemplo as redes sociais ou as plataformas de partilha de conteúdos. A sociedade de aprendizagem para se efetivar, enquanto realidade acessível a todas as pessoas, terá de passar, na nossa opinião, pela utilização da *internet* como plataforma e meio privilegiado para as aprendizagens. Quando pensamos a informação e o conhecimento, consideramos que estes não devem ter limitações de acesso, em particular numa sociedade que exige uma atualização constante e um repensar permanente do saber, numa altura em que a base de dados ERIC está a retirar da rede os documentos completos e quando a união europeia advoga que o acesso aberto a resultados de investigação impulsionará capacidade europeia de inovação. Existem algumas universidades que já disponibilizam os seus cursos completos *online*, e também alguns académicos como é o caso de Roger Hiemstra, que no seu sítio pessoal da internet, disponibiliza todo o seu trabalho, fruto da sua dedicação e investigação no âmbito da aprendizagem autodirigida. Também a União Europeia (2013) tendo noção desta questão importante, lança a plataforma *Massive Open Online Courses* (MOOC), começando por oferecer 40 cursos *online* gratuitos e acessíveis a todos, disponíveis em 12 línguas diferentes, com direito a certificação, apostando na aprendizagem autodirigida, permitindo aos aprendentes controlar a sua própria aprendizagem. Entretanto a oferta de cursos cresceu exponencialmente, assim como as várias universidades presentes.

A *internet* exige um novo tipo de aprendente capaz de formular e resolver problemas, procurar e interpretar a informação, adaptar-se a novas situações, trabalhar em equipa e estar sempre apto a aprender.

### 2.A pessoa idosa e a internet – envelhecer com as TIC

A par de todas as questões abordadas anteriormente, também o envelhecimento demográfico representa uma das principais características das sociedades atuais, sendo generalizável um pouco a todo o mundo.

Por um lado, a globalização do acesso à informação e ao conhecimento, características centrais das nossas sociedades, por outro lado, as mudanças demográficas das últimas décadas, nomeadamente o envelhecimento da população, representam desafios significativos que, tanto governos, organizações internacionais como os próprios cidadãos terão de enfrentar, e encontrar uma estratégia global (Comissão das Comunidades Europeias, 2006). Na opinião de Powell e Cook (2009), o crescente e generalizado envelhecimento da população representa uma das mais importantes alterações demográficas da história da humanidade, que merece hoje, e cada vez mais, especial atenção e prioridade inegáveis, pois é um fenómeno que acarreta consequências e alterações a vários níveis, que afetam toda a sociedade, devendo ser analisado individualmente e como um processo demográfico.

Para Bloom e Canning (2005), os últimos 150 anos foram um período incomum no que se refere a mudanças demográficas. O fenómeno denominado por “*baby boom*” ocorrido no rescaldo da 2ª Guerra Mundial criou importantes alterações na composição da pirâmide etária de muitos países, a redução das taxas de mortalidade infantil, as melhorias crescentes na prestação de cuidados de saúde e consequente aumento da esperança média de vida, influenciaram completamente o panorama demográfico, onde pela primeira vez na história da humanidade, temos populações com elevadas e crescentes taxas de dependência na velhice. A tendência para o aumento da proporção de pessoas idosas teve o seu início nos países industrializados e é nestes países que para já este fenómeno tem efetivamente maior significado. De acordo com projeções realizadas, alguns destes países podem ter mais avós do que jovens com menos de 18 anos.

A população idosa representava, em 2003, cerca de 16,8% do total da população residente em Portugal, tendo este valor aumentado para 17,6% em 2008, ultrapassando a média europeia no mesmo ano (16,5%) (INE, 2009). Dentro da população idosa, a percentagem é mais acentuada nos idosos mais velhos, uma vez que a população com 75 anos ou mais aumentou de 6,9% em 2001 para 8% em 2007 (INE, 2008).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Apesar dos esforços, a penetração das novas tecnologias na sociedade portuguesa continua ainda muito fraca. O ano de 2005 marca uma aposta clara na sociedade tecnológica, com a apresentação do Programa Nacional para a Sociedade da Informação, inserido no Plano Tecnológico, tendo como meta, chegar a 2010 com mais de 60% da população portuguesa a utilizar a *internet*. Mas neste campo, Portugal não diverge muito da realidade dos outros países da União Europeia, partilhando também as questões que envolvem as TIC e que colocam os idosos no grupo dos infoexcluídos.

Em termos de iniciativas europeias, a declaração de Riga, aprovada no âmbito da União Europeia (2006), numa cimeira subordinada à temática *ICT for an inclusive society*, teve subjacente um conjunto de pressupostos, dos quais evocamos aqui dois por os considerarmos importantes para o nosso trabalho, na medida em que se relacionam com as pessoas idosas e o uso das TIC. Desde logo o reconhecimento de que as TIC contribuem para o incremento da qualidade de vida dos cidadãos, promovendo oportunidades para uma maior participação e acesso à informação como forma de eliminar barreiras e discriminações, sobretudo para os cidadãos com necessidade especiais e para os cidadãos mais idosos. Outro pressuposto, foi o facto de apenas 10% dos cidadãos com mais de 65 anos de idade utilizarem a Internet. Como consequência, a política *eInclusion* emerge como uma tentativa de eliminar a existência desta fratura digital e para que as TIC venham a ser utilizadas de forma sistemática por todos os cidadãos (EU, 2006).

No programa “Envelhecer bem na sociedade da informação” integrado na iniciativa *i2010* (2007), salienta-se que “as TIC podem ajudar os idosos a melhorar a sua qualidade de vida, a manterem-se mais saudáveis e a viverem autonomamente por mais tempo”, realçando o papel que estas tecnologias oferecem, para que “os idosos se mantenham ativos no trabalho ou na comunidade a que pertencem. A sua experiência e competências acumuladas são uma mais-valia, especialmente na sociedade do conhecimento” (EU, 2007). Mas, ainda assim, estes programas não surtiram o efeito desejado, os adultos mais velhos são mais conservadores e relutantes e envolvem-se menos em atividades educativas ligadas aos computadores (Baracat & Marquie, 1994).

As TIC podem ajudar as pessoas idosas através de produtos (software, hardware e serviços) desenvolvidos para oferecer uma vasta gama de respostas às necessidades de perceção, comunicação, aprendizagem, processamento de informação, mobilidade e manutenção do estado de saúde (Harrington e Harrington, 2000), no entanto, tudo isto só será possível se a tecnologia, for fácil de usar e for disponibilizada a um custo

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

razoável. A questão da infoexclusão, como vimos anteriormente, é uma questão importante. Existem desigualdades económicas, de literacia digital, acessibilidade que afetam, em especial os cidadãos mais velhos e menos habituados a estas novas tecnologias, mas também questões individuais como o facto de as pessoas se sentirem mais ou menos confiantes nas suas capacidades para usar estas tecnologias. De acordo com os estudos de Candy (2004) é possível prever uma continuidade de confiança que vai desde aqueles que são bastante inovadores e aventureiros nas suas abordagens até àqueles que sofrem de um medo grave e debilitante chamado fobia de computadores (Fisher, 1991). A resistência ao uso do computador é mais comum entre os utilizadores mais velhos que não cresceram com estas tecnologias e que não conseguem encontrar as aplicações de forma intuitiva ou não têm tanta facilidade em aprender como os mais jovens. Os estudos de Simonson e colaboradores (1987) afirmam que 30% a 40% da população sofre de algum tipo de aversão a computadores (Tseng et al., 1998). E como seria de esperar, existe uma relação recíproca entre a ansiedade ao computador e o seu uso. Aqueles que apresentam maior ansiedade tendem a usar menos as tecnologias e aqueles que usam as tecnologias reduzem a ansiedade ao computador (Candy, 2004). Estas questões apresentam-se como um entrave à utilização destas tecnologias, por parte das pessoas idosas, e devem ser pensadas estratégias de forma a promover uma maior familiarização com as TIC. Nesta tarefa a educação de adultos apresenta-se como uma oportunidade com bastantes recursos. É importante que as pessoas desenvolvam uma “familiaridade apropriada com a tecnologia” que lhes permita “viver e lidar com mundo moderno” (Scher, 1984, p. 25), e torna-se imprescindível a aquisição de “competências e conhecimentos necessários para sobreviver e prosperar numa sociedade que é dependente da tecnologia para o tratamento de informações e resolver problemas complexos” (Hunter, 1984, p. 45).

As pessoas idosas institucionalizadas que utilizam a internet de modo eficiente, através do correio eletrónico ou outro tipo de acesso, apresentam estratégias positivas para combater a solidão, o aborrecimento, o sentimento de impotência e o declínio de capacidades cognitivas (Crary, 1999). Existem evidências de melhorias significativas na redução dos níveis de depressão, aumento da satisfação com a vida, funcionamento mental e melhoria nas atividades do dia-a-dia nos estudos efetuados com pessoas idosas institucionalizadas que utilizam a internet (McConatha, 2002). A utilização da internet pode aumentar a autoconfiança, a capacidade de aprendizagem e maior retenção de memória (Ogozalek, 1991), tem efeitos positivos no autoconceito e na autoavaliação das

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

peças idosas após a reforma (Xie, 2007). No entanto, quando falamos em pessoas idosas, não estamos a falar de um grupo homogéneo. Uma das diferenças entre pessoas idosas diz respeito ao género. A ambivalência relativamente a estas tecnologias prende-se com a relevância que estas tecnologias apresentam para a vida quotidiana das pessoas idosas em particular no caso das mulheres (Carpenter & Buday, 2007; Selwyn, 2004). O suporte familiar é apresentado como um fator importante para a utilização destas tecnologias e respetivas aprendizagens (Chu, 2010). No caso particular das mulheres os estudos indicam que estereótipos de género, já que o uso destas tecnologias é vista como uma atividade maioritariamente masculina, a ansiedade que resulta deste facto, o contexto social e atitudes negativas, apresentam-se como fatores adicionais que influenciam as mulheres a aprenderem (Bimber, 2000; Cooper, 2006; Hargittai & Shafer, 2006; Kennedy, Wellman & Klement, 2003; Liff & Shepherd, 2004). As mulheres diferem dos homens nas atitudes e motivações para utilizarem estas tecnologias (Hargittai & Shafer, 2006), apresentam competências limitadas no uso das TIC, uma menor confiança, um maior desconforto na sua utilização, os homens apresentam níveis de ansiedade relativamente mais baixos e uma atitude mais positiva, comparativamente com as mulheres (Durdell & Haag, 2002; Trauth, Nielsen & Von Hellens, 2003). Os homens investem mais tempo na utilização das TIC, quer por razões instrumentais, quer por razões recreativas, ao passo que as mulheres, apresentam uma utilização limitada e usam mais as tecnologias para fins sociais (Durdell & Hagg, 2002; Imhof, Vollmeyer & Beierlein, 2007; Kennedy et al.; 2003; Liff & Shepherd, 2004). Outra questão importante nas diferenças observadas pelos investigadores, prende-se com o suporte social disponível, verificou-se que existe uma correlação positiva entre o suporte e a autoeficácia na utilização as TIC, pessoas com maior suporte familiar apresentam também uma maior eficácia na utilização destas tecnologias (Rosland et al., 2008). O suporte familiar é especialmente importante no envolvimento das mulheres mais velhas na utilização destas tecnologias (Peterson et al., 2008), um suporte maior por parte das famílias aquando das atividades de aprendizagem com o computador, resultam numa atitude mais positiva por parte dos aprendentes relativamente à internet, e aumentam a utilização das tecnologias e uma maior confiança na utilização dos ambientes virtuais (Ren, 1999; Wu & Tsai, 2006).

### Conclusão

Ao longo deste capítulo percorremos o caminho que a rede tomou para chegar até aos tempos da web 2.0, uma plataforma de colaboração entre utilizadores e uma potencial vantagem para o campo da educação, nomeadamente na educação de adultos e na aprendizagem ao longo da vida. Nas aprendizagens não formais e autodirigidas. Constatamos que a informação e o conhecimento estiveram na origem da rede e que foram aspetos importantes que se mantêm até os dias de hoje como estruturais da utilização que as pessoas fazem destas tecnologias. No início o acesso estava apenas disponível a pessoas com conhecimentos técnicos para o fazer, mas com o crescimento da rede, ela evoluiu para uma plataforma colaborativa e construída pela contribuição de utilizadores. Esta nova etapa da rede, a web 2.0 trouxe ferramentas novas de acesso à informação e ao conhecimento, uma flexibilidade tão grande que praticamente tornou as tecnologias de informação e comunicação presentes em todos os espaços da nossa vida. Assumindo já um papel importante nos relacionamentos sociais, através de novas formas de comunicação que vão sendo adotadas por parte de uma cultura digital. Mas também no contexto laboral e educativo, sendo uma tecnologia potenciadora da aprendizagem autodirigida. A internet é inovadora e criativa, capaz de gerar comunidades virtuais que se associam por interesses comuns, muitos deles ligados a aprendizagens ou ao desenvolvimento de ferramentas para o uso alargado de utilizadores. No entanto, e apesar da globalização, o acesso a estas tecnologias não é para todas as pessoas, existem condicionantes de ordem económica, social, cognitivos e pessoais que excluem certas pessoas e grupos sociais mais desfavorecidos, da possibilidade de utilização da internet e no acesso à informação e à cultura digital. Entre os grupos de pessoas excluídos encontramos as pessoas idosas, sendo necessário encontrar estratégias para familiarizar este grupo para as tecnologias de informação e comunicação, promovendo assim oportunidades de aprendizagem ao longo da vida. Com a velocidade das atualizações tecnológicas torna-se necessário um constante melhoramento da pessoa para adquirir novas competências e assim acompanhar o processo de evolução da tecnologia e do conhecimento e, em certa medida, todos somos info-excluídos em determinado grau. A *internet* também nos trouxe novas formas de lidar com a informação e o conhecimento, entre as quais uma forma muito peculiar e

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

praticamente exclusiva da *internet*, o *meme*. Estas questões apresentam ligações com a capacidade de pensamento crítico necessário para lidar com a partilha e estes fenómenos da rede. Para as pessoas idosas, que se apresentam como mais conservadoras na utilização destas tecnologias, os programas e iniciativas europeias surtiram pouco efeito na implementação de práticas geradoras de oportunidades de aprendizagem com as tecnologias de informação e comunicação, bem como em Portugal que se apresenta com uma fraca adesão desta faixa da população à *internet*. Os estudos indicam que a utilização destas tecnologias traz benefícios para a vida das pessoas idosas e apresenta um impacto positivo em várias áreas. No entanto, dentro desta faixa etária existem diferenças que influem na capacidade e na oportunidade para utilizar a internet. A importância do suporte familiar e as diferenças entre géneros são questões que devemos ter em conta quando pensamos em estratégias de como podemos motivar esta faixa etária para a utilização destas tecnologias.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### Capítulo III - Aprendizagem autodirigida

### Introdução

Neste capítulo refletimos sobre a aprendizagem autodirigida e a sua importância para a educação de adultos enquanto campo teórico e como estratégia eficaz para a aprendizagem ao longo da vida.

Em primeiro lugar, fazemos uma breve contextualização histórica do conceito, compreendendo que não se trata de uma questão nova, iniciaremos na antiguidade clássica e percorremos até aos dias de hoje as diferentes manifestações da aprendizagem autodirigida, para nos focarmos na abordagem científica ao fenómeno. Em segundo lugar, apresentamos várias perspectivas de como este conceito tem sido encarado pelos investigadores nas suas várias dimensões, tendo em conta os estudos efetuados e a sua operacionalização. Exploramos as diferentes visões e modelos da aprendizagem autodirigida enquanto constructo. De seguida apresentamos uma revisão da literatura no que diz respeito à aprendizagem autodirigida e a sua relação com as pessoas idosas, que tipo de aprendizagens são efetuadas pelos adultos mais velhos e como a investigação neste campo nos ajuda a perceber a aprendizagem autodirigida em aprendentes de faixas etárias mais elevadas.

Por fim, apresentamos uma reflexão sobre aprendizagem autodirigida e as tecnologias de informação e comunicação, de que forma estas tecnologias potenciam a autodireção dos utilizadores que usam estas tecnologias para aprender a longo das suas vidas.

#### 1. Aprendizagem autodirigida – Breve contextualização histórica

Talvez por ser um conceito tão central na educação de adultos (Mezirow, 1985), a aprendizagem autodirigida tem sido um dos campos com mais interesse na última década. Muitos adultos passam um quantidade considerável do seu tempo adquirindo e aprendendo novas competências. A rapidez das mudanças e a criação constante de novos conhecimentos, um acesso alargado à informação, fazem com que todas essas aquisições por parte dos adultos sejam extremamente necessárias. Muitas destas aprendizagens decorrem da iniciativa dos aprendentes, mesmo quando são adquiridas em contextos formais. A aprendizagem autodirigida é vista como uma continuidade ou características que existem em determinado grau em todas as pessoas e em todas as situações de aprendizagem.

A aprendizagem autodirigida (AAD) pode ser descrita como uma aprendizagem que é auto-iniciada, pessoal e intencional, está presente em projetos de aprendizagem planeados de forma mais sistemática, bem como no desenvolvimento de interesses pessoais (Lamdin, 1997). Embora a AAD possa ter um início não premeditado, ocasional ou mesmo decorrente de uma situação de educação formal, a característica que define este tipo de aprendizagem é que, eventualmente, a pessoa, o sujeito, o aprendente, toma o controlo da sua própria aprendizagem (Carré, 2000). Alguns autores têm apontado que o que começa como projeto de aprendizagem pessoal pode ter um impacto sobre a cultura social dominante. Por exemplo, a AAD não é apenas evidente em eventos historicamente assinaláveis, como a invenção da lâmpada elétrica por Edison, mas também é óbvia em eventos do quotidiano, tais como a forma de reparar uma torneira que pinga ou aprender a jogar golfe (Brockett & Hiemstra, 1991).

A grande complexidade do fenómeno que pode ser perspectivado de diferentes ângulos, levou muitos autores a tentarem definir aprendizagem autodirigida. A autodireção na educação de adultos tem sido rotulada como autoaprendizagem, autoaprendizagem planeada, método de investigação, aprendizagem independente, autoeducação, autoinstrução, autoestudo, aprendizagem autoiniciada, e aprendizagem autónoma (Owen, 2002). Todos estes termos poderão remeter para uma aprendizagem que ocorre de forma isolada, no entanto, a aprendizagem autodirigida ocorre geralmente com vários tipos de facilitadores, tais como professores, tutores, mentores e colegas (Knowles, 1975). A aprendizagem é um dos fenómenos mais básicos e essenciais do ser humano. Aprender é uma atividade tão antiga como a humanidade. Tanto a curiosidade como a capacidade para aprender estão entre as características que ajudam a definir o que significa ser humano, “Na maior parte das vezes, aprender é um ato fortuito, não planeado e que ocorre continuamente e de forma espontânea fazendo parte das atividades do quotidiano e da vida em geral: Viver é aprender.” (Candy, 2004, p. 24).

O fenómeno do autodidatismo, surge em diversas referências na literatura, ao longo da história, desde a Antiguidade clássica e tem um longo passado. De acordo com Hiemstra (1994) o estudo autónomo teve um papel importante na antiguidade clássica e nas vidas de filósofos importantes. Na Grécia antiga, Sócrates, Platão e Aristóteles foram alguns dos filósofos considerados e citados como grandes defensores da autoeducação. Sócrates educava-se a si próprio a partir do diálogo com os seus pares, conterrâneos e contemporâneos (Oliveira, 2005). Platão considerava como principal objetivo na educação dos jovens, prepará-los para aprenderem, por si próprios durante a

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

vida adulta, na medida em que constituía condição necessária para que pudessem participar, ativamente, na vida da polis. Aristóteles realçava a importância da autorealização, “uma sabedoria potencial que podia ser desenvolvida, com ou sem a orientação de um professor” (Brockett & Hiemstra, 1991, p. 7). Alexandre Magno, descrito como ávido de saber, levava consigo, nas suas viagens, as obras de Homero (Oliveira, 2005). Entre os Romanos, destacam-se indivíduos como Séneca, Marco Aurélio e César, cujo compromisso com o autodidatismo era grande (Brockett & Hiemstra, 1991; Keane, 1992; Oliveira, 2005). Consta que Júlio César reservava, diariamente, um determinado período de tempo para se dedicar ao estudo e à escrita (Brockett & Hiemstra, 1991). Também Leonardo da Vinci, Erasmo de Roterdão, Montaigne, René Descartes, no período Renascentista, e Condorcet, na época do Iluminismo, representam outros tantos pensadores, associados à autodireção na aprendizagem, que deixaram marcas importantes na história do pensamento filosófico e educativo (Oliveira, 2005).

Na literatura as primeiras referências ao conceito de autodidatismo surgem nas obras de Ibn Tufail, *Philosophus autodidactus*, no século XII em Espanha, e na de Ibn al-Nafis, *Theologus autodidactus* (século XIII). Ambas as obras retratam a história de crianças que cresceram isoladas da sociedade numa ilha deserta e que descobrem a verdade à medida que vão crescendo, sem qualquer contacto com outros seres humanos. Também a obra de Jack London, *Martin Eden* (1909), retrata a história de um operário que embarca num caminho de autoaprendizagem com o objetivo de se tornar escritor e ganhar a afeição da sua amada que pertence a uma classe burguesa e educada. Em 1938, *A náusea*, de Jean-Paul Sartre, relata a história de um autodidata diletante e iludido. Contudo, Brockett e Hiemstra (1991), consideram que a primeira vez que se pensou, seriamente, sobre a aprendizagem autodirigida foi numa obra de Craik, intitulada *Pursuit of knowledge under difficulties: Its pleasures and rewards*, publicada em 1840, onde se põe em relevo a viabilidade da aprendizagem autodirigida, a força e a determinação que um aprendente envolvido neste tipo de aprendizagem tem para superar obstáculos e, principalmente, a ideia de que o sucesso ou o fracasso na aprendizagem está mais dependente do aprendente que de quaisquer circunstâncias em que se encontre. No século XX, e de acordo com um estudo de Gibbons (1980, cit. por Oliveira, 2005), encontramos figuras de grande relevo que se notabilizaram pelos seus conhecimentos e capacidades, adquiridas depois de terem abandonado, precocemente, a

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

escola, das quais são exemplo, entre muitas outras, Charlie Chaplin, George Bernard Shaw, Harry Houdini, Henry Ford e Walt Disney.

A aprendizagem autodirigida foi fortemente ignorada pelos investigadores e teóricos das ciências da educação durante muito tempo. Foi considerada como estando fora do alcance da intervenção educativa e com pouco interesse para os investigadores. Contudo foi-se percebendo que este tipo de aprendizagem pode ser estudado de uma forma sistemática e metódica e que os resultados obtidos podem conter informação interessante e úteis para os educadores. A abordagem científica nesta temática iniciou-se, apenas, nas décadas de 60 e setenta, do século passado, na América do Norte, com os trabalhos de investigação e as conceptualizações de Houle (1961), Tough (1971) e Knowles (1975). Na Europa, sobretudo, em França, o estudo científico da aprendizagem autodirigida viria a acontecer, aproximadamente, uma década depois, com a publicação, em 1985, de um número da revista *Education Permanente*, dedicado, na íntegra, à autoformação, número que se ficou a dever à iniciativa de dois especialistas deste tema, Dumazedier e Pineau (Oliveira, 2005).

### **2. Modelos da aprendizagem autodirigida**

Houle, em 1961, entrevistou 22 adultos que classificou em três categorias, de acordo com as suas razões para aprenderem. De acordo com a sua tipologia (1961) existem três categorias diferentes de alunos, os que são orientados para os objetivos (goal oriented), têm em mente resultados de aprendizagem muito específicos e geralmente desistem imediatamente quando o seu objetivo é alcançado. Estoutros que são orientados para a atividade (activity oriented), cuja participação em atividades de aprendizagem está relacionada com algum propósito que não seja o ostensivo objetivo da atividade (por exemplo, um propósito social ou simplesmente a obtenção de uma qualificação formal). Finalmente, aqueles que são orientados para a aprendizagem (learning oriented), simplesmente gostam de aprender e encaram a aprendizagem como algo bom em si mesmo.

Os estudos iniciais de Tough (1970), tinham como denominador comum o facto de assentarem num paradigma que incluía o número e a duração dos projetos de aprendizagem dos adultos, entre vários grupos e populações (Brockett e Hiemstra, 1991). Um padrão consistente de aprendizagem autodirigida emergiu, oito em cada dez adultos estavam envolvidos em pelo menos quatro projetos de aprendizagem por ano

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

(Cafarella e O'Donnell, 1987; Coolican, 1974; Cross, 1981; Hiemstra, 1985; Merriam e Cafarella, 1991; Penland, 1978; Tough, 1978). Os projetos tinham uma média de 100 horas. Os dados apontam para que, de uma forma consistente, se possa concluir que a aprendizagem autodirigida é um método comumente utilizado por adultos para atenderem às suas necessidades de aprendizagem (Cross, 1981). Os dados indicam que os assuntos ligados com o trabalho ou com aspetos vocacionais estão entre os mais procurados para projetos de aprendizagem autodirigidos (Penland, 1979; Rymell e Newson, 1981; Tough, 1978).

Knowles (1975) mostra-nos que existem evidências significativas que as pessoas que tomam a iniciativa de aprendizagem (alunos proactivos) aprendem mais coisas e aprendem melhor do que as pessoas que passivamente esperam ser ensinados (alunos reativos). Envolvem-se em aprendizagens mais motivados, tendem a reter e a usar mais e melhor o que aprenderam do que os alunos reativos. A aprendizagem autodirigida está em sintonia com os nossos processos naturais de desenvolvimento psicológico. Um aspeto essencial da maturação é desenvolver a capacidade de assumir a responsabilidade por nossas próprias vidas - para se tornar cada vez mais autodirigida (Knowles 1975).

No início dos anos 80 do século passado a investigação mudou. Na tentativa de compreender as origens e dinâmicas internas dos projetos de aprendizagem, alguma da investigação passou a incidir sobre e a ter lugar em contexto laboral. Spear e Mocker (1984), entrevistaram 78 adultos para compreenderem como os adultos decidiam e planeavam os seus projetos de aprendizagem autodirigida, concluindo que algumas mudanças ocorridas durante vida, poderiam despoletar a ocorrência de projetos de aprendizagem autodirigidos. O tipo de projetos de aprendizagem autodirigida, levados a cabo por adultos, estava ligado com a quantidade de opções e recursos disponíveis no momento, um fator ligado ao contexto de aprendizagem que foi denominado de *circunstância organizadora*. Este conceito refere-se a um evento que despoleta uma situação de aprendizagem e que decorre de uma mudança nas circunstâncias de vida do sujeito. A estrutura, método, recursos e condições para a aprendizagem são ditados/dirigidos pelas circunstâncias. A sequência de aprendizagens progride quando as circunstâncias mudam e fornecem as condições necessárias para que tal progressão na aprendizagem aconteça.

De acordo com Oliveira (2005), estas e outras investigações com metodologias diferentes, possibilitaram que se definisse um quadro mais amplo e mais completo, já que muitas da aprendizagens não são planeadas, acontecem por acaso ou

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

espontaneamente. O trabalho de Spear e Mocker é de enorme relevância pelo facto de ter chamado a atenção para o impacto que os fatores ambientais podem ter na estruturação e organização dos processos de aprendizagem. Hoje sabemos que os projetos de aprendizagem de adultos se concretizam de muitas maneiras, sendo a consequência da interação de vários fatores (Oliveira, 1996). Até então a investigação tinha-se centrado mais na aprendizagem autodirigida como um processo. Enquanto processo a "aprendizagem auto dirigida é uma forma de estudo em que os aprendentes têm a responsabilidade principal pelo planeamento, execução e avaliação de suas experiências de aprendizagem" (Merriam e Caffarella 1991, p. 41).

No seu trabalho original Tough (1971) observou algumas diferenças individuais, como experiências educativas anteriores, características psicológicas, o nível de habilidade mental, energia, motivação para os objetivos, curiosidade ou confiança que achou serem explicativos de algumas das variações por ele observadas em adultos com projetos de aprendizagem autodirigidos. Na procura da compreensão dos efeitos das diferenças individuais na aprendizagem autodirigida, podemos observar uma grande tendência na relação entre traços de personalidade e outras características pessoais e a aprendizagem autodirigida. Comparativamente com o processo de aprendizagem, a autodireção na aprendizagem, enquanto característica pessoal, tem sido bem menos investigada (Oliveira, 1996). O conjunto dos estudos realizados deixa antever um perfil do aprendente autodirigido, correspondente a um indivíduo intrinsecamente motivado, com grande iniciativa, com um nível elevado de controlo psicológico, criativo, orientado pelos seus pontos de vista e não tanto pelos dos outros, autónomo nas suas tomadas de decisão, perseverante, empreendedor, com boas aptidões de resolução de problemas e eficiente intelectualmente (Oliveira, 1996). Temos então dois focos sob os quais podemos analisar e compreender a aprendizagem autodirigida, enquanto processo e/ou enquanto característica pessoal. A autodireção na aprendizagem refere-se tanto às características externas do processo de aprendizagem como às características internas do aprendente, onde o indivíduo assume a responsabilidade principal pela sua experiência de aprendizagem (Brocke e Hiemstra, 1991). Contudo, analisando noutra perspetiva, Candy (1991) sugere que existem quatro formas de abordar o fenómeno da aprendizagem autodirigida com dimensões distintas e interligadas entre si. Assim, este autor, sustenta que pode ser apreendido como um atributo pessoal (autonomia pessoal), como a vontade e a capacidade para conduzir a sua própria educação (autogestão), como um modo de organizar instruções em contextos formais (autocontrolo do aprendente) ou

a busca pessoal não institucionalizada pela aprendizagem no “ambiente natural social” (autodidatismo) (Candy, 1991).

Para o nosso trabalho interessa-nos compreender principalmente os processos autodirigidos de pessoas idosas que utilizam a internet, os fatores situacionais e o contexto e como estão relacionados com as aprendizagens autónomas das pessoas idosas na internet.

Segundo Oliveira (1997) a construção de uma base teórica consistente para a temática da aprendizagem autodirigida teve um avanço fundamental com os modelos de PRO (*Personal Responsibility Orientation Model*) (Brockett & Hiemstra, 1991), de Long (1989) e o SSDL (*Staged Self-Directed Learning Model*) (Grow, 1991). Procedamos a uma síntese analítica destes modelos.

### 2.1. O modelo PRO

No modelo PRO, a autodireção na aprendizagem é entendida como um constructo abrangente integrando duas dimensões distintas que se relacionam (Brockett & Hiemstra, 1991). Uma dimensão, a aprendizagem autodirigida, reporta-se às características da transação ensino–aprendizagem, incidindo nas atividades de planeamento, efetivação e avaliação da aprendizagem. A outra dimensão, designada por autodireção do aprendente, diz respeito às características do aprendente que o predispõem a assumir a responsabilidade principal pelos seus esforços no que se refere à aprendizagem. No modelo PRO a noção de responsabilidade pessoal ocupa uma posição de destaque, enquanto característica presente em todos os humanos, num determinado grau. Este modelo considera-se funcional, na medida em que ajuda a prever situações de satisfação e insatisfação com a aprendizagem. A aprendizagem será tanto mais bem-sucedida, quanto maior for o equilíbrio entre o nível de autodireção do aprendente (característica interna) e as oportunidades de autodireção, proporcionadas pela situação de aprendizagem (características externas). Os aprendentes com um nível elevado de autodireção esperam poder exercer a sua autonomia no processo de aprendizagem, pelo que, se a situação de ensino e aprendizagem for, essencialmente, heterodirigida, as suas expectativas serão frustradas, o que terá como resultado a insatisfação e o insucesso. Por outro lado, quando os educandos são pouco autodirigidos e lhes é exigido que aprendam segundo uma abordagem autodirigida, gera-se uma situação de incongruência que

poderá ter como tradução dificuldades na aprendizagem. Quanto maiores forem os desequilíbrios, maiores serão as dificuldades.

### 2.2. O Modelo de Long

O modelo proposto por Long (1989) pressupõe que o fenómeno da autoaprendizagem inclui três dimensões conceptuais (ordenadas por ordem crescente de importância), em primeiro lugar, uma componente sociológica, sociologicamente, a autoaprendizagem foi identificada com o isolamento social. Em segundo lugar, uma componente pedagógica, a aprendizagem autodirigida incide sobre o grau de controlo que o aprendente exerce, ou que lhe é permitido exercer, sobre os procedimentos pedagógicos, como por exemplo, a formulação de objetivos ou a seleção e utilização de recursos. A terceira dimensão, reporta-se à variável psicológica e define até que ponto o aprendente mantém o controlo ativo sobre o processo de aprendizagem.

A dimensão psicológica é considerada a componente mais importante e crítica na medida em que está diretamente relacionada com os processos cognitivos e metacognitivos dos sujeitos, como a atenção, o questionar, o comparar e o contrastar (Long, 1992). Segundo Long (1989), através da interação das componentes psicológica e pedagógica é possível avaliar se o processo de aprendizagem é autodirigido.

### 2.3. O Modelo SSDL (*Staged Self-Directed Learning Model*)

O modelo SSDL distingue quatro estádios de autodireção (Grow, 1991, citado por Oliveira, 1997). No primeiro estádio incluem-se os sujeitos que apresentam níveis baixos de autodireção, caracterizados como educandos dependentes que requerem alguém que dirija as atividades e explicita claramente o que devem fazer, quando e como. O segundo estádio, abrange os aprendentes que se considera possuírem autodireção moderada e se sentem motivados e confiantes para realizarem as suas aprendizagens, mas que ignoram, quase por completo, os assuntos a estudar. O terceiro estádio reúne os indivíduos com autodireção intermédia, possuem conhecimentos e competências sobre o objeto de aprendizagem e veem-se como participantes na sua própria educação. Estes aprendentes encontram-se aptos a abordar um campo de estudos por si próprios, desde que auxiliados por um bom orientador. No quarto estádio encontram-se os indivíduos que manifestam um nível elevado de autodireção e que, por esse facto, desejam assumir responsabilidade pela sua aprendizagem. Nestes

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

aprendentes dominam competências de aprendizagem complexas como sejam a gestão do tempo e de projetos, o estabelecimento de objetivos ou a autoavaliação (Oliveira, 1997).

Este modelo especifica um conjunto de atitudes e comportamentos que o educador deverá assumir, diferenciadamente, de acordo com os estádios de autodireção em que se situam os aprendentes (estilos de ensino). À semelhança dos modelos anteriormente abordados, a previsão de um conjunto diverso de combinações entre o estádio de autodireção dos aprendentes e o estilo de ensino adotado pelo educador são relacionadas com o sucesso na aprendizagem.

Os modelos apresentados refletem um avanço na teorização do fenómeno da aprendizagem autodirigida. O mérito destes modelos reside no facto de representarem as dimensões essenciais subjacentes à previsão de possíveis situações de sucesso ou insucesso na aprendizagem. Na literatura é possível encontrar algumas “contraindicações” à aplicação da aprendizagem autodirigida, os aprendentes com nível muito reduzido de autodireção, enquanto característica da personalidade, beneficiam com abordagens hétero-dirigidas. De acordo com Candy (1991) o desenvolvimento da autonomia não é necessariamente alcançado pelo recurso à autonomia enquanto método, quando o aprendente possui pouco conhecimento relativamente ao tema a abordar, mas também quando se pretende desenvolver aptidões psicomotoras de relacionamento interpessoal (Knowles, 1990).

### **3. Investigação com pessoas idosas**

Na maior parte dos estudos efetuados sobre estas temáticas foram utilizadas amostras de adultos em geral, não incidindo sobre qualquer faixa etária específica da população. No entanto, nos estudos que incidem na educação formal de adultos, um resultado bastante consistente tem sido a evidência que a participação diminui drasticamente entre as pessoas a partir dos 55 anos (Kay, 1982). No entanto, pelo menos quatro estudos que utilizaram a metodologia dos projetos de aprendizagem, traçaram um quadro um pouco mais otimista da pessoa idosa como uma potencial participante na sua aprendizagem. O primeiro estudo, na América do Norte, incidiu nos projetos de aprendizagem dos adultos mais velhos, foi o estudo de Hiemstra, de 1975, no Nebraska. Ele estudou 256 adultos, com pelo menos 55 anos de idade, selecionados aleatoriamente a partir das listas de eleitores de duas comunidades, 18 municípios rurais e da lista de

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

membros de um centro comunitário hispânico. A amostra para este estudo foi predominantemente caucasiana (88,7%). Pouco mais de três quartos dos indivíduos, 75,4%, viviam em suas próprias casas, 63,3% eram casados, enquanto 25,4% eram viúvos. Em termos de escolaridade, 66,3% tinham pelo menos o ensino secundário completo e quase 20% formação universitária. A idade média da amostra foi de 68,1 anos de idade (Hiemstra, 1975, 1976b). Usando a escala de entrevista desenvolvida por Tough para estudar os projetos de aprendizagem, sete entrevistadores treinados entrevistaram durante uma a duas horas cada um dos entrevistados. Hiemstra constatou que dos 256 indivíduos entrevistados, 214, ou seja, 83,5% relataram a realização de um ou mais projetos de aprendizagem no ano anterior. Uma média de 325 horas por ano foi gasta em uma média de 3,3 projetos. E, como com outros estudos sobre projetos de aprendizagem, também se concluiu que a maioria dos projetos, 55%, eram autoplaneados. No que diz respeito aos vários subgrupos, houve algumas diferenças importantes. Por exemplo, uma maior percentagem de pessoas com 65 anos ou mais, não relataram projetos de aprendizagem no ano anterior à entrevista, comparativamente ao que foi assumido pelos participantes mais jovens. No entanto, não houve diferenças significativas entre os grupos etários, entre aqueles que participaram de projetos mais autogeridos e aqueles que participam em projetos doutro tipo, menos autogeridos. Finalmente, quando questionado para nomear o assunto principal dos seus projetos de aprendizagem, não houve diferenças significativas entre os dois grupos etários em termos de preferências de autorealização (Hiemstra, 1985).

A partir deste estudo, acreditamos que há evidências de que adultos mais velhos muitas vezes são aprendizes ativos e que a maioria desta atividade é refletida através dos projetos autogeridos de aprendizagem em que tais indivíduos estão envolvidos. Este estudo sugere que "os educadores devem aprender a contornar os seus preconceitos em relação às instituições e reconhecer todas as aprendizagens autogeridas, que são necessárias e que estão a acontecer fora das estruturas institucionais" (Hiemstra, 1976). Por outro lado, Hassan (1982) estudou a aprendizagem autogerida numa amostra de 77 adultos residentes em Ames, Iowa. Desta amostra, mais de 37% tinham mais de 55 anos de idade. As 29 pessoas neste grupo etário mais velho relataram ter realizado uma média de 9,7 projetos por ano, um número que não foi significativamente diferente daquele dos 48 participantes mais jovens.

Num outro estudo envolvendo adultos mais velhos, Estrin (1986) estudou-se a relação entre satisfação com a vida e participação em atividades de aprendizagem entre

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

mulheres idosas residentes em habitação social para a população sénior no sul de Rhode Island. Das 87 mulheres neste estudo, 54 eram viúvas, a média de idade era de 72,5, e o nível médio de ensino situava-se em 10,3 anos. Estrin encontrou uma relação positiva significativa entre satisfação com a vida e atividades de aprendizagem, tanto em termos de número de projetos, como em número de horas gastas em atividades de aprendizagem. A autora concluiu que a participação na aprendizagem pode ser vista como uma estratégia para a satisfação de vida, aumentando nos últimos anos de vida, facto corroborado pela investigação feita por Brockett (1985a).

Lamdin (1997), que pesquisou a aprendizagem de adultos mais velhos, e que chamou de *Elderlearning*, afirma: "O importante é que esses projetos se tornem 'propriedade' do aluno, que controla o que é aprendido, quando a aprendizagem começa, até onde vai, e quando está completa "(p. 118).

De uma forma geral, a AAD ao longo da história, tem sido descrita, tanto como o impulso para a mudança, mas também como as aprendizagens do dia-a-dia ao longo da vida (Candy, 1991). Aprendizagem autodirigida tem sido associada a muitos fatores, em particular aos conceitos e teorias de aprendizagem ao longo da vida. Alguns autores referem-se à aprendizagem ao longo da vida como aprendizagem autodirigida ao longo da vida (Kasworm, 1983, 1992).

### 4. Investigação com as tecnologias de informação e comunicação

Na literatura os adultos são descritos como tendo necessidade de independência (Boulmetis, 1999; Ntiri, 1999) e autonomia (Kerka, 2002; Perin, 1999), querem estar ativamente envolvidos nos seus processos educativos (Norton, 2001) o que significa assumir responsabilidade pela sua aprendizagem (Bonnet & Newsom, 1995; Rosenthal, 1990). Este pressuposto da aprendizagem na idade adulta encontra-se em muitos autores para quem os adultos apresentam uma necessidade de autodireção e de autonomia relativamente às suas aprendizagens (Candy 1991; Chene, 1983; Kasworm 1983, Knowles 1980; Merriam, 2001). A aprendizagem na *internet* implica um maior controlo do aprendente facilitando assim a autodireção. Simultaneamente, fornece mecanismos para que os aprendentes decidam que informações consideram importantes para a sua aprendizagem (Bulik & Hanor, 2000). A *internet* poderá apresentar-se como uma ferramenta ideal para desenvolver a aprendizagem autodirigida devido à facilidade de utilização e acesso a grandes quantidades de informação, na pesquisa e recuperação de

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

informação (Long, 2001), mas também devido à sua facilidade e versatilidade como ferramenta de comunicação (Mathai, 2002). Existem razões para se pensar que a *internet* melhora a aprendizagem, na literatura são indicadas como principais vantagens, a possibilidade de aprender a qualquer momento do dia e no seu próprio ritmo, a acessibilidade a muita informação, a capacidade de acompanhar o progresso pessoal, bem como a capacidade para testar os esforços pessoais de aprendizagem (Draves, 2002). A aprendizagem cognitiva através da *internet* é ainda melhor do que o ensino-aprendizagem presencial. O mundo virtual tem o potencial para o aprendente ir além da resolução de problemas e chegar à problematização (Long, 2001). A *internet*, no quadro da aprendizagem autodirigida, revela-se, por um lado, flexível, relativamente ao espaço e ao tempo (Kerka, 1997) e ao ritmo de aprendizagem (Ruelland, 2003), e portadora de liberdade, em termos de acesso contínuo à informação, sem limites ou restrições de qualquer natureza (Candy, 2004).

A *internet* fomenta a capacidade para a automotivação, a autodisciplina e permite ao aprendente sentir-se confortável com a aprendizagem autodirigida (Boyd, 2004). Igualmente, facilita o crescimento do aprendente promovendo a capacidade de tomar iniciativas e fazer escolhas num ambiente *on-line* (Boyer & Maher, 2005). As oportunidades e desafios colocados pela *internet*, em ambientes de aprendizagem, são grandes para o aprendente autodirigido que dispõe de uma enorme variedade de recursos informacionais, mas ao mesmo tempo tem como desafio determinar a confiabilidade de tais informações (Rager, 2006). A *internet* pode reduzir a necessidade de pré-requisitos, em certos domínios, e os estudos comprovam uma correlação positiva entre a satisfação e o sucesso da aprendizagem nos ambientes *online* (Kirkman, Coughlin, & Kromrey, 2007).

Também os estudos de Bates (1995), Eastmond (1995), Wulf (1996) referem como vantagens da aprendizagem pela *internet* o facto de ser um meio que fomenta a aprendizagem autodirigida, a automotivação, a autodisciplina e a responsabilidade.

Uma diferença importante, particularmente no que diz respeito à aprendizagem *online*, é que no mundo pré-digital, um projeto puramente autodirigido poderia vir a usar alguns materiais desenvolvidos para uma educação formal (Candy, 2004). O que poderia eventualmente resultar na participação de um programa formal de educação quando o sujeito se encontrasse suficientemente envolvido com a matéria. No entanto, o aprendente teria a certeza que a linha entre educação não formal e educação formal tinha sido ultrapassada e que se tinha mudado de um contexto para outro. Em ambientes

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

*online*, a possibilidade dessas ligações ocorrerem é drasticamente maior, pois a mesma plataforma é usada para o armazenamento e fornecimento de materiais. Os projetos de aprendizagem autodirigida que começam de forma independente podem subtilmente fundir-se com cursos e programas oferecidos *online*, com ou sem as formalidades de uma inscrição. Por outro lado, a participação em cursos *online* pode aumentar a procura para mais atividades e interesses autodirigidos. Num ambiente de hipertexto o aprendente pode facilmente, por vezes mesmo sem querer, voltar atrás e avançar entre os diferentes ambientes e recursos de aprendizagem, de uma forma que não era possível na era pré-digital (Candy, 2004).

### **Conclusão**

A aprendizagem autodirigida não é uma questão nova, como salientámos já na Antiguidade Clássica encontramos referências a este tipo de aprendizagem e, ao longo da história, esta forma de aprender sempre esteve presente, por um lado, devido à falta de instituições de educação formal, por outro, devido à necessidade que as pessoas têm em aprender ao longo da vida de forma a se adaptarem às condições objetivas da sua existência.

A aprendizagem autodirigida é um fenómeno complexo com várias dimensões, pode referir-se ao processo autónomo de aprendizagem mas também às características internas do sujeito que aprende. Embora para o nosso trabalho estejamos mais centrados no processo de aprendizagem, apresentámos estudos, em ambos os domínios, que estiveram na origem da investigação deste fenómeno e a sua evolução até aos dias de hoje. Realçámos que este conceito está intimamente ligado com a educação de adultos e com a aprendizagem ao longo da vida, mas também, e por isso, se apresenta como uma estratégia eficaz para as sociedades contemporâneas, onde as mudanças operam a grande velocidade e é necessária uma constante atualização por parte dos indivíduos.

Verificámos que os estudos efetuados neste âmbito com pessoas idosas, demonstram que a aprendizagem autodirigida não decresce com a idade e mantém-se praticamente inalterável nos adultos mais velhos. De igual modo, a investigação realizada com as tecnologias de informação e comunicação mostram que a *internet* e o uso do computador podem fomentar a aprendizagem autodirigida em adultos.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### II Parte – Estudo empírico



### Introdução

Neste capítulo descrevemos todos os processos inerentes à nossa investigação. O nosso estudo recai sobre a utilização da internet como meio para aprendizagem autodirigida de pessoas idosas, assim ao longo desta parte do nosso trabalho, vamos explicitar todos os procedimentos e escolhas assumidos para atingir os nossos objetivos no presente estudo. Primeiro começamos por refletir sobre os objetivos e problemática do estudo, onde explicitamos os objetivos gerais e específicos que orientam o nosso trabalho de investigação. De seguida, descrevemos as opções metodológicas que tomamos para implementar e conseguir levar a cabo o presente trabalho. Explicitamos os processos e critérios que estiveram na origem da constituição dos casos que servem como unidade de análise do presente trabalho, a elaboração do guião da entrevista e a descrição de como foi construída por blocos temáticos esta ferramenta. E por fim, como foi efetuada a análise da mesma, recorrendo-se para a isso à técnica de análise de conteúdo.

#### 1. Problemática e objetivos do estudo

No trabalho de cariz qualitativo que aqui se desenvolve pretende-se compreender os processos de aprendizagem autodirigida das pessoas idosas utilizadoras regulares da internet. Como se processa a aprendizagem autodirigida da pessoa idosa através da internet? Que ambientes *online* utilizam? O que fazem? De que forma a internet pode potenciar a aprendizagem autodirigida das pessoas idosas? Estas são as interrogações que nos levaram a empreender o presente estudo. Como salientámos na parte teórica da presente dissertação, a aprendizagem autodirigida tem sido encarada como estando intimamente ligada à educação de adultos e à aprendizagem ao longo da vida, considerada como um atributo que existe em todas as pessoas e que pode existir em todos os contextos de aprendizagem. Apresentando-se como uma potencial vantagem para as pessoas idosas que continuam a aprender e a envolver-se em estratégias educativas e de envelhecimento ativo. Torna-se importante obter mais conhecimentos sobre a forma como as pessoas idosas desenvolvem projetos de aprendizagem autodirigida utilizando a *internet* como meio privilegiado para aprenderem.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Numa perspetiva da educação de adultos e da aprendizagem ao longo da vida procuramos compreender como aprendem autonomamente os idosos participantes do estudo através da internet.

Assim formulámos os seguintes objetivos estruturantes da nossa investigação:

- 1) Compreender o processo de autodireção na aprendizagem de pessoas idosas, utilizadoras regulares da *internet*.
- 2) Identificar e compreender os fatores que podem fomentar o desenvolvimento da autodireção na aprendizagem das pessoas idosas, no âmbito das TIC.

Decorrente destes objetivos gerais, definiram-se como objetivos específicos:

- 1) Explicitar como se iniciou o processo de aprendizagem através da *internet*
- 2) Caracterizar como decorre, habitualmente o processo de aprendizagem na *internet*
- 3) Explicar que estratégias são utilizadas pelas pessoas idosas para aprender através da *internet*
- 4) Elencar vantagens e limitações desta tecnologia como meio de aprendizagem para as pessoas idosas
- 5) Compreender a influência da utilização regular das TIC nas relações sociais da pessoa idosa

### **2. Opções metodológicas**

Tendo em conta os objetivos estipulados e definidos no presente estudo, inseridos numa abordagem humanista e numa perspetiva que se pretende crítica, as nossas opções recaíram sobre a investigação qualitativa. A investigação qualitativa assenta numa base de observação, compreensão e exploração de situações, sem recorrer

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

ou sem ter como objetivos a dados estatísticos ou quantificações do universo estudado. Consideramos como uma das vantagens desta investigação qualitativa a possibilidade de gerar boas hipóteses de investigação, para um eventual estudo mais alargado no futuro.

A abordagem humanista aceita a complexidade e a variabilidade das ações humanas e encara as pessoas como agentes ativos, tendo em conta os contextos nos quais as pessoas se movem e interagem, dando especial enfoque à interação social e aos significados que são construídos pelas pessoas como resultantes da sua interação com o meio. Pretende-se uma compreensão o mais holística possível das narrativas pessoais dos participantes no estudo.

Os nossos objetivos prendem-se essencialmente com a compreensão dos processos de aprendizagem autodirigida na internet, mas também, com o entendimento do papel que as relações interpessoais (família, amigos ou outras) ocupam nos referidos processos, do ponto de vista das pessoas idosas. Enquadrado na investigação qualitativa optámos pelo estudo de casos múltiplos. O estudo de caso apresentou-se, desde logo, como uma metodologia com grandes potencialidades para o estudo. Esta estratégia metodológica consiste num plano de investigação que envolve um estudo intensivo e detalhado de uma entidade bem definida: o “caso”. Foi claro desde o início que os participantes do nosso estudo seriam pessoas idosas com determinadas características para podermos compreender o processo de autodireção na aprendizagem e que seriam os “casos”. O estudo de caso permite a aproximação ao tema de interesse, pelo acesso a fatores subjetivos como pensamentos, sentimentos e desejos (Merriam, 1998). Pretendia-se que a nossa unidade de análise, os processos de aprendizagem *online* da pessoa idosa, se materializassem em casos, que constituem exemplos, de aprendizagem autodirigida na internet. A estratégia adotada, na nossa opinião, permite conservar em cada caso individual as características holísticas, e de significado, dos acontecimentos nos seus contextos, permitindo-nos a comparação entre casos (Yin, 1994).

Era necessário que as pessoas idosas correspondessem a critérios objetivos para obtermos dados descritivos que nos ajudassem na compreensão do processo de aprendizagem autodirigida nos participantes do estudo. Nesta investigação optámos pela entrevista como método de recolha de dados. Para compreender os processos de aprendizagem autodirigidos centrados na perspetiva individual da pessoa idosa, no momento presente.

### 3.As pessoas idosas participantes no estudo

Após a definição de objetivos e após revisão da literatura sobre aprendizagem autodirigida foram estipulados os critérios de inclusão das pessoas idosas no presente estudo de forma a constituir o estudo de caso. Assim sendo, com o intuito de delimitar de forma clara o “caso”, foi imperativo definir com rigor os critérios objetivos de inclusão, para que as pessoas idosas participantes do estudo fossem, de facto, pessoas autodirigidas que aprendessem pela *internet*.

Assim considerámos como primeiro critério de inclusão, tratem-se de adultos idosos (65 anos ou mais) – marco etário definido tendo em conta a revisão da literatura para serem consideradas como pessoas idosas. Considerou-se como segundo critério correspondente a pessoas idosas utilizadoras regulares de internet há pelo menos dois anos (de forma a garantir que não se tratasse de um utilizador iniciante ou esporádico); e um terceiro critério na sequência do anterior, foi definido que as pessoas idosas participantes utilizassem a internet como meio principal de aprendizagem; por fim e como último critério foi elaborada uma lista com as características pessoais como sendo típicas de educandos autodirigidos definidas por Candy (1991) e que permitiria aferir que as características que a literatura aponta como sendo típicas dessas pessoas se refletiriam efetivamente nos entrevistados idosos.

A lista que se apresenta na tabela seguinte foi preenchida pelos técnicos das instituições ou por familiares das pessoas idosas.

**Tabela 1- Lista com as características pessoais como sendo típicas de educandos autodirigidos definidas por Candy (1991)**

	Nada	Mais ou menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.			
É uma pessoa flexível.			

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

É uma pessoa sociável e afável.			
É uma pessoa responsável.			
É uma pessoa persistente.			
É uma pessoa criativa.			
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			

Após a análise das listas, foram incluídos neste estudo 8 pessoas idosas com mais de 65 anos, utilizadoras regulares da *internet*, há pelo menos dois anos consecutivos e que utilizavam a *internet* como um meio de aprendizagem privilegiado.

Para uma breve caracterização dos sujeitos, são apresentadas no quadro 1 as distribuições em função das características sociodemográficas, profissionais e tempo médio de utilização diário da *internet*.

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Profissão	Média de Horas por dia na internet
A	67	2º ano do liceu	Funcionária dos CTT	3h
B	66	4ª classe	Costureira	5h
C	78	2º ano do liceu	Militar	3h. 30m
D	81	Licenciatura	Professor/Maestro	5h
E	70	2º ano do liceu	Bancária	4h
F	66	2º ano do liceu	Fotógrafo	6h
G	69	2º ano do liceu	Escriturário	3h
H	67	4ª classe	Doméstica	5h

### 4. Instrumentos

Entendemos por entrevista, tal como postulou Bogdan (1994) uma conversa intencional entre duas ou mais pessoas, tendo uma delas o papel de dirigir a mesma, e cujo objetivo é obter informações sobre a/s outra/s.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Optámos por utilizar a entrevista porque nos pareceu constituir o instrumento de recolha de dados mais adequados para dar resposta aos objetivos a que nos propusemos e uma vez que a entrevista está especialmente adequada à “ análise do sentido que os atores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se veem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências, as suas interpretações de situações conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências” (Quivy e Campenhoudt, 2005).

Entre os diversos métodos e técnicas de recolha e análise de dados nas abordagens qualitativas, a entrevista, apresenta-se como um dos “mais poderosos meios para se chegar ao entendimento dos seres humanos e para a obtenção de informações nos mais diversos campos” (Amado, 2009, p. 173). As entrevistas qualitativas variam quanto ao grau de estruturação, sendo que, no que respeita à estrutura da entrevista, optámos, neste trabalho, pela entrevista semi-estruturada, que nos pareceu mais apropriada aos nossos objetivos.

A entrevista é utilizada para recolher dados descritivos na linguagem do próprio sujeito, permitindo ao investigador desenvolver intuitivamente uma ideia sobre a maneira como os sujeitos interpretam aspetos do mundo.” (Bogdan, 1994, p.134). Desta forma, estabelece-se ”uma verdadeira troca, durante a qual o interlocutor exprime as suas perceções de um acontecimento ou de uma situação, as suas interpretações e ou as suas experiências” (Quivy, 2005, p.192). Para além disto, esta técnica está indicada para a recolha de opiniões, preferências e atitudes. É extremamente positivo deixar andar o entrevistado para que possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. Enquanto entrevistadores devemos-nos esforçar simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado deles se afastar. (Quivy, 2005). As boas entrevistas são aquelas cujos entrevistados falam livremente sobre os seus pontos de vista ilustrando o seu discurso com exemplos e riqueza de detalhes. As questões derivam de um guião prévio, que funciona como um roteiro temático e que deverá servir como linha orientadora.

Deste modo, organizámos o guião da entrevista de acordo com as propostas de Amado (2009), o qual recomenda que o mesmo seja estruturado “em termos de objetivos e em blocos temáticos” (p.186).

O guião foi elaborado de acordo com o que definimos como sendo a informação essencial a obter, tendo como objetivo a compreensão do processo de aprendizagem autodirigida através da internet e a sua influência nas relações sociais do entrevistado.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

O primeiro bloco serviu essencialmente para explicar o estudo e para criar um ambiente acolhedor. Assegurou-se que as informações recolhidas seriam apenas utilizadas para o prosseguimento desta investigação e salvaguardou-se a confidencialidade dos dados. Explicou-se a importância do estudo no contexto da educação e formação de adultos e a sua relevância para se obter um conhecimento mais profundo sobre aprendizagem autodirigida das pessoas idosas na internet e também as suas ligações com a aprendizagem ao longo da vida.

Com o segundo bloco pretendeu-se obter alguns dados sobre o entrevistado, sobretudo a nível da sua caracterização sociodemográfica, do seu percurso educativo e profissional, atividades na comunidade e redes sociais de apoio. O terceiro bloco foi direcionado para o percurso do entrevistado como utilizador da *internet*, as suas expectativas e que tipo de utilização faz desta tecnologia. O quarto bloco teve como objetivo obter dados sobre o processo de aprendizagem autodirigida do entrevistado ao utilizar a *internet*. No quinto bloco pretendeu-se obter dados sobre as estratégias utilizadas pelo entrevistado para aprender na *internet*. O sexto bloco teve como objetivo obter dados sobre como o entrevistado avalia a qualidade das fontes e da informação na sua utilização da internet. No sétimo bloco pretendeu-se obter dados sobre a influência das relações interpessoais no entrevistado. O último bloco visou concluir a entrevista e reiterar os agradecimentos pela participação, assim como abrir espaço para dúvidas e devolver a palavra ao entrevistado para comentários finais.

A seguir expõe-se o guião que viemos a conceber e que utilizámos nas entrevistas:

	BLOCOS	OBJECTIVOS	QUESTÕES ORIENTADORAS	PERGUNTAS DE AFERIÇÃO
A	Informação/Legitimação de entrevista	1- Explicar os objetivos do estudo. 2- Explicar o procedimento. 3- Garantir a confidencialidade. 4 -Pedir autorização para		Trata-se de um estudo sobre a aprendizagem de seniores na internet. Pretende-se compreender como as pessoas idosas usam a Internet para aprender, como o fazem, a que sítios

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

		gravar a entrevista.		vão etc. e de que forma a Internet pode ser uma boa ferramenta para a aprendizagem de pessoas idosas
B	Dados do entrevistado	<p>1- Recolher dados sociodemográficos e informações sobre o percurso de vida dos sujeitos</p> <p>2- Caracterização do percurso profissional</p> <p>3- Caracterização das atividades que exerce e pertença a grupos.</p> <p>4- Caracterização dos relacionamentos sociais</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Qual a sua Idade?</li> <li>•Estudou até que ano?</li> <li>•qual o seu estado civil?</li> <li>•Com quem vive?</li> <li>•Qual foi a sua profissão?</li> <li>•Desempenhou funções de chefia?</li> <li>•Tem participado em atividades da comunidade, por exemplo, voluntariado, associações, etc.</li> <li>• No dia-a-dia costuma estar com a sua família? e com amigos?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Que funções? Onde? Como foi designado para essa função?</li> </ul>
C	Utilização de ambientes online	<p>1- Razões por que começou a utilizar internet</p> <p>2- Perceber as expectativas do sujeito</p> <p>3- Obter dados sobre o tipo de utilização de internet por parte do entrevistado</p>	<p>Conte-me como começou a utilizar a internet</p> <p>O que esperava encontrar?</p> <p>Conte-me o que faz quando utiliza a internet?</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Com que objetivos começou a utilizá-la?</li> <li>• Quantas horas utiliza, em média, por dia a Internet?</li> <li>• Em geral, quando recorre à Internet, quais são os seus objetivos?</li> <li>• Que atividades/tarefas realiza habitualmente na itnernet?</li> <li>• Quais os ambientes ou</li> </ul>

**Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

				ferramentas da internet que usa regularmente? •Dê um exemplo
D	Aprendizagem autodirigida	1- Obter dados sobre o processo de aprendizagem autodirigida do entrevistado ao utilizar a internet	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Descreva uma situação em que considera ter aprendido bastante na internet</li> <li>•Por que foi marcante esta experiência para si?</li> <li>•O que aprendeu foi realmente útil para si?</li> <li>•Considera que as aprendizagens realizadas eram esperadas?</li> <li>•A situação que descreveu atrás traduz o que habitualmente acontece quando aprende na internet?</li> <li>•Para si quais são as principais vantagens de aprender desta forma?</li> <li>•Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?</li> <li>•O que mais o motiva a aprender desta forma?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Citar exemplos</li> <li>• aprendeu o que queria aprender?</li> <li>• recorreu à internet, no caso relatado, tendo como objetivos essas aprendizagens?</li> <li>•Tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?</li> </ul>
E	Estratégias de aprendizagem utilizadas	1-Obter dados sobre quais as estratégias utilizadas pelo entrevistado para aprender na internet	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Como tem feito para aprender?</li> <li>•Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?</li> <li>• Como é que sabe</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Como faz para não se esquecer do que aprende?</li> <li>•O que faz para que aprenda bem?</li> <li>•O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?</li> </ul>

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

			que aprendeu?	
F	Seletividade e qualidade das fontes de informação	1-Obter dados como a pessoa idosa avalia, pesquisa a informação e as fontes	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?</li> <li>•Como decide se a informação é de confiança e credível?</li> </ul>	•Como sabe que o que está a ler é informação de confiança?
G	Impacto nas relações sociais	1-Obter dados sobre o impacto da rede social no entrevistado	<ul style="list-style-type: none"> <li>•Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet? - E os seus amigos? E outras pessoas com quem se relaciona?</li> <li>•Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>•De que forma a família, amigos, etc dão apoio, e o encorajam a continuar a utilizar a internet?</li> <li>•Dê exemplos</li> </ul>
H	Agradecimento	<p>1- Agradecer ao entrevistado a disponibilidade e pela colaboração no estudo</p> <p>2-Verificar se pretende acrescentar alguma coisa, esclarecer alguma dúvida ou fazer comentários</p> <p>3-Informar da disponibilização dos resultados finais do estudo, caso o entrevistado tenha interesse em conhece-los.</p>		

## 5.Procedimentos

Após definidos os critérios de inclusão e elaborado o primeiro guião de entrevista passou-se às entrevistas de teste para aferir se o guião, correspondia e servia os objetivos do presente estudo como meio para recolher informação relevante.

Assim, a realização das entrevistas definitivas começou em maio de 2012 com pessoas que conhecíamos do nosso meio profissional e pessoal, técnicos de instituições que nos foram indicando pessoas idosas, bem como por alguns familiares dos entrevistados. Após feita a triagem tendo em conta os critérios de inclusão, estas pessoas tornaram-se participantes do estudo.

Todo o processo de recolha de dados envolveu 8 participantes e estendeu-se até outubro de 2012. Os dados foram recolhidos entre Maio e Outubro de 2012 nas instalações da Associação O Círculo, e nas respetivas residências dos entrevistados. Todas as entrevistas foram audiogravadas com autorização dos entrevistados e respeitando todos os preceitos éticos inerentes à investigação científica.

As entrevistas foram conduzidas permitindo sempre que o entrevistado estruturasse o seu pensamento em torno do tema perspetivado, permitindo-lhe falar o quanto quisesse, e como quisesse, sem limites.

As entrevistas tiveram um tempo de duração muito diversificado, sendo a mais demorada de 50 minutos e 12 segundos (E3) e a menos longa de 33 minutos e 22 segundos (E4), tal como se pode observar pela tabela 2 abaixo.

**Tabela 2- Duração das entrevistas**

	E1	E2	E3	E4	E5	E6	E7	E8
Duração	37'34''	42'51''	50'12''	33'45''	56'12''	47'09''	39'22''	43'17''

Após a audição das entrevistas e das respostas dos entrevistados, procedeu-se à sua transcrição, respeitando-se o mais fielmente possível, as palavras, silêncios e interjeições dos interlocutores.

### 6. Análise de conteúdo

Entende-se por análise de conteúdo "um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens" (Bardin, 2009, p. 44). Esta técnica propõe analisar o que é explícito no texto para obtenção de indicadores que permitam fazer inferências. Normalmente, os dados verbais que foram gravados em áudio são convertidos em texto escrito, ou seja, uma "transcrição". As transcrições são representações visuais de interações verbais. Ao preparar os dados verbais para análise, a "configuração" e a "forma" da conversa é mantida na forma escrita. Em outras palavras, a linguagem falada não é escrita como narrativa, mas como diálogo (Martins & Theóphilo, 2007).

Trabalhámos os dados recolhidos através de um processo sistemático, no qual se pretendia a sua organização, divisão em categorias, sintetizá-los, retirando-lhes as ideias mais importantes de acordo com os objetivos estipulados para o nosso estudos e posteriormente codificá-los. Segundo Amado (2009, p. 232), o primeiro grande objetivo da análise de conteúdo "é o de organizar os conteúdos de um conjunto de mensagens num sistema de categorias que traduzam as ideias-chave veiculadas pelos documentos em análise".

No presente estudo, optámos por criar categorias, nas quais se incluem subcategorias. Nestas são integradas as unidades de registo, ou seja, excertos de texto do discurso dos sujeitos entrevistados, que, por sua vez, são organizadas e divididas originando os indicadores que confirmam a ideia expressa nas unidades de registo, de cada subcategoria. Este processo de análise, implicou trabalharmos os dados, organizá-los, dividi-los em unidades manipuláveis, sintetizá-los e procurar padrões entre eles, para se encontrar os aspetos importantes e decidir o que será transmitido aos outros, em suma, aquilo a que Bardin (1979) chama de três polos cronológicos, a pré-análise, a exploração do material, o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A partir das leituras efetuadas aos protocolos das entrevistas, com o auxílio dos blocos definidos previamente no guião da entrevista, e sem esquecer os objetivos da entrevista, dividiram-se os discursos dos sujeitos entrevistados em unidades de registo, distribuídas pelos blocos definidos no guião, que posteriormente se constituíram em categorias. O guião de entrevista apontava, desde logo, para os temas pertinentes na

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

investigação: dados biográficos, utilização de ambientes *online*, estratégias de aprendizagem online e impacto na rede social. O guião oferecia, assim, o ponto de partida para o passo seguinte na análise de conteúdo: a categorização. No caso desta investigação, a categorização foi elaborada *a posteriori*. As categorias, definidas *a posteriori*, resultaram da leitura dos discursos e do trabalho interpretativo realizado. Como no guião de entrevista o bloco relativo à aprendizagem autodirigida e seletividade e qualidade das fontes de informação tinham como finalidade enriquecer os dados recolhidos sobre o tipo de estratégias para aprender *online*, apenas foram considerados os outros dois blocos, enquanto categorias de análise: utilização de ambientes *online* e estratégias de aprendizagem utilizadas. O processo de categorização resultou de um esforço que se expressou por alterações sucessivas no sistema de categorias e subcategorias. Para se chegar à matriz final, muitos foram os ensaios e as tentativas necessárias. O trabalho de categorização, embora apoiado no enquadramento teórico, não deixou de ser um trabalho reflexivo e criativo. Os blocos definidos no guião de entrevista transformaram-se, quase todos, em categorias que estruturaram o processo de organização e distribuição das unidades de registo, que deram origem aos indicadores de cada subcategoria.

A análise de conteúdo, processou-se em dois momentos: primeiramente, procedeu-se à leitura vertical, documento a documento e, posteriormente, a uma leitura horizontal.

A leitura vertical consiste na leitura de cada documento, procedendo-se ao seu recorte. Trata-se do “esquartejamento do texto” (Amado, 2009, p. 237) o que não constitui uma meta em si mesmo, mas que é um caminho, para através do reagrupamento das unidades se encontrar novos sentidos, ocultos até ao momento. Ao fragmentar-se o texto, atribui-se a cada unidade, um sentido designado por uma expressão-chave, que foi, no nosso caso, sujeita a sucessivas revisões, à medida que avançávamos na leitura das entrevistas. É um processo minucioso, de constante aperfeiçoamento e refinamento. Cada um destes fragmentos constitui uma *unidade de registo*.

Após esta fase de leitura, de documento a documento, passou-se às leituras horizontais. Esta fase permite a comparação das unidades de registo com sentido igual ou próximo de todas as entrevistas realizadas.

Ao longo deste processo, fomos reformulando e aperfeiçoando a matriz, inscrevendo, para além das categorias e das sub-categorias, *os indicadores*. Estes surgem como um elo entre as categorias e as unidades de registo. Os indicadores são

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

“expressões construídas pelo analista, que resumem ou expressam a traço geral das unidades de registo” (Amado, 2009, p. 244).

Por questões de espaço, a análise de conteúdo efetuada é apresentado em anexo.

### **Conclusão**

Neste capítulo, descrevemos a problemática, objetivos e a metodologia utilizada no nosso estudo, contextualizando a nossa investigação, em termos de metodologia científica, e justificando as nossas opções, nomeadamente, a opção por uma investigação de carácter qualitativo. A investigação qualitativa, através do estudo de caso, é a que melhor se adequa à realidade que pretendemos investigar, com o recurso à entrevista semiestruturada para a recolha dos dados.

Para a constituição dos casos foram definidos critérios objetivos e foi construída uma tabela com as características dos adultos autogeridos identificadas por Candy (1991) na literatura

No capítulo seguinte, apresentamos e discutimos os resultados obtidos.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### Capítulo V – apresentação e discussão dos resultados

### Introdução

Neste capítulo procederemos à apresentação e discussão dos dados obtidos a partir da realização das entrevistas semiestruturadas. Após a primeira fase da análise de conteúdo, onde fizemos uma leitura vertical de cada participante, encetámos uma leitura horizontal, com base no guião elaborado para o efeito, da qual resultou a matriz que se encontra em anexo ?.

Inicialmente apresentaremos os dados obtidos através das respostas facultadas pelas pessoas idosas. Esta apresentação desenvolver-se-á a partir da informação contida na matriz e conseqüente análise de cada categoria construída, onde se detetam semelhanças e divergências no que concerne às principais temáticas em estudo.

#### 1- Apresentação dos dados

##### 1.1- Análise de conteúdo das entrevistas realizadas às pessoas idosas

Apresentar-se-ão de seguida os dados recolhidos às entrevistas das pessoas idosas participantes neste estudo, analisando as categorias propostas. Esta tarefa será complementada com referências às subcategorias encontradas e respetivos indicadores, devidamente ilustrados com as unidades de registo eleitas.

A matriz de análise pode ser consultada em anexo, no quadro 1.

##### 1.1.1. Utilização de ambientes online

Compreender como as pessoas idosas utilizam a *internet* é o objetivo desta categoria, como subcategorias foram definidas as seguintes: início da utilização da *internet*, expectativas criadas e ambientes utilizados.

Relativamente ao início da utilização da internet, constatamos que a maioria das participantes começou a utilizar a internet através das filhas:

“Quando a minha filha foi para Paris viver, comecei a usar (...) Ela antes de ir embora, ensinou-me a usar o skype” (E1).

“Comecei a utilizar a Internet através da minha filha (...) que me deu um computador velho e a partir daí eu comecei a brincar, ela ensinou-me a ver *emails*, a mandar *emails*” (E5).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“Comecei a utilizar quando a minha filha, me tentou ensinar pela primeira vez, isto há coisa de 4 anos ou assim” (E8).

A entrevistada E2 começou a utilizar a internet através do marido, realçando a importância que ele desempenha para a sua aprendizagem.

“Comecei a utilizar por causa do meu marido que se inscreveu num curso de informática para idosos e depois convenceu-me a ir também (...) eu desde que casei com ele, foi a melhor coisa que me aconteceu na vida, ele faz tudo para eu continuar a estudar ” (E2).

No caso dos restantes participantes, o início é relatado como fruto da iniciativa própria dos sujeitos, que manifestam já uma vontade em experimentar e aprender a utilizar esta tecnologia.

“Começámos na associação porque na altura eu não sabia nenhum outro sítio onde aprender” (E3).

“Eu queria aprender e queria comprar um computador para ligar-me à internet, depois quando recebi o computador finalmente pude fazê-lo” (E4).

“Comecei a utilizar quando instalei a internet aqui em casa” (E6).

“Comecei num curso da associação dos idosos, há 3 anos mais ou menos, comecei por experimentar e gostei” (E7).

As expectativas criadas pelas pessoas idosas relativamente à internet são bastante positivas para o que esperavam encontrar e da sua utilização do computador.

“Esperava algo fácil de utilizar e de comunicar” (E1).

“Eu achava, mesmo antes de ter computador, que podia ser uma coisa útil para mim como gosto de aprender coisas novas.” (E3).

“Esperava encontrar um género de enciclopédia, muita informação para pesquisar sobre o que eu quisesse. Uma ferramenta que me fizesse aprender mais e melhor, e uma ferramenta para colocar os meus trabalhos acessíveis a mais pessoas” (E4).

“uma ferramenta de comunicação do futuro” (E6).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“Esperava que o computador que me ajudasse a passar o tempo e a distrair, ver e aprender coisas novas, esperava que a internet me ajudasse a estar mais entretida” (E1).

“Esperava encontrar algo que em facilitasse a vida (...) comprar coisas na internet, procurar, moradas, n<sup>o</sup>s de telefone era isso que eu esperava” (E7).

“esperava encontrar muitas receitas, e aprende-las” (E8).

Encontramos em todas as entrevistas referências à vontade de aprender, aprender diferentes matérias, referindo-se a competências específicas de informática, aos seus interesses pessoais, mas também a aprendizagem numa perspetiva de desenvolvimento pessoal e de atualização do conhecimento.

“para aprender mais, aprender coisas novas, desenvolver-me” (E1).

“Quería aprender a mexer no computador” (E2).

“Eu queria aprender e queria saber como, isso era o principal” (E3).

“O meu objetivo era estudar e aprender mais sobre os sítios que eu queria visitar” (E4) “aprender novas receitas para cozinhar” (E8).

A maioria dos participantes pretendia utilizar a internet como um meio para desenvolver projetos pessoais, que implicam a produção e partilha de conteúdos *online*.

“para fazer o meu blogue e colocar os meus vídeos e fotografias, gostava de fazer um género de portefólio online, com as minhas músicas, os meus vídeos” (E4).

“Passar receitas e fazer livros de receitas, que estou a fazer um para minha neta” (E5).

“um site e uma forma de divulgar o meu trabalho” (E6).

“escrever as minhas memórias” (E7).

“fazer o meu blogue” (E8).

Em duas das entrevistas encontramos expectativas negativas e algum desconhecimento sobre a *internet*.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“Sei lá, eu esperava uma coisa diferente, e muito difícil, porque não sabia nada de nada, pensava que era uma máquina que fazia as coisas por nós, que nós carregávamos nos botões e o computador fazia coisas” (E2).

“Esperava encontrar uma coisa muito difícil e pensava que não conseguia fazer nada no computador” (E8).

As respostas dos entrevistados espelham o que fazem na internet, que tipo de utilização desenvolvem nos sítios por eles relatados e de que forma se apropriam da rede, da informação e dos programas existentes. Os sítios da internet utilizados pelos participantes são vários, mas todos os sujeitos utilizam o motor de busca *Google*.

“procuro receitas para novos pratos” (E8).

“procuro coisas que me interessam” (E7, E4 e E2).

“Procuro no Google os assuntos do dia” (E6).

“procuro coisas para estudar guitarra” (E3).

“procuro músicas, principalmente fados” (E5).

O correio eletrónico e as ferramentas de comunicação síncrona com chat e videoconferência são utilizados para a comunicação com familiares e amigos.

“falo com algumas pessoas da família” (E1).

“falo com amigos ou com o meu filho” (E2).

“vídeo-conferências com amigos” (E4, E6).

Todos os participantes utilizam a rede social *facebook*, e quando utilizam as redes sociais a comunicação é alargada a outras pessoas fora do seu círculo de amigos que entretanto vão conhecendo na internet e com as quais mantêm contacto e fazem amizades.

“vou ao Facebook” (E1, E5, E7).

“Quando ligo o computador, ligo o facebook fico lá um bom bocado a ver as coisas, vou vendo, às vezes ponho lá as fotografias das roupinhas que eu faço para minha neta, os casaquinhos” (E2).

“vou colocando as minhas coisas para partilhar” (E6).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“jogo no facebook” (E8).

A ferramenta de partilha de conteúdos *youtube* é igualmente referida por todos os entrevistados.

às vezes procuro músicas, principalmente fados “(E).

“vejo vídeos, oiço música”(D).

e quatro entrevistas mencionam também utilizarem o Blogue, nomeadamente os entrevistados E4, E5, E6 e E8.

“escrevo no meu blog” (E8).

### 1.1.2. Aprendizagem autodirigida da pessoa idosa

Esta categoria é de extrema importância para o nosso estudo, porque nos permite conhecer e compreender como as pessoas idosas utilizam a *internet* para as suas aprendizagens, e que atividades realizam para o efeito. Como subcategorias definimos as atividades de aprendizagem, a motivação para aprenderem, as respetivas vantagens e desvantagens de aprenderem desta forma.

No que diz respeito às estratégias utilizadas para aprenderem na *internet*, a pesquisa da informação é referida em todas as entrevistas como uma tarefa importante para aprenderem o que pretendem.

“pesquisas e procurar assuntos que gosto (...) fui descobrindo quase tudo sozinha (...) fui experimentando, às vezes quando ouvia falar de alguma coisa que me interessava ou ficava curiosa, quando ligava o computador procurava no Google e foi assim que fui descobrindo mais coisas e páginas. E também fui aprendendo e ganhando mais à vontade com isso.” (E1).

“Gosto de aprender e quando quero alguma coisa, geralmente é malhas e pontos e assim, já sei o que quero, vou à procura. Procuro num sítio depois procuro noutra e é assim. Depois daquela malha, isso ainda me deu mais força para continuar, como agora tenho mais sítios onde vejo malhas, quando aparece

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

alguma coisa que eu queira é mais fácil ou então tenho de ir à procura até encontrar aquilo que eu quero.” (E2).

“Vou ao Google e procuro lá iniciação à guitarra, iniciação às escalas, iniciação aos acordes, procuro por exemplo que a internet me explique a comparação entre a pauta e as cordas da guitarra. Isso é uma coisa muito engraçada, pelo menos uma pessoa olhar para uma pauta e saber mais ou menos o andamento da música. Tem de ser assim, tenho de andar à procura daquilo que quero aprender, vou procurando na internet pelos sítios que me aparecem a ver se encontro aquilo que quero aprender” (E3).

“quando tenho algo para fazer ou estudar, faço as minhas pesquisas (...) vou à procura de outros sítios que me vão surgindo, eu como disse, ponho o nome daquilo que quero pesquisar no google, e depois vou vendo ate chegar a conclusão que quero.” (E5).

“procurei fóruns e blogues, ia lendo o que as pessoas iam escrevendo” (E6).

“Fui ao Google pesquisar e encontrei várias receitas.” (E8).

A pesquisa da informação coexiste nas várias plataformas *online* utilizadas pelos entrevistados, refere-se tanto à informação escrita, como a pesquisa de material audiovisual, e é realizada nos motores de pesquisa, mas também ocorre nas redes sociais e nas ferramentas de partilha de conteúdos, como no caso dos entrevistados E2, E6 e E7, que nos relatam as suas pesquisas efetuadas no sítio de partilha de conteúdos.

“youtube, esse é quase sempre o primeiro onde vou, escrevo o que procuro, depois vou a outros” (E2).

“vendo vídeos a explicar como se faz, assim” (E6).

“vou ao *youtube*, coloco a palavra word e a seguir o que quero saber (...) escrevo word e a seguir título ou mudar cor de letra, e aparecem vários vídeos que explicam como fazer” (E7).

Em todos os casos a avaliação da informação existe e é realizada pelos participantes autonomamente, recorrendo para isso à comparação de fontes.

“Se for de alguma coisa que eu perceba minimamente consigo ver se a informação é boa, no caso de coisas que eu não domino torna-se mais difícil,

geralmente faço buscas para ver se a informação confere com outra que possa encontrar” (E1).

“Se for inglês vou ao Google vou ao tradutor e ele lá o computador diz-me a frase é isto. Se for guitarra às vezes não estou a perceber o que eles querem falar de escalas e não sei que mais, às vezes passo adiante, mas às vezes vou buscar outro tema, ou outro professor, e depois as vezes depois de estar a ouvir três ou quatro pessoas sobre o mesmo assunto, já fico um bocadinho melhor.” (E3).

“vou procurando ver, se confirmo com as outras, ou seja vejo o primeiro site, depois vou vendo os outros a ver se confirma, se é igual, se condiz um com o outro, quando tem o mesmo sentido digamos assim, é assim que eu faço, comparando uns com os outros.” (E5).

“Procuo comparar com outros *sites* ou blogues, pesquiso para tentar conferir” (E6).

“Vejo vários vídeos, e comparo, leio os *sites* e depois vejo noutros sítios” (E7).

No entanto, por vezes, os entrevistados sentem a necessidade de ajuda externa, e nessa situação, a maioria dos participantes recorre a familiares

“envio um email à minha filha ou ao meu marido, se for uma coisa que me interessa muito, se não desisto” (E1).

“Telefone à minha filha” (E8, E7, E5 e E1).

“Telefone a minha sobrinha” (E3 e E4).

Apenas duas entrevistas referem o recurso a outras pessoas, como é caso do entrevistado E3, que recorre a pessoas fora do seu círculo familiar quando tem dificuldades.

“Às vezes tenho de chamar alguém para me ajudar quando não consigo encontrar o que eu quero, umas vezes é porque não sei lá chegar, mas outras é porque não há no computador” (E3).

“Procuo vários sítios sobre o mesmo tema e comparo quando não domino muito a área que procuro, mas por exemplo se estiver a procura de musicas ou arranjos torna-se mais fácil para mim ver se a informação é verdadeira, às vezes mostro os sites a outras pessoas e peço-lhes uma opinião.” (E4).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Os entrevistados E4 e E6 recorrem a facilitadores *online* nas comunidades virtuais que utilizam.

“nos grupos do facebook onde estou pergunto se alguém me pode ajudar, então alguém responde e ajuda-me” (E4).

“Faço perguntas (...) à malta da página ou do blogue, faço um comentário e queixo-me, digo que não percebo, alguém depois me responde, e explica. São as vantagens das comunidades, toda a gente está ali para se ajudar uns aos outros.” (E6).

O caso particular das comunidades virtuais são vistos como bons recursos para a aprendizagem dos participantes, como exemplificado neste relato.

“À medida que fui avançando, fui ganhando mais recursos e mais sites, outra coisa que me ajudou, foi os grupos de partilha, ou as comunidades, há muita malta da fotografia que se junta e vai partilhando fotografias e depois coloca informação (...) as outras pessoas da comunidade podem colocar perguntas como é que se faz isto ou aquilo, que máquina usou, que programa usou, se a fotografia esta mexida ou não e assim vamos todos aprendendo uns com os outros.” (E6).

O participante E3 refere-se à comunicação síncrona com outras pessoas que conheceu na *internet* para aprender uma língua estrangeira.

“falar com correspondentes em inglês (...) depois de estar a conversar com eles ia ao dicionário e depois ia emendando (...) eu senti durante aquele mês, uma melhoria terrível, pelo menos a falar, porque aquilo obrigava-me a desenvolver-me a falar e a escrever” (E3).

A importância destas pessoas com quem interagem, dentro ou fora de rede, é referida nas entrevistas como uma parte importante da sua aprendizagem.

“Um dia um amigo meu disse-me que eu também podia fazer isso. Ele disse-me que programa devia usar, eu depois vi que tinha esse programa no meu computador.” (E1).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“falo com as minhas amigas, eu dou muitos erros mas elas estão sempre a puxar por mim, e dizem continua a gente percebe-te na mesma, porque eu disse-lhes que dava muitos erros e escrevia mal, e elas sabem. Elas sabem que eu não fui à escola.” (E2).

“outras vezes foram amigos meus ou conhecidos da internet que me indicavam sites com dicas que eles achavam que me podiam interessar” (E6).

“o meu genro ensinou-me como fazer” (E7).

“Também aprendo a falar com os meus amigos da internet, trocamos receitas e páginas da internet com muitas receitas para fazer.” (E8).

Outra tarefa importante para a aprendizagem dos participantes na *internet* referida na maioria das entrevistas é a necessidade de tirar apontamentos sobre aquilo que estão a aprender no momento, para mais tarde, caso seja necessário, aceder a essa mesma informação.

“tiro apontamentos para não me esquecer de alguma coisa mais difícil” (E1).

“Escrevo, copio. Normalmente e segundo também diz o computador, quanto mais se copiar quanto mais se escrever, aprende-se sempre, nem que seja português aprende-se sempre mais, e tenho aí dossiers e vou pondo, tiro na impressora, o que não interessa quase nada, porque o copiar é que alimenta o espirito, é que vai fazer uma certa evolução nas minhas habilitações, na cópia. Carrego nas teclas e a impressora tira mais uma, serve, mas não é a mesma coisa, estar ali debruçado a copiar, às vezes não se pode copiar tudo porque se tem de passar adiante, mas, o ideal é fazer cópias, estou a falar de gerontologia, de pesca submarina, especialmente de guitarra, como eu quero evoluir mais um bocadinho, vou passando nos meus cadernos próprios, compro cadernos uns com linhas de música outros sem linhas de música, isso ajuda muito” (E3).

“Faço apontamentos, ou imprimo as informações que quero guardar (...) faço arquivos das coisas, se quiser recuperar alguma informação, ou reler alguma coisa, tenho tudo guardado, assim posso ir lá consultar sempre que quiser, se estiver no computador, vou aos favoritos ou às pastas onde tenho as coisas guardadas, e vou lendo.” (E4).

“Faço apontamentos” (E7 e E5).

“Escrevo as receitas no meu livro” (E8).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Dado que a maioria dos entrevistados procura um saber mais prático, relacionado com o saber fazer, uma tarefa referida pela maioria dos participantes é a necessidade de experimentar e exercitar o que estão a aprender.

“vou praticando e treinando até chegar onde eu quero, onde eu acho que já estou bom.” (E6).

“praticar, faço o que vejo nos vídeos” (E7).

“Quando consigo fazer a receita várias vezes e ela sai sempre bem, já aprendi mais uma receita.” (E8).

A experimentação e aplicação prática daquilo que aprendem são importantes para os entrevistados na consolidação das aprendizagens.

“Quando consigo fazer aquilo que quero mais que uma vez sem ter de ver apontamentos ou pedir ajuda, quer dizer que aprendi.” (E1).

“passar as noites a fazer malha assim é que eu aprendo bem” (E2).

“Por exemplo em inglês, quando quero escrever uma carta, por exemplo uma daquelas cartas normais, nada de política ou desporto, nada de coisas técnicas, agora das coisas rango rango... sei que aprendi porque depois as pessoas, no caso, por exemplo de alugar casas a estrangeiros, quando estava na Ericeira, envio-lhe fotografias da casa, com a carta. O preço é tanto. Depois eles respondem: sim senhora, gostei. Vou para a sua casa. E fiz isso muito bem, mas também era o primeiro a dizer, eu escrevo muito mal inglês, mas, penso que me percebe e com as fotografias e com a maneira como eu escrevia, eles vinham e conseguíamos comunicar, cheguei a ter clientes que vieram três e quatro anos seguidos de Inglaterra para as minhas casas da Ericeira.” (E3).

Os discursos dos entrevistados indicam-nos que consideram as aprendizagens eficazes e significativas para a sua vida. Os participantes avaliam as aprendizagens como positivas quando conseguem uma aplicabilidade do que aprenderam nas suas vidas quotidianas.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“aprendi mais coisas, mais pontos que não sabia fazer, agora até tenho mais sítios para ver como se faz malhas” (E2).

“É uma boa maneira de eu aprender mais do que aquilo que já sei, tanto no inglês como na música”(E3).

“consegui realmente aprender algo que me interessava, e há muito tempo, e não é algo corriqueiro, o que me espantou ter essa informação disponível” (E4).

“Quando eu estava a fazer o meu blog, aprendi muito, muito mesmo. Temperos que eu não conhecia, e estou com ideias de continuar a fazer essa coisa, muitas vezes pensava que era uma coisa, os temperos e eram outra, quantas vezes isso me aconteceu, mas uma história gira foi a do colorau, eu pensava que o colorau era feito de pimento, e não é, é de coruma, coruma, é a semente de coruma, e fiquei muito admirada com isso porque a minha convicção era que era feito de pimento e que era pimento mesmo, fiquei admirada e até disse ao meu marido, por isso é que eu como pimento e não me faz mal e como colorau e faz-me mal, e vim logo a descobrir o porquê. Isso foi mesmo uma fase onde aprendi muito, à medida que ia fazendo, e pesquisando e escrevia para depois incluir no meu blogue, aprendi muito mesmo. (...) sou alérgica ao colorau, e finalmente consegui perceber o porquê, pensava que era os pimentos, mas não...” (E5).

“aprendi várias coisas na internet, a ver tutoriais de Photoshop e nos blogues de fotografia, quase todas as coisas que sei fazer no PHOTOSHOP (programa de edição de imagem), aprendi na internet.” (E6).

A entrevistada E2 relata-nos uma situação em que a aprendizagem na *internet* foi bastante significativa para si. Aprender o que pretendia foi útil para a sua valorização dentro do seu grupo de amigas, e para a sua própria valorização enquanto pessoa, ao perceber-se como capaz de aprender aquilo que desejava, sem ter de depender de terceiros.

“Eu queria aprender a fazer a “pena de pavão” (ponto de tricot), e pedi a uma pessoa, agora não interessa quem, para me ensinar, e ela disse que sim, mas depois nunca me ensinava, todos os dias arranjava uma desculpa, dizia-me: já te ensino – mas depois nunca ensinava, isto andou assim durante uns tempos. Depois um dia lembrei-me de procurar no computador e encontrei. Depois aprendi sozinha e mais tarde quando ela viu, ficou muito espantada e perguntou

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

quem é que me tinha ensinado, e eu disse-lhe que tinha aprendido sozinha no computador, ela ficou fula, não disse nada mas eu vi que ela ficou com uma cara (risos), estava toda lixada, ela não me queria era ensinar, queria só ela saber fazer. Eu fiquei toda contente, depois disso já aprendi mais pontos e estou muito feliz. Agora quando quero aprender já sei como fazer, já não preciso de perguntar a ninguém.” (E2)

Através da análise das entrevistas constatamos que a motivação para os participantes aprenderem na *internet* é intrínseca, aponta para as características internas dos indivíduos que resulta na aprendizagem de matérias que são significativas e que vão ao encontro dos seus interesses, mas também, na capacidade de autogestão da sua aprendizagem.

“motiva-me muito aprender coisas novas e coisas que eu quero.” (E4).

“O querer-me atualizar, saber as coisas, evoluir” (E5).

“Motiva-me conseguir fazer sozinha” (E1 e E8).

“Conseguir fazer as coisas sozinha.” (E2).

“Gosto de conseguir fazer sozinho aquilo que eu queria, dá-me mais força para continuar e não desistir” (E7).

Para E3 a motivação resulta do sentimento de *empowerment* quando alcança os objetivos a que se propôs.

“motiva-me muito ver os meus progressos. Gosto de ver que já estou melhor, ou que já aprendi mais coisas desde que comecei nestas andanças.” (E3).

Para os participantes, as vantagens são muitas para aprenderem na *internet*, a maioria deles, refere a quantidade de informação disponível à qual podem aceder facilmente, como uma delas.

“é uma enciclopédia gigante com tudo o que eu quero, e a vantagem de ter tudo aqui concentrado” (E4).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“dantes quando queria aprender alguma coisa, tinha de procurar em livros, e agora é mais simples, ligo computador e pergunto, procuro já não tenho de andar à procura dos livros” (E7).

“para aquelas pessoas que querem aprender o computador é bom porque lá podemos encontrar de tudo, tudo o que se queira está na internet, as vezes temos e de ter paciência e procurar bem o que se quer” (E8).

Outra vantagem identificada pelos participantes E5 e E6 é o contacto e comunicação com pessoas com interesses semelhantes.

“poder comunicar com outras pessoas através do facebook ou do skype” (E5).

“o contacto que se mantem na internet com outros profissionais, e amadores também, nas comunidades e nos sites, que às vezes se tornam amigos.” (E6).

Em duas entrevistas E7 e E8 os participantes que sofrem de algumas limitações em termos de mobilidade, consideram uma vantagem em aprender com a internet, contornando desta forma a sua limitação física, podendo aceder à grandes quantidades de informação ou comunicar com outros

“e para pessoas como eu, que já tem algumas dificuldades em andar é muito bom” (E7).

“como custa-me a andar” (E8).

Outra vantagem referida prende-se com a utilização de recursos audiovisuais para aprender, os participantes E2 e E7 procuram este tipo de recursos, que referem ser mais fácil, na sua opinião, para aprenderem.

“É mais fácil (...) forma como explicam, os vídeos é fácil uma pessoa vê como se faz” (E2).

“Posso ir seguindo o que vejo nos vídeos (...) posso parar o vídeo e andar para trás se quiser ver e ouvir outra vez ou uma coisa que não tenha percebido” (E7).

No caso do entrevistado E6 refere como vantagem o facto de ser mais económico aprender desta forma.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

“não gastar dinheiro (...) não tenho e pagar balúrdios por este tipo de cursos, e vou-me safando.”(E6).

O entrevistado E3 considera esta forma de aprender mais adequado para pessoas da sua idade, com explicita no seguinte relato.

“Primeiro não vou, como já fui, para a academia da música ali em Cascais, não me vou por ao pé de miúdos a tocar guitarra, por que eu não me sinto bem ao pé de miúdos, os miúdos olham para mim assim como quem diz, mas afinal, o que é que este velho que devia ser professor está aqui ao pé de mim? Não. Assim não. Eu resolvo muita das coisas que eu consigo resolver assim neste aspeto de música no computador. Ainda melhor. Não tenho de sair de casa nem tenho os miúdos a chatearem-me ou eu não me parecer bem estar ao pé dos miúdos. E resolvo aquilo que tenho e resolver”(E3).

No que diz respeito às desvantagens, a maioria dos entrevistados referem não existir, dizem não encontrarem desvantagens na utilização que fazem da internet, apenas duas entrevistas referem desvantagens ligadas à dificuldade em encontrar a informação que pretendem e nalguns casos a informação que encontram é confusa ou insatisfatória.

“As desvantagens são essas, às vezes a dificuldade em encontrar certas coisas que procuramos ou quando procuramos e encontramos o que queremos, temos más explicações. Temos explicações confusas ou que não me satisfazem. Acho que é isso as desvantagens que eu posso encontrar. Procurar coisas e não conseguir encontrar ou quando encontro a explicação não é boa, são essas as desvantagens” (E3).

“às vezes não encontro o que quero. Farto-me de procurar (...) ou aparecem páginas em inglês e não percebo nada” (E8).

### 1.1.3. Impacto na rede social da pessoa idosa

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Nesta categoria pretendemos compreender o impacto que a aprendizagem das pessoas idosas na *internet* assume na rede social dos entrevistados, como subcategorias, definimos a família e os amigos e conhecidos.

Referido em todas as entrevistas como bastante positivo, é o apoio que recebem dos familiares, note-se que este incentivo e apoio tanto pode ser presencial e/ou via *internet*.

“Adoram. O meu marido adora, foi ele que me puxou para isto, ele também gosta também tem o computador dele, e eu tenho o meu, andamos os dois nisto. O meu filho também o mesmo, diz para eu continuar. E tá claro os meus netos adoram” (E2).

“De uma maneira geral já sabe, a rapaziada nova sabe que os velhos não aderem a Internet, eles acham engraçado, a mulher também” (E3).

“a começar pela miúda (neta) que me diz, vai para o teu computador, que tens trabalho, toda a família me apoia e toda a família me ajuda, (...) quando estava a fazer o blog, o meu marido até fazia as coisas da casa para eu ter tempo para o meu trabalho ao computador.”(E5).

“Eles apoiam-me muito, a minha filha esta sempre a enviar-me *emails* ou as vezes mensagens no *facebook*, e dizem sempre para eu continuar” (E7).

Também no caso de amigos e conhecidos todas as entrevistas mencionam o apoio positivo por parte destas pessoas que os incentivam a continuar a utilizar a *internet*.

“Os meus amigos também gostam, ficam muito contentes que eu que nunca andei na escola ande agora nos computadores”(E2).

“Os meus amigos também me incentivam muito para não desistir e continuar.”(E7).

“Todos me apoiam muito e esse apoio tem sido importante, especialmente quando recebo mensagens ou *emails* de pessoas que não conheço a darem-me os parabéns pelas minhas receitas do blog” (E8).

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

No caso da entrevistada E1 refere o apoio que recebeu numa situação de doença, e de como o uso da internet foi importante aquando desta situação na sua vida, o que lhe permitiu comunicar com outras pessoas e desenvolver atividades de lazer e ocupação dos tempos livres, referindo como bastante positivo todo o suporte que recebeu por parte de amigos e conhecidos enquanto permanecia em tratamento.

“Dão-me imenso apoio. Quando estive doente recebia imensos emails de apoio, foi muito bom e ajudou-me muito (...) Usava muito o computador para falar com amigos e família e a minha filha claro, enviava emails e respondia aos emails bonitos que as pessoas me enviavam a desejar as melhoras, foram uns queridos. E também era uma forma de me distrair, tinha jogos para jogar, foi uma altura difícil mas graças a deus já passou e o computador foi uma boa companhia em alguns momentos para me distrair, porque eu praticamente não saía de casa, não me sentia bem nem com forças” (E1).

Nenhum dos entrevistados referiu um impacto negativo na rede social.

## 2. Discussão dos resultados

Passaremos em seguida à discussão dos resultados apresentados nos pontos anteriores. Neste trabalho propusemo-nos compreender a aprendizagem autodirigida das pessoas idosas na internet, e para tal, ao discutirmos os resultados, iremos triangular os dados obtidos com a literatura, e oportunamente, adicionaremos alguns dos nossos comentários que julgamos pertinentes.

Uma análise global das narrativas permite-nos verificar que existem aspetos comuns a todas as entrevistas na utilização da internet e na persecução de atividades de aprendizagem autodirigida. No entanto a generalização de conclusões não é nossa intenção. Pretendemos esboçar um quadro da aprendizagem autodirigida da pessoa idosa na *internet*, na perspetiva de poder contribuir para o conhecimento desta realidade e enriquecer o campo de investigação.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Os estudos indicam-nos que muitas vezes as pessoas idosas são aprendentes ativos e que a maioria desta atividade é refletida através dos projetos autoplaneados de aprendizagem em que estão envolvidos (Hiemstra, 1976). Mas no que diz respeito às novas tecnologias, os adultos mais velhos são mais conservadores e relutantes e envolvem-se menos em atividades educativas ligadas aos computadores (Baracar & Marquie, 1994). Verificam-se que existem diferenças de género nas pessoas idosas e na sua utilização da internet. As mulheres são mais ambivalentes no uso desta tecnologia que os homens (Carpenter & Buday, 2007; Selwyn, 2004) e o suporte familiar é um fator importante para a utilização destas tecnologias e respetivas aprendizagens (Chu, 2010).

Ao analisarmos as entrevistas, constatamos que as expectativas criadas pelas pessoas idosas eram bastante altas. Podemos afirmar que todos os participantes apresentavam expectativas muito realistas e positivas sobre a utilização da internet. Apenas duas das entrevistadas referem expectativas negativas e algum desconhecimento sobre a internet.

Um dos objetivos deste trabalho pretendia explicitar como se iniciou o processo de aprendizagem na internet. As participantes femininas do estudo iniciaram o processo de aprendizagem através das filhas, e numa entrevista, através do marido. Nestes casos, estamos perante eventos nas suas vidas que despoletaram uma situação de aprendizagem, referido nos estudos como *circunstância organizadora* (Spear e Mocker, 1984). A circunstância mudada forneceu recursos e oportunidades para que o aprendente se iniciasse na aprendizagem. A estrutura, o método, os recursos e as condições da aprendizagem foram orientados pelas circunstâncias, como no caso da entrevista E1, “Quando a minha filha foi para Paris viver, comecei a usar, já tinha computador, mas não tinha internet, depois ligámos, para podermos falar com ela e ver com a camera (...)Ela antes de ir embora, ensinou-me a usar o skype”(E1)

Nos participantes masculinos, a vontade para aprender e a iniciativa própria levou-os a procurarem aulas e cursos de informática em associações e universidades da terceira idade. Tomar a iniciativa de aprendizagem e assumir a responsabilidade pela sua aprendizagem são referidos nos estudos como sendo características da auto diretividade dos sujeitos. Relembramos que Knowles (1975) mostra-nos que existem evidências significativas que as pessoas que tomam a iniciativa de aprendizagem (aprendentes proactivos) aprendem mais coisas e aprendem melhor e que esta forma de aprendizagem é naturalmente uma tendência nas pessoas adultas.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

O objetivo de usar a internet para aprender está presente em sete das oito entrevistas, bem como o desenvolvimento de projetos pessoais em cinco dos protocolos. Os ambientes utilizados são os motores de pesquisa, as redes sociais e as ferramentas de partilha de conteúdos. Todos os entrevistados utilizam o correio eletrónico, o motor de pesquisa “Google”, a rede social “facebook” e a ferramenta de partilha de conteúdos “youtube”. Além destes, existem referências aos blogues em duas das entrevistas e a utilização de ferramenta de comunicação síncrona em quatro entrevistas. A utilização que os entrevistados fazem da internet é bastante reduzida, acedendo apenas aos sítios mais populares, sem muita variedade. A rede social “facebook”, é utilizada por todos os entrevistados, e visto congrega muitas funcionalidades, devido à sua facilidade de utilização e popularização, torna-se uma plataforma mais cómoda e apetecível para o utilizador, que pode comunicar em tempo real, juntar-se a grupos e comunidades virtuais, videoconferência, partilhar conteúdos, interagir com amigos e conhecidos, jogar, etc.

No que diz respeito aos programas utilizados pelos entrevistados, além do navegador de internet (*internet explorer*), utilizam também o programa de processamento de texto (*word*), o programa de apresentações de diapositivos (*powerpoint*), o programa de comunicação síncrona (*skype*) e o programa de edição de imagem (*Photoshop*).

Quanto às atividades utilizadas pelas pessoas idosas para aprenderem na internet, a pesquisa e seleção a informação é uma das estratégias comuns a todos os entrevistados, a pesquisa é realizada nos ambientes utilizados pelos entrevistados, podendo abranger a informação escrita e/ou audiovisual. A pesquisa independente já havia sido referida nos estudos de Gibbons *et al* (cit. por Brockett e Hiemstra, 1991), como uma das dimensões frequentemente associadas à autodiretividade dos sujeitos, assim como a autoconfiança e a resistência a contrariedades e insucessos.

Habitualmente, o processo de aprendizagem dos entrevistados é orientado para a aquisição de competências no domínio do saber fazer, procurando aprender tarefas específicas. Os projetos de aprendizagem são levados a cabo através de uma série de episódios de aprendizagem relacionados entre si. Cada necessidade de aprendizagem diagnosticada, leva os entrevistados a desenvolver atividades que lhes permitem aprender assuntos tão diversos como: pontos de crochet, inglês, apresentações de diapositivos, aprender a tocar guitarra, utilizar o processador de texto, ou programa de edição de imagem, aprender receitas novas, entre outras. Os esforços de aprendizagem

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

estão concentrados numa dada área específica, mais do que dispersos por uma grande amplitude de domínios. As atividades de aprendizagem tanto podem ser planeadas antecipadamente ou ocorrer informalmente. Tratando-se de um processo em autogestão onde os entrevistados administram tarefas e recursos externos, selecionam e utilizam técnicas, ambientes e programas, para alcançar cada objetivo.

Ao mesmo tempo existe todo um processo de seleção e avaliação da informação, refletindo sobre a qualidade da informação, e a sua pertinência para com os seus objetivos de aprendizagem. Esta atividade implica uma auto monitorização que envolve aspetos cognitivos e metacognitivos internos aos entrevistados, tais como o pensamento, a reflexão, melhoramentos no processo de aprendizagem, a capacidade para assimilar a informação e integrá-la em estruturas de conhecimento já existentes. Os entrevistados demonstram a capacidade de refletir sobre a própria aprendizagem, pensar sobre o seu próprio pensamento e aprender a aprender. Apesar da auto monitorização mobilizar os processos internos do indivíduo, os fatores externos continuam a ter a sua importância, por exemplo o feedback positivo de um familiar pode influir na reflexividade do sujeito.

A leitura e a escrita integram um vasto conjunto de atividades de aprendizagem e abordagens utilizadas, mas não são as únicas. A orientação predominante na aprendizagem é experiencial e ativa, os entrevistados tendem a recorrer à experiência concreta e à experimentação. As referências contidas nas entrevistas expressam a necessidade de experimentar e exercitar o que estão a aprender de momento, quer se trate de um ponto novo de croché ou de uma nova função de um programa de processamento de texto. O estilo de aprendizagem dos entrevistados remete-nos para o *estilo acomodante* descrito por Kolb (1976), pela capacidade do sujeito em recorrer à experiência concreta e à experimentação ativa, e também pela facilidade do sujeito em fazer coisas e executar planos, sendo mais propenso a assumir riscos, em lidar facilmente com situações em mudança, em solucionar intuitivamente os problemas, e pela tendência a confiarem na informação dos outros.

As atividades de aprendizagem implicam um certo grau de autonomia e independência, mas não decorrem no isolamento. A interação com outras pessoas é referida em todas as entrevistas como um aspeto importante da aprendizagem. A comunicação em tempo real para aprender inglês, a utilização das comunidades virtuais, as redes sociais e o recurso a terceiros para solucionar problemas ou esclarecer dúvidas, são práticas comuns entre os entrevistados. A aprendizagem autodirigida, como vimos, não exclui a presença de um facilitador ou quaisquer outros recursos externos, quer

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

sejam humanos ou não humanos, independentemente do contexto onde ocorre (Long, 1992). Os estudos de Tough (1965, cit. por Brockett e Hiemstra, 1991), confirmam essa mesma ideia, que apesar das atividades de aprendizagem implicarem um certo grau de autonomia e independência, existem evidências sólidas que os aprendentes autodirigidos procuram muitas vezes, os outros, como recursos para a sua aprendizagem.

No que diz respeito ao recurso a outras pessoas, os entrevistados procuram neles ajuda para validar a informação, para a resolução de problemas, na instalação de *hardware* e *software*, ou para outras situações. Segundo a literatura, o facilitador foi identificado como assumindo um papel muito ativo e de muita responsabilidade na efetivação da aprendizagem autodirigida, que se concretiza em negociar, trocar pontos de vista, disponibilizar recursos necessários, validar resultados e, até, prestar alguma forma de apoio psicológico (Knowles, 1975; Brockett e Hiemstra, 1991, cit. por Oliveira, 1996). Os facilitadores referidos nas entrevistas são familiares próximos dos participantes, na maioria das entrevistas são os próprios filhos, remetendo-nos para a existência de uma rede de suporte social à qual as pessoas idosas podem recorrer, e a sua importância para as aprendizagens. Percebemos a importância das pessoas com quem comunicam, dentro e fora da rede, para a sua aprendizagem e a quem recorrem para a descoberta de novos sítios da internet, mas também para a validação da informação. A opinião de amigos e conhecidos é importante para a utilização de um determinado sítio da rede ou mesmo um programa no computador.

Como observámos aquando o início da utilização da internet, e ao longo de todas as entrevistas, verifica-se a importância dos familiares, principalmente os filhos, na promoção e facilitação do uso da internet. Igualmente importantes são as comunidades virtuais, referidas nas entrevistas como mais um recurso para a aprendizagem dos entrevistados. O caso das comunidades virtuais remete-nos para o que foi definido por Brookfield (1953) como uma associação de aprendizagem (*fellowship of learning*), onde pessoas entusiastas, partilham interesses comuns, fornecendo novos recursos, novos sítios da rede, novas ferramentas, mas também auxílio na avaliação da informação e/ou na resolução de problemas. A utilização das comunidades virtuais é uma estratégia de aprendizagem referida pelos participantes.

No que diz respeito à motivação, esta é intrínseca e é referida em todas as entrevistas. A razão para os entrevistados desenvolverem determinadas atividades resulta da própria satisfação que obtêm ao realizá-la. Não são necessárias recompensas

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

para prosseguirem a atividade, existe uma tendência nos entrevistados para procurarem vencer desafios à medida que perseguem interesses pessoais e desenvolvem capacidades e conhecimentos. A investigação e os estudos realizados indicam-nos que a prontidão do sujeito para ser autodirigido na aprendizagem resulta de um estado interno, proporcionado por uma constelação de atitudes, valores e capacidades (Guglielmino, 1977). Os entrevistados têm necessidade de informação e necessidade de controlo. As atividades de exploração dos entrevistados apontam para esta necessidade de controlo. O que nos remete para o desenvolvimento de atividades intrinsecamente motivadas, nas quais os entrevistados se percebem como detentores do controlo da sua atividade. Nas entrevistas, as várias referências ao sentimento de autonomia, ao autocontrolo, ao sentimento de desafio, ao envolvimento, e à autodeterminação, expressam diversas dimensões motivacionais, que refletem características internas dos entrevistados.

As vantagens apontadas pelos participantes para aprenderem utilizando a *internet*, referem-se à grande quantidade de informação a que têm acesso desta forma. Como constatámos atrás, a pesquisa e seleção de informação é uma estratégia utilizada por todos os entrevistados e que ocupa grande parte do seu tempo de aprendizagem. A capacidade da internet para congregar no mesmo espaço, uma quantidade quase ilimitada de informação é um bom ponto de partida para as pesquisas e uma enorme potencialidade para as aprendizagens. É através do acesso à informação, da sua seleção e pesquisa, que os entrevistados se percebem como senhores da informação necessária para o desempenho das suas atividades de aprendizagem.

Outra vantagem mencionada é a comunicação com outras pessoas com interesses semelhantes. Neste aspeto as pessoas idosas valorizam a comunicação com familiares, mais concretamente filhos. A *internet* Por permitir diferentes tipos de comunicação, desde a comunicação escrita por mensagem, até à comunicação síncrona em videoconferência, ou a possibilidade de se comunicar com mais do que um interlocutor ao mesmo tempo, poderá ser vantajosa para a vida das pessoas idosas, mantendo-os em contacto com a sua família e com outras pessoas, evitando assim o isolamento social, a que muitas vezes as pessoas idosas estão votadas. Através desta tecnologia é uma forma para manter o contacto com pessoas significativas para a sua vida e evitar o isolamento social, além facilitar a integração na cultura digital das gerações mais novas, como no caso dos filhos e netos.

Através da *internet* comunicam com familiares, amigos, conhecidos e participam nas redes sociais. Estabelecem contacto com outros profissionais e pessoas com

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

interesses semelhantes, potenciando a troca de experiências enriquecedoras e a aprendizagem.

Outra vantagem apresentada pelos entrevistados é a internet proporcionar um ambiente facilitador da aprendizagem e do desenvolvimento pessoal, mais adequado ao ritmo de aprendizagem das pessoas idosas. Esta questão é referida pelos participantes com baixas qualificações escolares, referindo-se à multiplicidade de recursos audiovisuais com os quais podem aprender, considerando, na sua opinião, ser mais fácil seguir o que veem no vídeo, do que estar a procurar e ler informação escrita. Outra vantagem referida é o facto de através da *internet* os participantes poderem dispensar os ambientes de educação formal, que muitas vezes consideram desadequados para a sua idade e ritmo de aprendizagem, o que nos levanta questões relativamente à importância da formação de técnicos especializados em educação de adultos, para conseguirem corresponder às expectativas das pessoas idosas em formação.

No que diz respeito às desvantagens a maioria dos participantes refere não existirem. Talvez devido, como vimos no início, às suas altas expectativas relativamente a esta tecnologia e também pelo facto de todos eles terem vindo a realizar essas mesmas expectativas, as desvantagens proferidas pelos participantes, são mencionadas em menor número e estão ligadas a dificuldade em encontrar a informação pretendida, por vezes é difícil para as pessoas idosas chegarem até aos conteúdos que pretendem. Também apontada como desvantagem surge a capacidade de interpretar a informação, em particular, quando surge numa língua estrangeira, ou quando são utilizadas denominações diferentes à qual os aprendentes não estão familiarizados, como no caso de Portugal e Brasil, em que são utilizadas por vezes expressões diferentes para designar a mesma coisa.

Além destas, são ainda referidas dificuldades técnicas e económicas, como uma desvantagem para utilizar o computador, é preciso aprender a trabalhar com o computador, algum à vontade com a tecnologia, para que se consiga finalmente disfrutar da tecnologia e aprender com ela. É ainda necessário um investimento económico inicial para a aquisição de um computador, e isto não está ao alcance de todos, particularmente nas pessoas idosas, segundo a opinião de alguns dos participantes.

Quanto ao impacto na rede social, ao analisarmos as entrevistas, verificamos que é bastante positivo e que os entrevistados dispõem de um rede de suporte familiar que os apoia e incentiva, que está disponível e a qual podem mobilizar para qualquer dificuldade que encontrem. Todos os relatos evidenciam este facto como positivo e

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

influyente na utilização da *internet*. Como havíamos verificado, ao longo da análise das entrevistas, foram surgindo várias evidências da existência desta rede em todos as pessoas idosas, notámos esse facto no início da utilização da *internet*, em particular no género feminino, depois pela mesma rede ser mobilizada pelos participantes quando necessitam de facilitadores, e por fim, constatámos, que a rede de suporte, mais concretamente a família e amigos, mas não só, funcionam como incentivadores e pessoas que reforçam positivamente as atividades de aprendizagem das pessoas idosas, criando assim um contexto favorável, para que as pessoas idosas se sintam confortáveis para prosseguirem as suas atividades e projetos de aprendizagem.

### **Conclusão Geral**

O mundo em que vivemos hoje é uma sociedade da informação que valoriza criação e partilha de novos conhecimentos, de modo que o conhecimento possa ser aplicado para o bem-estar dos povos e criar soluções para os problemas globais. As características sociais e culturais de uma sociedade da informação exigem cidadãos altamente adaptativos, as sociedades mudam rapidamente, são multiculturais, multiétnicas e multirreligiosas. Existe uma grande mobilidade e conectividade entre as pessoas. O rápido desenvolvimento dos *media* sociais como *facebook* e *blogs* ajudam a promover interações sociais entre as pessoas, quebrando os limites do tempo e espaço. Como resultado, muitas sociedades modernas tornaram-se aldeias globais.

Para desenvolver cidadãos confiantes na sociedade de hoje significa que o acesso à educação, a capacidade de aprender, seja uma realidade, é necessário que a disposição para a aprendizagem seja permanente e ao longo da vida. As competências de comunicação e colaboração em atividades de criação de conhecimento tornam-se cada vez mais importantes para a participação num mundo social e culturalmente diverso. As alterações demográficas das últimas décadas e as exigências da globalização impõem a necessidade de pessoas mais conscientes, criativas, independentes e ativas nas suas aprendizagens. As aprendizagens permitem às pessoas adaptarem-se às constantes mudanças nas diversas situações das suas vidas, no trabalho, na vida pessoal e social. Donde que, a educação precisa ser direcionada para desenvolver as competências das pessoas para identificar, gerir e mobilizar recursos para aprender e para a capacidade de monitorar seu próprio progresso na aprendizagem. A tecnologia é

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

indispensável no nosso mundo globalizado, e desenvolver as competências dos aprendentes para usar as tecnologias de informação e comunicação é vital para a sua participação na sociedade contemporânea.

Na dissertação da tese que ora chega ao seu termo, debruçámo-nos sobre a aprendizagem autodirigida da pessoa idosa na *internet*. Quisemos, pois, não só compreender como as pessoas idosas usam as tecnologias da informação e comunicação para atividades de aprendizagem autónomas e ao longo da vida, mas também contribuir para visibilidade e reflexão desta realidade, com idiossincrasias próprias.

Desta forma, na primeira parte deste estudo, entendemos ser pertinente fazer, uma reflexão sobre os desafios educativos da sociedade contemporânea, reforçando as mudanças económicas e sociais que atualmente operam nas nossas sociedades. No primeiro capítulo, apresentámos uma reflexão sobre a sociedade da informação e as suas interligações com diferentes conceitos pertinentes para a discussão deste fenómeno. Para isso concentrámo-nos na problematização dos conceitos de informação e conhecimento, a fim de perceber as suas diferenças e o seu papel nas sociedades contemporâneas e de como estes aspetos estão na base da efetivação da sociedade de aprendizagem.

De seguida, no subcapítulo dedicado à educação e adultos e aprendizagem ao longo da vida, verificámos que a ideia de educação permanente foi substituída pelo conceito de aprendizagem ao longo da vida, vincando bem a componente ideológica e economicista subjacente a esta alteração.

No capítulo seguinte, demos conta da implementação da *internet*, e de como esta tecnologia pode apresentar-se como uma vantagem para a educação e aprendizagem de todas as pessoas. Salientando as suas especificidades e potencialidades no campo educativo, mas também as suas limitações, nomeadamente no que diz respeito às pessoas idosas, no que concerne à infoexclusão. Refletimos ainda sobre uma nova forma de lidar com a informação e o conhecimento, característica de uma sociedade em permanente atualização, onde o conhecimento e informação são parte integrante do uso que fazemos das tecnologias de informação e comunicação. Para finalizar discutimos a questão do envelhecimento com as tecnologias de informação e comunicação, salientando a falta de programas oficiais que promovam a infoinclusão das pessoas idosas.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

De seguida, no capítulo seguinte, efetuámos uma revisão da literatura, no que diz respeito à aprendizagem autodirigida, especificando os diferentes modelos e focando-nos em estudos com pessoas idosas e as tecnologias de informação e comunicação.

Na segunda parte do nosso trabalho – o estudo empírico – começamos por definir a problemática e os nossos objetivos, que pretendiam não só dar a conhecer um fenómeno pouco estudado em Portugal, e que nos parece ser fundamental para a compreensão da aprendizagem ao longo da vida. Mas também almejávamos averiguar como se efetiva esta realidade na perspetiva dos intervenientes deste estudo e qual o contributo que este fenómeno apresenta para a educação de adultos.

Ora, dada a particularidade do *caso*, o nosso plano de investigação foi essencialmente descritivo, de natureza qualitativa, pelo que utilizámos para a nossa pesquisa, preferencialmente, a entrevista semiestruturada, para a recolha de dados.

Com a análise dos resultados, ficou bem claro que as pessoas idosas querem aprender a usar o computador e, principalmente, a usar a *internet*. As altas expectativas criadas pelas pessoas idosas participantes no estudo corroboram esse facto, quando se referem à *internet* como uma nova forma para a aprendizagem e abordam a importância do acesso à informação e ao conhecimento para as suas atividades quotidianas.

Indo ao encontro da revisão da literatura efetuada, também verificámos que no caso das mulheres do estudo, estas iniciaram a sua utilização da internet facilitada pelas filhas ou familiar próximo, enquanto que, nos participantes masculinos, tal não aconteceu. Demonstrando estes, uma maior pro-atividade, independência e autonomia aquando do início da utilização destas tecnologias, manifestando um desejo claro de aprender a usá-las, o que os levou a integrarem programas formais e/ou não-formais de aprendizagem de informática, nomeadamente em associações locais e universidades da terceira idade.

As pessoas idosas utilizam a *internet* para aprender, para comunicar com familiares e amigos, participam em comunidades virtuais e desenvolvem atividades de lazer e tempos livres. Os sítios mais utilizados pelos entrevistados são o motor de busca, o correio eletrónico, a rede social *facebook*, e a ferramenta de partilha de conteúdos *youtube*. Além destes, também os blogues e outros programas são utilizados para aprendizagens, por exemplo o programa de comunicação síncrona *skype*.

A análise dos resultados permitiu-nos concluir que as pessoas idosas valorizam as aprendizagens autodirigidas que desenvolvem na internet. Podemos afirmar que os participantes encontraram na internet uma situação de equilíbrio entre as suas

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

expectativas de utilização da internet e as oportunidades de autodireção oferecidas pela mesma. Assim, os objetivos para a utilização desta tecnologia remetem-nos para as habilidades de autodireção existentes nas pessoas idosas, que juntamente com um ambiente familiar favorável e incentivador, resultam na persecução da utilização da *internet* e reforçam as aprendizagens. Observámos ainda que os objetivos e as metas formulados pelas pessoas idosas, e que vão ao encontro do que valorizam, desempenham um papel importante na sua persistência, perseverança e autodisciplina.

Conclui-se também que nos projetos e atividades de aprendizagem desenvolvidos pelos participantes, encontramos duas dimensões importantes, que operam simultaneamente no processo de aprendizagem dos indivíduos. Por um lado, temos uma dimensão comportamental que se caracteriza por ser um processo em autogestão onde os entrevistados administram tarefas e recursos externos, selecionam e utilizam técnicas, ambientes e programas, para alcançar cada objetivo. Por outro lado, temos uma dimensão cognitiva na qual se mobilizam aspetos metacognitivos relacionados com o pensamento, com auto-monitorização e com a capacidade para refletir sobre as suas aprendizagens.

Concluimos ainda que a interação entre os pares, ou mesmo intergeracional, que ocorre em ambientes sociais de aprendizagem-utilização da *internet* com a partilha dos conhecimentos adquiridos e a entreaajuda para ultrapassar os percalços encontrados, são componentes chave para as aprendizagens.

Nesta fase estamos conscientes de que este trabalho apresenta algumas limitações, estando uma delas relacionada com representatividade dos participantes e o nível socioeconómico dos mesmos. O estudo centrou-se nas pessoas idosas utilizadoras da *internet*, e se tivéssemos acesso a mais aprendentes autodirigidos utilizadores da internet, seria possível contextualizar melhor este fenómeno em particular, já que o número de participantes entrevistados é reduzido, o que não nos permite generalizar as conclusões delineadas. Estando conscientes destas limitações metodológicas do nosso estudo, consideramos pertinente a realização de mais investigações relacionadas com esta temática, que são praticamente inexistentes.

O acompanhamento, em termos longitudinais, dos processos e atividades de aprendizagem autodirigida na *internet* da pessoa idosas, poderia ser uma estratégia metodológica importante para o desenvolvimento de pesquisas nesta área.

Neste sentido, consideramos pertinente sensibilizar todas as pessoas com responsabilidades neste domínio para alguns aspetos que nos parecem importantes, bem

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

como propor algumas estratégias de intervenção, tendo em conta a especificidade desta população. De imediato, apraz-nos propor uma proposta de inclusão para as pessoas idosas que contemple a utilização das infraestruturas comunitárias existentes e com baixo custo operacional, devendo contemplar oferta de ações de formação num contexto familiar e informal a estas pessoas, em associações ou nos espaços públicos que possam frequentar. Entendemos que a participação plena das pessoas idosas nas sociedades contemporâneas passa também pela sua infoinclusão, permitindo-lhes não só o acesso à informação, o acesso a novas oportunidades de aprendizagem ao longo da vida, mas também o exercício da cidadania. Hoje em dia a internet é um meio privilegiado para muitos dos contactos dos cidadãos com os serviços do estado, sendo por isso, um aspeto importante para a igualdade de oportunidades e para o exercício da cidadania.

A exclusão digital das pessoas mais velhas, embora facilmente verificada, parece não ser alvo das políticas governamentais. Para as pessoas idosas, aquelas que já estão próximas da reforma ou já reformadas, não existem instrumentos de ação, que efetivamente favoreçam um quadro de inclusão. Em Portugal ofertar formação para as pessoas mais velhas enfrenta o desafio provocado pela baixa escolaridade e a sua implicação no fator remuneração, quer durante a vida ativa, quer principalmente, durante a fase da reforma. Além deste desafio, no caso das pessoas idosas, existem barreiras que dificultam a aproximação às novas tecnologias

Urge por isso desenvolver uma resposta adequada em termos de formação, que vá ao encontro dos interesses das pessoas idosas e que seja capaz de lhes perspetivar um novo olhar mais positivo sobre as tecnologias de informação e comunicação, realçando as suas potencialidades para o envelhecimento ativo. Apostar na formação de técnicos especializados em educação de adultos torna-se igualmente importante.

Ao elaborarmos a presente tese fomos obrigados a refletir no desenvolvimento da nossa prática profissional, na forma como a temos adequado ao nosso público, na sensibilidade que temos manifestado para com a história de vida de alguns dos nossos adultos, e na constante procura de estratégias que permitam ultrapassar as resistências às tecnologias, promovendo a infoinclusão, o envelhecimento ativo e a aprendizagem ao longo da vida. Esperamos que esta oportunidade nos ajude a ser melhores profissionais, contribuindo para a educação permanente de todas as pessoas.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

### Bibliografia

Amado, J. (2009). *Introdução à Investigação Qualitativa em Educação (Investigação Educacional II)*, Relatório de Disciplina Apresentado nas Provas de Agregação (texto não publicado), Coimbra: Universidade de Coimbra/ Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação.

Anderson, L. & Krathwohl, D. (eds.) (2001). *A Taxonomy for Learning, Teaching, and Assessing: A Revision of Bloom's Taxonomy of Educational Objectives*. New York: Longman.

Bandura, A. (1986). *Social foundations of thought and action: a social cognitive theory*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Baracat, B. & Marquie, J. C. (1994). Training middle-aged for new computer technology: A pilot study using STD in a real-life work-processing learning situation. In J. Snel & R. Cremer (Eds.), *Work and aging: A European prospective* (pp. 197-212). Amsterdam, Netherlands: Taylor & Francis.

Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Bates, A. W. (1995). *Technology, open learning and distance education*. London: Routledge.

Bell, D. (1973). *The Coming of Post-industrial Society*. New York: Basic Books.

Benavente, Ana et al. (coord.), (1996). *A literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Benkler, Y. (2006). *The Wealth of Networks: How Social Production Transforms Markets and Freedom*. New Haven, Conn: Yale University Press.

Berners-Lee, T. (1999). *Weaving the Web: The Original Design and Ultimate Destiny of the World Wide Web by its Inventor*. San Francisco: Harper.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Bimber, B. (2000). Measuring the gender gap on the internet. *Social Science Quarterly*, 81, 868-876.

Bloom, D. e Canning, D. (2005). Global Demographic Change: dimensions and economic significance. Harvard Initiative for Global Health. *Program on the Global Demography of Aging*, working paper N. 1.

Bogdan, R. (1994). Investigação qualitativa em Educação: fundamentos, métodos e técnicas. In: *Investigação qualitativa em educação*. Porto Editora.

Bonnett, M., & Newsom, R. (1995). Education and empowerment. *Adult Learning*, 7(1), 9-11.

Boulmetis, J. (1999). Characteristics of adults as learners are not culturally defined. *Adult Learning*, 11(1), 2.

Boyd, D. (2004). The characteristics of successful online students. *New Horizons in Adult Education*, 18(2), 31-39.

Boyer, N., & Maher, P. (2005). From spoon-fed to student-led: Fostering an atmosphere for web-based transformational learning. *International Journal of Self-directed Learning*, 2(2), 66-80.

Bringuier, J.C. (1980). *Conversations with Jean Piaget*. Chicago: University of Chicago Press.

Brockett, R. G. (1985a). The relationship between self-directed learning readiness and life satisfaction among older students. *Adult Education Quarterly*, 35, 210-219.

Brockett, R. G. (1985b). Methodological and substantive issues in the measurement of self-directed learning readiness. *Adult Education Quarterly*, 36(1), 15-24.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Brockett, R. G. (1987). Life satisfaction and learner self-direction: Enhancing the quality of life during later years. *Educational Gerontology, 13*, 225-237.

Brockett, R. G. (2000). Is it time to move on? Reflections on a research agenda for self-directed learning in the 21st century. In T. J. Sork, V. Chapman, & R. St. Clair (Eds.), *Proceedings of the 41st Annual Adult Education Research Conference* (pp. 543-544). Vancouver, BC: University of British Columbia.

Brockett, R. G., & Hiemstra, R. (1991). *Self-direction in adult learning: Perspectives on theory, research, and practice*. New York: Routledge, Chapman, and Hall.

Brookfield, S. (1984). Self-directed adult learning: A critical paradigm. *Adult Education Quarterly, 35*(2), 59-71.

Brookfield, S. D. (1985a) Self-directed learning: A critical review of research. In S. D. Brookfield (Ed.), *Self directed learning: Theory to practice* (pp. 1-16). New Directions for Continuing Education, No. 25. San Francisco: Jossey-Bass.

Brookfield, S. D. (1985b) The continuing educator and self-directed learning in the community. In S. D. Brookfield (Ed.), *Self directed learning: Theory to practice* (pp. 75-90). New Directions for Continuing Education, No. 25. San Francisco: Jossey-Bass.

Brookfield, S. D. (1986). *Understanding and facilitating adult learning*. San Francisco: Jossey-Bass.

Brookfield, S. D. (2000). Self-directed learning as a political idea. In G. A. Straka (Ed.), *Conceptions of self-directed learning* (pp. 9-22). New York: Waxman.

Bulik, R. J., & Hanor, J. (2000). Self-directed learning in a digital age: Where next to browse is informed by reflection (pp. 265-276). In H. B. Long & Associates, *Practice & theory in self-directed learning*. Schaumburg, IL: Motorola University Press.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Caffarella, R.S., O'Donnel, J.M. (1987). Self-directed adult learning: A critical paradigm revisited. *Adult Education Quarterly*, 37: 199-211.

Caffarella, R. S., (1994). *Planning programs for adult learners: A practical guide for educators, trainers and staff developers*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Canário, R. (1999). *Educação de Adultos – Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.

Candy, P. (1991). *Self-direction for lifelong learning*. San Francisco: Jossey-Bass.

Candy, P. (1992). The inquiring mind: A study of the adult who continues to learn. In G. J. Confessore & S. J. Confessore (Eds.), *Guideposts to self-directed learning* (pp. 23-35). King of Prussia, PA: Organization Design and Development.

Candy, P. (2004). *Linking thinking: Self-directed learning in the digital age*. Canberra: Department of Education Science and Training; DEST Fellowship Scheme.

Carpenter. B. D. & Buday. S. (2007). Computer Use Among Older Adults in a Naturally Occurring Retirement Community Computers in *Human Behavior* Vol.23 p. 3012-3024.

Carré, P. (1997). Self (-directed) learning in France. In G. A. Straka (Ed.), *European views of self-directed learning: Historical, conceptional, empirical, practical, vocational* (pp. 26-38). Münster: Waxmann.

Carré, P. (2000). From intentional to self-directed learning. In G. A. Straka (Ed.), *Conceptions of self-directed learning* (pp. 49-57). New York: Waxman.

Carreiro, H. (2008). A Web colaborativa e os wikis. *Microsoft Magazine*. Ano 16, n.º 62.

Castells, M. (1998). *End of Millennium, The Information Age: Economy, Society and Culture Vol. III*. Cambridge, MA; Oxford, UK: Blackwell.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Castells, M. (2002). *A sociedade em rede*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Castells, M. (2003). [\*A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade\*](#). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Castells, M. (2004). *A galáxia Internet: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cavaco, C. (2001). *Processo de formação de adultos não escolarizados. A educação informal e a formação experiência*. Lisboa. Educa – formação; 95.

Cavaco, C. (2002). *Aprender fora da escola. Percursos de Formação Experiencial*. Lisboa: Educa.

Cercone, K. (2008). *Characteristics of Adult Learners With Implications for Online Learning Design*. AACE.

Cheetham, G., & Chivers, G. (2005). *Professions, competence and informal learning*. Cheltenham, UK: Edward Elgar.

Chene, A. (1983). The concept of autonomy in adult education: A philosophical discussion. *Adult Education Quarterly*, 1, 38-47.

Chu, R. (2010). How family support and internet self-efficacy influence the effects of e-learning among higher aged adults: Analyses of gender and age differences. *Computer & Education*, 55, 255-264.

Comissão das Comunidades Europeias (1995). “Livro Branco sobre a Educação e a Formação - Ensinar e aprender - Rumo à sociedade cognitiva”.

Comissão das Comunidades Europeias (2006). “O futuro demográfico da Europa: transformar um desafio em oportunidade”. Comunicação da Comissão. Bruxelas.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Comissão das Comunidades Europeias (2007). "Participar na Sociedade da Informação". Iniciativa Europeia i2010 sobre Info-Inclusão, Bruxelas.

Comissão das Comunidades Europeias (2007). "Envelhecer bem na sociedade da informação". Uma Iniciativa i2010, Plano de Acção no domínio "Tecnologias da Informação e das Comunicações e Envelhecimento". Bruxelas.

Comissão Europeia (2008). "Envelhecer bem: Comissão Europeia liberta 600 milhões de euros para o desenvolvimento de novas soluções digitais destinadas aos idosos europeus". IP/08/994, Bruxelas.

Comissão Europeia (2010). "ICT & Ageing, European Study on Users, Markets and Technologies". Compilation Report on Ethical Issues, Empirica.

Coolican, P.M. (1974). *Self-planned learning: implications for the future of adult education*. Syracuse, N.Y.: Syracuse University Press.

Cooper, J. (2006). The digital divide: The special case of gender. *Journal of Computer Assisted Learning*, 22, 320-334.

Crary D. (1999). Internet can be a tonic for nursing home residents. *Pittsburgh Post Gazette*; November 22.

Cross, L. (1981). *Adults as learners*. San Francisco: Jossey Bass.

Cross, D. R. & Paris, S. G. (1988). Developmental and instructional analyses of children's metacognition and reading comprehension. *Journal of Educational Psychology*, 80(2), 131-142.

Dawkins, R. (1976). *The Selfish Gene*. Oxford University Press.

Delors, J., & Colaboradores (1996). *Educação, um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*. Porto: Edições ASA.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Dewey, J. (1919). *Democracy and education: An introduction to the philosophy of education*. NY: Macmillan.

Dijk, T. A. (1999). *La noticia como discurso*. Barcelona: Paidós Comunicación.

Draves, W. (2002). *How the Internet will change how we learn*. Seventh Annual Teaching on the Community Colleges Online Conference.

Durndell, A. & Haag, Z. (2002). Computer self efficacy, Computer anxiety, attitudes towards the Internet and Reported experience with the Internet, by gender, in an East European sample. *Computers in Human Behavior*, 18, 521-535.

Eastmond, D. V. (1995). *Alone but together: adult distance study through computer conferencing*. Cresskill, NJ: Hampton Press.

Elias, J. L., & Merriam, S. (1980). *Philosophical foundations of adult education*. Malabar, FL: Krieger Publishing Co.

Ennis, R. H. (1985). A logical basis for measuring critical thinking skills. *Educational Leadership*, 43(2), 44-48.

Estanque, E. (2002), "Novas tecnologias e recomposição do trabalho em Portugal: estagnações e desafios", *Sociedade e Cultura*, 3. Coimbra: CES.

Estrin, H. R. (1986). Life satisfaction and participation in learning activities among widows (Doctoral dissertation, Syracuse University, 1985). *Dissertation Abstracts International*, 46, 3852A.

Evans, R. (1973). *Jean Piaget, the man and his ideas*. New York: Dutton.

Faure, E., Herrera, F., Kaddoura, A-R., Lopes, H., Petrovski, A. V., Rahnema, M., & Ward, F. C. (1972). *Apprendre à être*. Paris: UNESCO.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Flavell, J. H. (1979). Metacognition and cognitive monitoring: A new area of cognitive-developmental inquiry. *American Psychologist*, 34(10), 906-911.

Featherstone, M. (ed) (1990). *Global Culture. Nationalism, Globalization and Modernity*. London: Sage.

Fisher, M. (1991). Computerphobia and Adult Learners, *Computer Education*, 68, pp. 14–19.

Foucault, M. (1996). *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal.

Freire, P. (1970). *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.

Freire, P. (1998). *Pedagogia da autonomia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Garrison, D. R. (1987). Self-direction and distance learning: Facilitating self-directed learning beyond the institutional setting. *International Journal of Lifelong Education*, 6, 309-318.

Garrison, D. R. (1997). Self-directed learning: Toward a comprehensive model. *Adult Education Quarterly*, 48, 18-33.

Gehlen, A. (1988) *Man: His Nature and Place in the World*. New York: Columbia University Press.

Gelpi, E. (1985). *Lifelong education and international relations*. Dover, NH: Croom Helm.

Gibbons, M., Bailey, A., Comeau, P., Schmuck, J., Seymour, S., & Wallace, D. (1980). Toward a theory of self-directed learning: A study of experts without formal training. *Journal of Humanistic Psychology*, 20(2), 41-56.

Giddens, A. (1991). *Modernity and Self-Identity - Self and Society in the Late Modern Age*. Stanford University Press.

Giddens, A. (2002). *Where Now for New Labour?* Cambridge: Polity.

Giroux, Henry A. (1983). *Theory and Resistance in Education*. Westport, Conn.: Bergin and Garvey.

Giroux, Henry A. (1988). *Schooling and the Struggle for Public Life*. Minneapolis: University of Minnesota Press.

Giroux, H. (1990). *Los profesores como intelectuales: hacia una pedagogía crítica del aprendizaje*. Barcelona: Graó.

Giroux, Henry A. (1991). *Postmodern Education: Politics, Culture, and Social Criticism* (co-authored with Stanley Aronowitz). Minneapolis: University of Minnesota Press.

Gomes, M. (2003). *Literexclusão na vida quotidiana*. In *Sociologia Problemas e Práticas*, N.º. 41. Disponível em [http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65292003000100004&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65292003000100004&script=sci_arttext)

Gomes, M. J. (2004). Gerações de inovação tecnológica no ensino a distância. *Revista Portuguesa de Educação*, 16 (1), pp. 137-156.

Graham, G. (2002). *Genes: a philosophical inquiry*. New York: Routledge.

Habermas, J. (1972). *Knowledge and Human Interests*. London: Heineman

Habermas, J. (1987). *Teoría de la acción comunicativa I*. 4 ed. Madrid: Taurus.

Hake, B. J. (1999). Lifelong learning in late modernity: The challenges to society, organizations, and individuals. *Adult Education Quarterly*, 49(4), 79-90.

Hargittai, E & Shafer, S. (2006). Differences in actual and perceived online skills: The role of gender. *Social Science Quarterly*, 87, 432-448.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Harrington, T. L., Harrington, M. R. (2000). “Gerontechnology, Why and How”. Shaker Publishing B.V. Eindhoven, Netherlands.

Hassan, A. (1996). Lifelong learning. In A. C. Tuijnman (Ed.), *International encyclopedia of adult education and training* (pp. 33-41). Oxford: Elsevier Science Ltd.

Hassan, A. M. (1982). An investigation of the learning projects among adults of high and low readiness for self-direction in learning. *Dissertation Abstracts International*, 42(9), 3838.

Hatton, J. J. (1997). A pure theory of lifelong learning . In M. J. Hatton (Ed.), *Lifelong Learning* (pp. 360-371). Toronto, Canada: School of Media Studies.

Hennessey, M. G. (1999). *Probing the dimensions of metacognition: Implications for conceptual change teaching-learning*. Artigo apresentado na annual meeting of the National Association for Research in Science Teaching, Boston, MA.

Hiemstra, R. (1975). *The older adult and learning*. (ERIC Document Reproduction Service No. ED 117 371).

Hiemstra, R. (1976a). *Lifelong learning*. Lincoln, Nebraska: Professional Educators Publications.

Hiemstra, R. (1976b). The older adult's learning projects. *Educational Gerontology*, 1, 331-341.

Hiemstra, R. (1985). *Self-directed Adult Learning: Some implications for practice*. Syracuse, New York: Syracuse University Printing Service.

Hiemstra, R. (1994). *Creating Environments for Effective Adult Learning*. San Francisco: Jossey-Bass Inc., Publishers.

Houle, C. O. (1961). *The inquiring mind*. Madison: University of Wisconsin Press.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Hughes, C. & Tight, M. (1995). The Myth of the Learning Society: *British Journal of Educational Studies* Vol. 43, No. 3 (Sep., 1995), pp. 290-304.

Hunter, B. (1984). *My students use computers*. Reston, VA: Reston Publishing Company.

Hutchins, R.M. (1968). *The Learning Society*. Chicago, IL: The University of Chicago Press.

Hutchins, R. M. (1970). *The Learning Society*, Harmondsworth, Middlesex, Penguin.

Illich, I. (1970). *Deschooling Society*, London, Calder and Boyars.

Imhof, M., Vollmeyer, R., & Beierlein, C. (2007). Computer use and the gender gap: The issue of access, use, motivation, and performance. *Computers in Human Behavior*, 23, 2823-2837.

INE (2002). “O envelhecimento em Portugal: situação demográfica e socio-económica recente das pessoas idosas”. Departamento de Estatísticas Censitárias, Instituto Nacional de Estatística.

INE (2004). “Projeções de População Residente, Portugal e NUTS II 2000-2050”, Instituto Nacional de Estatística.

INE (2008). “Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2008”. Sociedade da Informação e do Conhecimento, Instituto Nacional de Estatística.

INE (2010). “Classificação Portuguesa de Profissões”. Disponível em: [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_publicacoes&PUBLICACOESpub\\_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes&PUBLICACOESpub_boui=107961853&PUBLICACOESmodo=2) (consultado em 24 de Maio de 2012).

Jarvis, P. (1987). *Adult Learning in the Social Context*. London: Croom Helm.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Jarvis, P. (1999). *The Practitioner Researcher*. San Francisco: Jossey Bass.

Jarvis, P. (2001). *The Age of Learning : Education and the Knowledge Society*. London: Routledge.

Jarvis, P., & Parker, S. (eds) (2005). *Human Learning: a holistic perspective*. London: Routledge.

Jarvis, P. (2006). *Towards a Comprehensive Theory of Human Learning*. London.

Jarvis, P. (2008). *Democracy, Lifelong Learning and the Learning Society: active citizenship in a late modern era*. London: Routledge.

Jonassen, D. H. (2007). *Computadores, Ferramentas Cognitivas – Desenvolver o pensamento crítico nas escolas*. Porto: Porto Editora.

Lengrand, P. (1975). *An Introduction to Lifelong Learning*. Beckenham: Croom Helm.

Kallen, D. (1996). Aprendizagem ao longo da vida em retrospectiva. *Revista Europeia de Formação Profissional*, 8/9, 16-22.

Kasworm, C. E. (1983). An examination of self-directed learning contracts as an instructional strategy. *Innovative Higher Education*, 8(1), 45-54.

Kasworm, C. E. (1992). Adult learners in academic settings: Self-directed learning within the formal learning context. In H. B. Long & Associates (Eds.), *Self-directed learning: Application and research* (pp. 223-244). Norman, OK: Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma.

Kay, E. R. (1982). *Participation in adult education 1981*. Washington, DC: U. S. Department of Education, National Center for Education Statistics.

Kempfer, H. (1953). *Adult Education*. New York: Mcgraw Hill Book Co.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Kirah, A. (2008). Meaning Mining Rebels: Exploring People-Centered Concept Making and the Design Mindset. Keynote Address to EDEN 2008 Conference, Lisbon.

Keane, P. (1992). Independent learners: Early skilled workers in Canada. *Studies in the Education of Adults*, 24(1), 78-85.

Kennedy, T., Wellman, B. & Klement, K. (2003). Gendering the digital divide. *IT & Society*, 1(5), 72-96.

Kerka, S. (1997). *Distance learning, the Internet, and the World Wide Web*. ERIC Digest.

Kerka, S. (2002). *Teaching adults: Is it different? Myths and realities No. 21*. U.S. Department of Education.

Kirkman, S., Coughlin, K., & Kromrey, J. (2007). Correlates of satisfaction and success in self-directed learning: Relationships with school experience, course format, and Internet use. *International Journal of Self-directed Learning*, 4(1), 39-52.

Knowles, M. (1970). *The modern practice of adult education: Andragogy versus pedagogy*. New York: Cambridge Books.

Knowles, M. (1975). *Self-directed learning: A guide for learners and teachers*. Chicago: Follett Publishing Company.

Knowles, M. (1980). *The modern practice of adult education* (revised and updated). Chicago: Association Press.

Knowles, M. (1984). *Andragogy in action: Applying modern principles of adult learning*. San Francisco: Jossey-Bass.

Knowles, M. (1990). *The adult learner: A neglected species* (4<sup>a</sup> ed.). Houston: Gulf Publishing Company.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Kuhn, D. (2000). Metacognitive development. *Current Directions in Psychological Science*, 9(5), 178-181.

Kuhn, D. & Dean, D. (2004). A bridge between cognitive psychology and educational practice. *Theory into Practice*, 43(4), 268-273.

Lamdin, L. (1997). *Elderlearning*. Phoenix, AZ: The Oryz Press.

Liff, S., & Shepherd, A. (2004). *An evolving gender digital divide?* Oxford, England: Oxford Internet Institute.

Lima, L. C. (2001). Políticas de educação de adultos: Da (não) reforma às decisões pós-reformistas. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 35(1), 13-30.

Lipman, M. (1988). Critical thinking—What can it be? *Educational Leadership*, 46(1), 38-43.

Long, H. B., Apps, J., & Hiemstra, R. (1985). *Philosophical and other views on lifelong learning*. Athens, GA: Department of Adult Education.

Long, H. B. (1989). Self-directed learning: Emerging theory and practice. In H. B. Long & Associates (Eds.), *Self-directed learning: Emerging theory & practice* (pp. 1-11). Oklahoma: Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma.

Long, H. B. (1992). Learning about self-directed learning. In H. B. Long & Associates (Eds.), *Self-directed learning: Application and research* (pp. 1-8). Oklahoma: Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma.

Long, H. B. (2001). A new era in teaching and learning (pp. 1-16). In H. B. Long & Associates. (2001). *Self-directed learning and the information age*. Boynton Beach, FL: Motorola University.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

López, B. (2000). *Procedimentos. Estrategias de aprendizaje. Su naturaleza, enseñanza y evaluación*. Valencia: turant lo blanch.

Lyon, D. (1992). *A Sociedade da Informação*. Oeiras: Celta Editora.

Marrou, H.I. (1966). *História da Educação na Antiguidade*. São Paulo: EPU.

Mathai, R. V. (2002). The use of the Internet to foster self-directed learning in community and technical college math and natural science classes (pp. 127-153). In H. B. Long & Associates, *Twenty-First Century advances in self-directed learning*. Boynton Beach, FL: Motorola University.

Matos, M. (2002). O que é a sociedade de informação. In *Revista da Associação de Sociologia e Antropologia da Educação, Educação, Sociedade e Culturas*, n.º 18, pp. 7-23.

Maslow, A. H. (1954). *Motivation and Personality*. New York: Harper and Row.

Maslow, A. H. (1962). *Towards a Psychology of Being*. Princeton: D. Van Nostrand Company.

Marques, R. (1998). Os desafios da sociedade de informação. In CNE (Org.). *A sociedade de informação na escola*. Lisboa: CNE.

Martinez, M. E. (2006). What is metacognition? *Phi Delta Kappan*, 696-699.

Martins, G. e Theóphilo, C. (2007). *Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas*. São Paulo: Ed. Atlas.

Merriam, S. B., & Caffarella, R. S. (1991). *Learning in adulthood*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.

Merriam, S. B., & Brockett, R. G. (1997). *The profession and practice of adult education*. San Francisco: Jossey-Bass.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Merriam, S. B. (1998). *Qualitative research and case study applications in education*. San Francisco: Jossey-Bass.

Merriam, S. B. (2001). Andragogy and self-directed learning: Pillars of adult learning theory. In S. B. Merriam (Ed.), *The new update on adult learning theory* (pp. 3-13). *New Directions for Adult and Continuing Education*, 89. San Francisco: Jossey-Bass.

Mezirow, J. (1991). *Transformative Dimensions of Adult Learning*. San Francisco: Jossey-Bass.

Mezirow, J. (1995). Transformative Theory of Adult Learning. In M. Welton (ed.), *In Defense of the Lifeworld*. Albany: State University of New York Press.

McConatha, D. (2002). Aging online: Toward a theory of e-quality. In R. W. Morrell (Ed.), *Older adults, health information, and the World Wide Web* (pp. 21-42). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.

McLeod, L. (1997). Young children and metacognition: Do we know what they know they know? And if so, what do we do about it? *Australian Journal of Early Childhood*, 22(2), 6-11.

McLaren, P. (2000). Paulo Freire's Pedagogy of Possibility. In S. Steiner, H. Krank, P. McLaren, & R. Bahruth (Eds.), *Freirean Pedagogy, Praxis and Possibilities: Projects for the New Millennium* (pp. 1-22). New York & London: Falmer Press.

Moraes, M. (2005). Paradigma educacional emergente. In R. Silva & A. Silva (Orgs.), *Educação, aprendizagem e tecnologias – Um paradigma para professores do século XXI*. Lisboa: Edições Sílabo.

Morais, C., Miranda, L., Dias, P. & Almeida, C. (1999). *Tecnologias de Informação na Construção de Ambientes de Aprendizagem*. In P. Dias & C. Freitas (org), *Actas da I Conferência Internacional*.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Morgado, L. (1998). The epistemic subject and the psychological subject: A different methodological approach. In A. C. Quelhas, & F. Pereira (Eds.), *Cognition and context* (pp. 97-111). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada.

Morin, E. (1999). *O método, vol. 3. O conhecimento do conhecimento*. Rio Grande do Sul: Sulina.

Mota, J. (2009). *Da Web 2.0 ao e-Learning 2.0: Aprender na Rede*. Dissertação de Mestrado (versão Online), Universidade Aberta: <http://orfeu.org/weblearning20/> (consultado em Julho de 2012).

Negri, A. (2005). *La differenza italiana*. Nottetempo.

Nisbet, J., e Shucksmith, J. (1986). *Learning strategies*. London: Routledge & Kegan Paul. Orr, F. (1985). *How to pass exams and how to prepare for them with less anxiety*. London: Unwin Hyman.

Norton, M. (2001). Learning in the borderlands: Perspectives and possibilities in community-based learning. In M. C. Taylor (Ed.), *Adult literacy now!* (pp. 3-16). Toronto, ON: Culture Concepts Inc.

Nóvoa, A. (2002). “O espaço público da educação: Imagens, narrativas e dilemas”. In *Espaços de Educação, Tempos de Formação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Ntiri, D. W. (1999). Older college students as tutors for adult learners in an urban literacy program. *Journal of Adolescent and Adult Literacy*, 43(1), 48-57.

Obercom - Observatório da Comunicação. (2009). *A Internet em Portugal 2009*. Lisboa: Obercom.

Obercom - Observatório da Comunicação. (2010). *A Utilização da Internet em Portugal 2010*. Lisboa: Obercom.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Obercom - Observatório da Comunicação. (2012). *Sociedade em Rede. A Internet em Portugal - 2012*. Lisboa: Obercom.

OECD (1999). “The Economic and Social Impact of Electronic Commerce: Preliminary Findings and Research Agenda”. Organisation for Economic Co-operation and Development.

OCDE (2005). “Ageing Populations: High Time for Action”. Meeting of G8 Employment and Labour Ministers, London. Organisation for Economic Co-operation and Development.

Ogozalek, V. (1991). The social impacts of computing Computer technology and the graying of America. *Social Science Computing Review* 9 (4):655-666.

Oliveira, A. (1996). *Aprendizagem auto-dirigida na adultez: teoria, investigação e facilitação*. Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

Oliveira, A. (1997). Autodirecção na aprendizagem: A atualidade de um constructo. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, 1, 2, 3, 35-57.

Oliveira, A. (2005). *Aprendizagem autodirigida – Um contributo para a qualidade do ensino superior*. Dissertação de Doutoramento não publicada apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.

O’Reilly, T. (2005). *What Is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software*. O’Reilly Group.

Osório, A. (2003). *Educação Permanente e Educação de Adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.

Owen, T. (2002). *Self-Directed Learning in Adulthood: A Literature Review*. Ohio State University.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Paris, S. G. & Winograd, P. (1990). Promoting metacognition and motivation of exceptional children. *Remedial and Special Education*, 11(6), 7-15.

Patrocínio, T. (2002). *Tecnologia, educação, cidadania*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Peers, R. (1958). *Adult Education: A Comparative Study*. New York: Routledge.

Penland, P. R. (1978). *Self planned learning in America*. Pittsburgh, PA: Book Center, University of Pittsburgh.

Penland, P. (1979). Self-initiated Learning. *Adult Education* 29: 170-179.

Peralta, H. & Rodrigues, P. (2006). Programas comunitários de intercâmbio universitário: aprendizagens e desenvolvimento de competências. Estudo exploratório na Universidade de Lisboa. In FIGARI et al (Eds./Orgs). *Avaliação de Competências e Aprendizagens Experienciais. Saberes, modelos e métodos*. Lisboa: Educa.

Perin, D. (1999). Professionalizing adult literacy: Would a credential help?. *Journal of Adolescent and Adult Literacy*, 42(8), 610-619.

Petersen K., Weymann N., Schelb Y., Thiel R., Thomasius R. (2008). Pathological Internet use - epidemiology, diagnostics, co-occurring disorders and treatment. *Fortschr Neurol Psychiatr*, 77, 263-271.

Pinheiro, A. (2003). Um novo contexto para novas aprendizagens: as redes na construção de uma comunidade aprendente. In Paulo Dias & Varela de Freitas (org.) (2003). *Actas da III conferência internacional de tecnologias de informação e comunicação na Educação – challenges 2003*: Braga: CCUM, (pp. 313-317)

Powell, J. L. (2010). “The Power of Global Aging”. Springer Science and Business Media, LLC Ageing Int, 35, 1-14.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Powell, J. L. e Cook, I.G. (2009). “Global ageing in comparative perspective: a critical discussion”. *International Journal of Sociology and Social Policy*, Vol. 29 N. 7/8, 388-400.

Quivy, R. & Campenhoudt (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais* (4ª edição). Lisboa: Gradiva.

Rager, K. B. (2006). The organizing circumstance revisited: Opportunities and challenges posed by the influence of the Internet. *International Journal of Self-directed Learning*, 3(1), 52-60.

Ren, W. H. (1999). Library instruction and college student self-sufficiency in electronic information searching. *Journal of Academic Librarianship*, 26, 323-328.

Rogers, C. (1959). A Theory of Therapy, Personality and Interpersonal Relationships as Developed in the Client-centered Framework. In (ed.) S. Koch, *Psychology: A Study of a Science. Vol. 3: Formulations of the Person and the Social Context*. New York: McGraw Hill.

Rogers, C. (1969). *Freedom to Learn: A View of What Education Might Become*. Columbus, Ohio: Charles E. Merrill Publishing Company.

Rosenberg, M. J. (2001). *e-Learning: Strategies for delivering knowledge in the digital age*. New York: McGraw-Hill.

Rosenthal, N. (1990). Active learning: Empowered learning. *Adult Learning*, 1(5), 16-18.

Rosland, A., Kieffer, E., Israel, B., Cofield, M., Palmisano, G., Sinco, B., et al. (2008). When is social support important? The association of family support and professional support with specific diabetes self-management behaviors. *Journal of General Internal Medicine*, 23(12), 1992-1999.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Rubenson, K. (2004). Constructing the lifelong learning discourse: the role of the OECD and UNESCO.

Ruelland, D. (2003). eLearning +, a support system for the workplace (pp. 235-242). In H. B. Long, H. B & Associates, *Current developments in e-learning & self-directed learning*. Boynton Beach, FL: Motorola University.

Russell, B. (1988). *Education and the Social Order*. Routledge.

Rymell, R.G. e Newson, R. (1981). Self-directed learning and HRD. *Training and development journal* 35: 50-52.

Santos, B.S. (1999). A Construção Multicultural da Igualdade e da Diferença in Oficina do CES, nº. 135. Coimbra: CES.

Scher, R. 1984, The computer backlash. *Electronic Learning*, 5, pp. 23–27.

Schneider, W. (2008). The development of metacognitive knowledge in children and adolescents: Major trends and implications for education. *Mind, Brain, and Education*, 2(3), 114-121.

Schneider, W. & Lockl, K. (2002). The development of metacognitive knowledge in children and adolescents. In Perfect, T. & Schwartz, B. (Eds.), *Applied metacognition*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.

Schraeder-Naef, R. (2000). Foundations of self-directed lifelong learning. In G. A. Straka (Ed.), *Conceptions of self-directed learning* (pp. 143-154). New York: Waxman.

Schraw, G. (1998). Promoting general metacognitive awareness. *Instructional Science*, 26(1-2), 113-125.

Schraw, G., Crippen, K. J., & Hartley, K. (2006). Promoting self-regulation in science education: Metacognition as part of a broader perspective on learning. *Research in Science Education*, 36, 111-139.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Schraw, G. & Moshman, D. (1995). Metacognitive theories. *Educational Psychology Review*, 7(4), 351-371.

Schubert, K. (2003). *Bazaar goes bizarre*. USA Today. Acedido em Outubro 2012 [http://usatoday30.usatoday.com/tech/news/2003-07-28-ebay-weirdness\\_x.htm](http://usatoday30.usatoday.com/tech/news/2003-07-28-ebay-weirdness_x.htm)

Seixas, V. (2007). “Aprender para o imediato”. In *Blog da Formação*: <http://blogdaformacao.wordpress.com/2007/12/11/aprender-para-o-imediato> (consultado em 18 de Outubro de 2012).

Selwyn, S.A. (1999). Social support and social cohesion. In M. Marmot & R. Wilkinson (Eds.), *Social determinants of health* (pp. 148-171). Oxford, England: Oxford University Press.

Senge, P. (1990). *The Fifth Discipline: The art and practice of the learning organization*. New York: Doubleday.

Shor, I (1992). *Empowering Education: Critical Teaching for Social Change*, London/Chicago, IL: University of Chicago Press.

Silvestre, C. (2011). *Educação e Formação de Adultos e Idosos – uma nova oportunidade* (2ª ed.). Lisboa: Instituto Piaget.

Simão, A. (2002). *Aprendizagem estratégica: uma aposta na auto-regulação*. Lisboa: Ministério da Educação.

Simonson, M. R., Maurer, M., Montag-torardi, M. & Whitaker, M. (1987). Development of a standardised test of computer literacy and computer anxiety index. *Journal of Educational Computing Research*, 3(2), pp. 231–247.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Sola, J. (2002). *A proteção dos direitos autorais a partir da realidade Internet: a perspectiva brasileira*. Marília, Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista.

Spear, G. E., & Mocker, D. W. (1984). The organising circumstance: Environmental determinants in self-directed learning. *Adult Education Quarterly*, 35(1), 1-10.

Spring, J. (2009). *Globalization of education: An introduction*. New York: Routledge.

Straka, G. A. (2002). Construire une théorie pluri-dimensionnelle de l'apprentissage autodirigé. In P. Carré, A. Moisan, *La formation autodirigée: Aspects psychologiques et pédagogiques* (pp. 101-116). Paris: L'Harmattan.

Stroobants, M. (1998). Qualificação ou competências? Normas de geometria variável. In Julieta Desaulniers (Org.), *Formação & trabalho & competência: Questões atuais* (pp. 81-100). Porto Alegre: EDIPUCRS.

Sutton, P. J. (1996). Lifelong and continuing education. In A. C. Tuijnman (Ed.), *International encyclopedia of adult education and training* (pp. 27-32). Oxford: Elsevier Science Ltd.

Toffler, A. (1980). *The Third Wave*. Bantam Books.

Toffler, A. (1992). *Os novos poderes: conhecimento, riqueza e violência no limiar do século XXI*. Lisboa: Círculo de Leitores.

Tough, A. (1971). *The adult's learning projects: A fresh approach to theory and practice in adult education*. Toronto: Ontario Institute for Studies in Education.

Tough, A. (1978). Major learning efforts: Recent research and future directions. *Adult Education* 28: 250-263.

Tough, A. (1979). *The adult's learning projects: A fresh approach to theory and practice in adult learning* (2nd ed). Toronto: Ontario Institute for Studies in Education.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Trauth, E. M., Nielsen, S. H., & von Hellens, L.A. (2003). Explaining the IT gender gap: Australian stories for the new millennium. *Journal of Research and Practice in Information Technology*, 35, 7-20.

Tseng, H. M., Tiplady, B., MacLeod, H.A., Wright, P. (1998). Computer Anxiety: A comparison of pen-based Personal Digital Assistants, conventional Computer, and Paper assessment of mood and performance, *British Journal of Psychology* 89, pp. 599–610.

Waters, M. (1999). *Globalização*. Oeiras, Celta

Whitebread, D., Coltman, P., Pasternak, D. P., Sangster, C., Grau, V., Bingham, S., Almeqdad, Q., & Demetriou, D. (2009). The development of two observational tools for assessing metacognition and self-regulated learning in young children. *Metacognition and Learning*, 4(1), 63-85.

Willingham, D. T. (2007). Critical thinking: Why is it so hard to teach? *American Educator*, 8-19.

Wu, Y. T., & Tsai, C. C. (2006). University students' Internet attitudes and Internet self-efficacy: A study at three universities in Taiwan. *CyberPsychology & Behavior*, 9, 441-450.

Wulf, K. (1996). Training via the Internet: Where Are We?. *Training and development* 50, (5) pp. 50-55.

Xie B. (2007). Older Chinese, the Internet, and well-being. *Care Management Journals: Journal of Long Term Home Health Care*. 8: 33–38.

Yin, R. K. (1989). *Case Study Research, Design and Methods*. Califórnia: Sage.

Yin, R. K. (1990). *Case Study Research: Design and Methods*. Califórnia: Sage.

**Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Yin, R. K. (1994). *Case study research: Design and methods* (2nd ed.). Thousand Oaks, CA: Sage.

Anexos

**Anexo 1 - Exemplar do Protocolo de Investigação (Consentimento informado)**

**Protocolo de Investigação**

Entre \_\_\_\_\_(mestranda) e \_\_\_\_\_, é estabelecido o acordo que a seguir se apresenta.

O mestrando compromete-se a:

- a) Conduzir a investigação de acordo com os parâmetros de qualidade preconizados pela comunidade científica da especialidade (Código de Conduta da APA);
- b) Assegurar a confidencialidade de toda a informação referente a cada entrevistado(a), garantindo que ninguém tem acesso à gravação áudio das entrevistas ou à sua transcrição, para além da equipa de investigação;
- c) Devolver à organização e aos (às) entrevistados(as) os resultados do trabalho realizado;
- d) O uso das entrevistas exclusivamente para fins de investigação;
- e) Prestar quaisquer esclarecimentos aos(às) entrevistados(as) acerca do decorrer da investigação.

O/A entrevistado(a) compromete-se a:

- a) Assumir o papel de entrevistado, embora fique salvaguardado que possa recusar responder a qualquer das perguntas colocadas;
- b) Responder com sinceridade às perguntas colocadas;
- c) Permitir a gravação áudio das entrevistas;
- d) Permitir a publicação do estudo nos termos habituais da publicação científica o que inclui a transcrição de curtos excertos das entrevistas, salvaguardando, porém, o anonimato dos respetivos entrevistados.

Assinaturas:

---

*Mestrando*

---

*Entrevistado(a)*

Local e data

Anexo2

Quadro 1 – matriz de análise de conteúdo das entrevistas realizadas às pessoas idosas.

Categoria	Subcategorias	Indicadores
Utilização da internet	Início da utilização	Através da filha
		Através do marido
		Iniciativa própria
	Expetativas	Positivas
		Negativas
	Ambientes online utilizados	Motor de pesquisa
		Ferramentas de partilha de conteúdos
		Comunidade virtual ou rede social
		Correio eletrónico
		Ferramentas de comunicação síncrona
aprendizagem autodirigida da pessoa idosa	Atividades de aprendizagem	Pesquisa e seleciona a informação
		Avalia a informação
		Recorre a facilitador

Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

		Recorre à comunidade virtual
		Faz apontamentos
		Organiza e arquiva a informação
		Experimenta
		Avalia a aprendizagem
	Motivação	Intrínseca
	Vantagens	Acesso a grande quantidade de informação
		Contacto com outros profissionais e pessoas com interesses semelhantes
		Ajuda a contornar limitações de mobilidade
		É mais económico
		Facilita a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal
		Proporciona um ambiente de aprendizagem mais adequado à idade
	Desvantagens	Dificuldade em encontrar informação
		Dificuldade em processar informação

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

		Dificuldades técnicas
		Dificuldades económicas
Impacto na rede social	Família	Positivo
	Amigos e conhecidos	Positivo

Anexo 3

Análise de conteúdo das entrevistas

Categoria	Subcategorias	Indicadores	Unidades de Registo
Utilização de ambientes online	Início da utilização	Através da filha  Através do marido  Iniciativa própria	<p>“Comecei a utilizar quando a minha filha, me tentou ensinar pela primeira vez, isto há coisa de 4 anos ou assim”(E8)</p> <p>“Comecei a utilizar a Internet através da minha filha para me distrair e passar o tempo a fazer pesquisas. Foi ela que me deu um computador velho e a partir daí eu comecei a brincar, ela ensinou-me a ver emails, a mandar emails, eu comecei pelos emails.”(E5)</p> <p>“Quando a minha filha foi para Paris viver, comecei a usar, já tinha computador, mas não tinha internet, depois ligámos, para podermos falar com ela e ver com a camera (...)Ela antes de ir embora, ensinou-me a usar o skype”(E1)</p> <p>“Comecei a utilizar por causa do meu marido que se inscreveu num curso de informática para idosos e depois convenceu-me a ir também.”(E2)</p> <p>“Comecei a utilizar quando instalei a internet aqui em casa, acho que foi para aí em 1998 ou 99“ (E6)</p> <p>“Comecei num curso da associação dos idosos, há 3 anos mais ou menos, comecei por experimentar e gostei.” (E7)</p> <p>“Eu queria aprender e queria comprar um computador para ligar-me à internet, depois quando recebi o computador finalmente pude fazer-lo.”(E4)</p> <p>“Começámos na associação porque na altura eu não sabia nenhum outro sítio onde aprender”(E3)</p>
	Expectativas	Positivas	<p>“(…) era uma expectativa muito grande, mas aos poucos, tenho me vindo a realizar nas expectativas que eu tinha.”(E5)</p> <p>“acho que sabia mais ao menos, o que ia encontrar.”(E5)</p> <p>“Pensava que era uma ferramenta de comunicação do futuro.”(E6)(E1)</p> <p>“(…) a minha filha sempre me dizia que a Internet tinha imensas receitas era só escrever o que eu queria e aparecia” (E8)</p> <p>“(…) esperava encontrar muitas receitas” (E8)</p> <p>“Esperava encontrar um género de enciclopédia “</p> <p>“(…) muita informação para pesquisar sobre o que eu quisesse.”(E4)</p> <p>“(…) uma ferramenta que me fizesse aprender mais e melhor”(E4)(E3)</p> <p>“(…) uma ferramenta para colocar os meus trabalhos acessíveis a mais pessoas.”(E4)</p> <p>“Passar receitas e fazer livros de receitas, que estou a fazer um para minha neta.” (E5)</p> <p>“(…) um site e uma forma de divulgar o meu trabalho“(E6)</p> <p>“(…) queria escrever as minhas memórias.”(E7)</p> <p>“Também para fazer o meu blogue”(E4) (E8)</p>

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

		Negativas	<p>“(…) colocar os meus vídeos e fotografias”(E4)  “(…) fazer um género de portefólio online”(E4)  Os meus objetivos era aprender novas receitas para cozinhar” (E8)  “Aprender mais.” (E8) (E7) (E1)  “Queria aprender a mexer no computador.”(E2)  “Conhecer coisas novas” (E8)(E1)  “O meu objetivo era estudar e aprender mais sobre os sítios que eu queria visitar.”(E4)  “Eu queria aprender e queria saber como era, isso era o principal.” (E3)  “Eu achava mesmo antes de ter computador que podia ser uma coisa útil para mim como gosto de aprender coisas novas.” (E3)  “Tenho de me manter ocupado e aprender mais que é algo que eu pretendo fazer até conseguir.”(E3)</p> <p>“Esperava encontrar uma coisa muito difícil e pensava que não conseguia fazer nada no computador” (E8)  “Sei lá, eu esperava uma coisa diferente, e muito difícil, porque não sabia nada de nada, pensava que era uma máquina que fazia as coisas por nós, que nós carregávamos nos botões e o computador fazia coisas”(E2)</p>
	Ambientes online utilizados	<p>Motor de pesquisa</p> <p>Ferramentas de partilha de conteúdos</p> <p>Comunidade virtual ou rede social</p> <p>Correio eletrónico</p> <p>Ferramentas de comunicação síncrona</p>	<p>“O Google“(E8) (E7)(E6)(E5)(E4) (E3)(E2)(E1)</p> <p>“blog” (E8)(E6)  “youtube”(E7)(E6)(E5)(E4)(E3)(E2)(E1)</p> <p>“facebook” (E8) (E7)(E6)(E5)(E4)(E2)(E1)  “Google+”(E4)  “Myspace” (E4)</p> <p>“email” (E8) (E7) (E6)(E5)(E4)</p> <p>“skype”(E6)(E5)(E4)(E3)</p>
aprendizagem autodirigida da pessoa idosa	Atividades de aprendizagem	Pesquisa e seleciona a informação	<p>“Fui ao Google pesquisar e encontrei várias receitas.” (E8)  “tirei a receita pela internet” (E8)  “tinha um vídeo com uma senhora a explicar, e aí então finalmente percebi” (E8)  “às vezes quando ouvia falar de alguma coisa que me interessava ou ficava curiosa, quando ligava o computador procurava no Google e foi assim que fui descobrindo mais coisas e páginas” (E1)  “no youtube aprendo as coisas que eu preciso. Pesquiso por vídeos para aprender mais sobre o word.” (E7)  “vou ao youtube, coloco a palavra word e a seguir o que quero saber (...) escrevo word e a seguir título ou mudar cor de letra, e aparecem</p>

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

			<p>vários vídeos que explicam como fazer” (E7)  “aprendi várias coisas na internet, a ver tutoriais de Photoshop e nos blogues de fotografia, quase todas as coisas que sei fazer no PHOTOSHOP (programa de edição de imagem), aprendi na internet.”(E6)  “procurei fóruns e blogues, ia lendo o que as pessoas iam escrevendo”(E6)  “vendo vídeos a explicar como se faz, assim”(E6)  “Vou à wikipédia”(E5)  “vou à procura de outros sítios que me vão surgindo, eu como disse, ponho o nome daquilo que quero pesquisar no google, e depois vou vendo ate chegar a conclusão que quero.”(E5)  “descobri num blogue (...)a informação muito completa sobre isso, até cheguei a escrever e trocar emails com o autor desse blogue, um senhor do Porto, fiquei muito contente por encontrar essa informação, depois procurei no Google maps, como chegar ate esse local”(E4)  “procuro lá iniciação à guitarra, iniciação às escalas, iniciação aos acordes”(E3)  quando quero alguma coisa, geralmente é malhas e pontos e assim, já sei o que quero, vou à procura.”(E2)  “quando tenho algo para fazer ou estudar, faço as minhas pesquisas.”(E5)  “Pesquisei muita coisa, desde ervas aromáticas até coisas de África para matar saudades”(E5)</p>
		Avalia a informação	
		Recorre a facilitador	<p>“Vou para aqueles que me parecem ser os melhores e com mais informação e mais completos, se tiverem vídeos melhor, é esse que escolho” (E8)  “Comparo uns com os outros, ou no caso das receitas, vejo se têm os mesmo ingredientes, as mesmas quantidades, se são feitas da mesma forma, é assim...” (E8)  “Vejo vários vídeos, e comparo, leio os sites e depois vejo noutros sítios” (E7) (E4)(E1)  “Procuro comparar com outros sites ou blogues, pesquiso para tentar conferir”(E6)  “ponho o nome daquilo que quero depois e que vou abrindo consoante me vão aparecendo os sites.”(E5)  “vou procurando ver, se confirmo com as outras, ou seja vejo o primeiro site, depois vou vendo os outros a ver se confirma, se é igual, se condiz um com o outro, quando tem o mesmo sentido digamos assim, é assim que eu faço, comparando uns com os outros.” (E5)  “Se for inglês vou ao Google vou ao tradutor e ele lá o computador diz-me a frase é isto.” (E3)</p>
		Recorre à comunidade virtual	<p>“Também aprendo a falar com os meus amigos da internet, trocamos receitas e páginas da internet com muitas receitas para fazer.” (E8)  “o meu genro ensinou-me como fazer” (E7)  “outras vezes foram amigos meus ou conhecidos da internet que me indicavam sites com dicas que eles achavam que me podiam interessar”(E6)  “continuo a ter aulas”(E5)  “Um dia um amigo meu disse-me que eu também podia fazer isso. Ele disse-me que</p>

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

			<p>programa devia usar, eu depois vi que tinha esse programa no meu computador.” (E1)          Telefone à minha filha” (E8) (E7) (E5) (E1)          “Telefone a minha sobrinha”(E4)(E2)          “Às vezes tenho de chamar alguém para me ajudar quando não consigo encontrar o que eu quero, umas vezes é porque não sei lá chegar, mas outras é porque não há no computador”(E3)          “Pergunto a alguém.”(E2)</p> <p>“À medida que fui avançando, fui ganhando mais recursos e mais sites, outra coisa que me ajudou, foi os grupos de partilha, ou as comunidades, há muita malta da fotografia que se junta e vai partilhando fotografias e depois coloca informação (...) as outras pessoas da comunidade podem colocar perguntas como é que se faz isto ou aquilo, que máquina usou, que programa usou, se a fotografia esta mexida ou não e assim vamos todos aprendendo uns com os outros.”(E6)          “quando me inscrevi no facebook ainda consegui mais sítios que ensinam”(E2)</p> <p>“Escrevo as receitas no meu livro” (E8)          “Faço apontamentos” (E7)(E5)(E4)(E3)</p> <p>“Faço arquivos das coisas, se quiser recuperar alguma informação, ou rere alguma coisa, tenho tudo guardado, assim posso ir lá consultar sempre que quiser, se estiver no computador, vou aos favoritos ou às pastas onde tenho as coisas guardadas, e vou lendo.”(E4)</p> <p>“Quando consigo fazer a receita várias vezes e ela sai sempre bem, já aprendi mais uma receita.” (E8)          “praticar, faço o que vejo nos vídeos” (E7)          “vou praticando e treinando até chegar onde eu quero, onde eu acho que já estou bom.”(E6)          “passar as noites a fazer malha assim é que eu aprendo bem”(E2)</p> <p>“Quando consigo fazer aquilo que quero mais que uma vez sem ter de ver apontamentos ou pedir ajuda, quer dizer que aprendi.” (E1).          “passar as noites a fazer malha assim é que eu aprendo bem” (E2).          “Por exemplo em inglês, quando quero escrever uma carta, por exemplo uma daquelas cartas normais, nada de política ou desporto, nada de coisas técnicas, agora das coisas rango rango... sei que aprendi porque depois as pessoas, no caso, por exemplo de alugar casas a estrangeiros, quando estava na Ericeira, enviei fotografias da casa, com a carta. O preço é tanto. Depois eles respondem: sim senhora, gostei. Vou para a sua casa. E fiz isso muito bem, mas também era o primeiro a dizer, eu escrevo muito mal inglês, mas, penso que me</p>
		Faz apontamentos	
		Organiza e arquiva a informação	
		Experimenta	
		Avalia a aprendizagem	

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

			<p>percebe e com as fotografias e com a maneira como eu escrevia, eles vinham e conseguíamos comunicar, cheguei a ter clientes que vieram três e quatro anos seguidos de Inglaterra para as minhas casas da Ericeira.” (E3).</p> <p>“Quando eu estava a fazer o meu blog, aprendi muito, muito mesmo. Temperos que eu não conhecia, e estou com ideias de continuar a fazer essa coisa, muitas vezes pensava que era uma coisa, os temperos e eram outra, quantas vezes isso me aconteceu, mas uma história gira foi a do colorau, eu pensava que o colorau era feito de pimento, e não é, é de coruma, coruma, é a semente de coruma, e fiquei muito admirada com isso porque a minha convicção era que era feito de pimento e que era pimento mesmo, fiquei admirada e até disse ao meu marido, por isso é que eu como pimento e não me faz mal e como colorau e faz-me mal, e vim logo a descobrir o porquê. Isso foi mesmo uma fase onde aprendi muito, à medida que ia fazendo, e pesquisando e escrevia para depois incluir no meu blogue, aprendi muito mesmo. (...) sou alérgica ao colorau, e finalmente consegui perceber o porquê, pensava que era os pimentos, mas não...” (E5).</p> <p>“aprendi várias coisas na internet, a ver tutoriais de Photoshop e nos blogues de fotografia, quase todas as coisas que sei fazer no PHOTOSHOP (programa de edição de imagem), aprendi na internet.” (E6).</p>
	Motivação	Intrínseca	<p>“Motiva-me conseguir fazer sozinha.” (E8) (E1)</p> <p>“Sem ajudas.” (E8)</p> <p>“Gosto de conseguir fazer sozinho aquilo que eu queria, dá-me mais força para continuar e não desistir.” (E7)</p> <p>“motiva-me muito aprender coisas novas e coisas que eu quero.”(E4)</p> <p>“as viagens que já fiz, os sítios bonitos que já visitei, tudo graças ao computador e internet”(E4)</p> <p>“motiva-me muito ver os meus progressos. Gosto de ver que já estou melhor, ou que já aprendi mais coisas desde que comecei nestas andanças.”(E3)</p> <p>“Também gosto da sensação de saber que aquilo que aprendi foi graças a mim e ao meu trabalho. Adoro isso. Mesmo.”(E3)</p> <p>“Conseguir fazer as coisas sozinha.”(E2)</p> <p>“Depois daquela malha, isso ainda me deu mais força para continuar”(E2)</p> <p>“aprender mais e melhorar.” (E8)</p> <p>“aprender mais, conhecer mais coisas”(E6)</p> <p>“Melhorar o meu trabalho, as minhas fotografias”(E6)</p> <p>O querer-me atualizar (...) evoluir.”(E5)</p> <p>“saber as coisas”(E5)</p>
	Vantagens	Acesso a grande quantidade de informação	<p>“é bom porque tenho tudo aqui à mão, tudo o que quero saber, receitas, ingredientes, etc, está na Internet” (E8)</p> <p>“para aquelas pessoas que querem aprender que o computador é bom porque lá podemos encontrar de tudo, tudo o que se queira está na Internet, as vezes temos e de ter paciência e</p>

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

			<p>procurar bem o que se quer” (E8)</p> <p>“dantes quando queria aprender alguma coisa, tinha de procurar em livros, e agora é mais simples, ligo computador e pergunto, procuro já não tenho de andar à procura dos livros” (E7)</p> <p>“é um enciclopédia gigante com tudo o que eu quero, e a vantagem de ter tudo aqui concentrado”(E4)</p> <p>“Na música também me ajuda muito, posso ouvir e ver concertos, sem ter de comprar os discos, pois o youtube tem muita coisa, depois se me agrada compro o CD.”(E4)</p>
		Contacto com outras pessoas com interesses semelhantes	<p>“o contacto que se mantem na internet com outros profissionais, e amadores também, nas comunidades e nos sites, que às vezes se tornam amigos.”(E6)</p> <p>“já fiz bons amigos e tudo.”(E6)</p> <p>“É uma maravilha eu em minha casa posso falar inglês e praticar mais, com pessoas de outros países, já tenho amigos em Inglaterra, no Canadá, no Alasca, nos Estados unidos, tudo pessoas acima dos 60” (E3)</p> <p>“Principalmente o comunicar”(E5)</p> <p>“poder comunicar com outras pessoas através do facebook ou do skype”(E5)</p>
		Ajuda a contornar limitações de mobilidade	<p>“e para pessoas como eu, que já tem algumas dificuldades em andar é muito bom” (E7)</p> <p>“como custa-me a andar” (E8)</p>
		É mais económico	<p>“não gastar dinheiro.” (E6)</p> <p>“não tenho e pagar balúrdios por este tipo de cursos, e vou-me safando.”(E6)</p>
		Facilita a aprendizagem e o desenvolvimento pessoal	<p>“as vantagens são conseguir aprender aquilo que eu quero, sozinho” (E7)</p> <p>“aprender as coisas que eu quero”(E6)</p> <p>“uma boa forma de nos desenvolvermos e aprender mais.” (E4)</p> <p>“É mais fácil (...) a forma como explicam, os vídeos é fácil uma pessoa vê como se faz”(E2)</p> <p>“Posso ir seguindo o que vejo nos vídeos (...) posso parar o vídeo e andar para trás se quiser ver e ouvir outra vez ou uma coisa que não tenha percebido” (E7).</p>
		Proporciona um ambiente de aprendizagem mais adequado à idade	<p>“Primeiro não vou, como já fui, para a academia da música ali em Cascais, não me vou por ao pé de miúdos a tocar guitarra, por que eu não me sinto bem ao pé de miúdos, os miúdos olham para mim assim como quem diz, mas afinal, o que é que este velho que devia ser professor está aqui ao pé de mim? Não. Assim não. Eu resolvo muita das coisas que eu consigo resolver assim neste aspeto de música no computador. Ainda melhor. Não tenho de sair de casa nem tenho os miúdos a chatearem-me ou eu não me parecer bem estar ao pé dos miúdos. E resolvo aquilo que tenho e resolver”(E3)</p>
	Desvantagens	Dificuldade em encontrar informação	<p>“às vezes não encontro o que quero. Farto-me de procurar” (E8)</p> <p>“por vezes, quero fazer perguntas e o</p>

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

			<p>computador não me dá diretamente aquilo que eu quero” (E3)</p> <p>“apesar de ser uma ferramenta muito boa, não tem tudo, há coisas que não encontramos.” (E3)</p> <p>“No computador procuro certas coisas sobre a música e já não consigo apanhar” (E3)</p> <p>“As coisas que eu encontrei num dia, às vezes já não encontro no outro.” (E3)</p> <p>“a dificuldade em encontrar certas coisas que procuramos” (E3)</p>
		Dificuldade em processar informação	<p>“ou aparecem páginas em inglês e não percebo nada” (E8)</p> <p>ou quando procuramos e encontramos o que queremos, temos más explicações.”(E3)</p> <p>“eles usam outros nomes para as coisas, e torna-se confuso, para as minhas dificuldades, que me interessam.”(E3)</p>
		Dificuldades técnicas	<p>“ao princípio é difícil aprender a mexer com o computador” (E7)</p>
		Económicas	<p>“também acho caro, acho que não é toda a gente que pode comprar um computador, mas é bom, eu tive sorte que foi o meu genro que me deu o dele antigo, mas muitas pessoas não têm essa sorte” (E7)</p>
Impacto na rede social	Família	Positivo	<p>“A minha família dá-me apoio, especialmente a minha filha e o namorado dela, estão sempre a dizer que os meus cozinhados são muito bons” (E8)</p> <p>“Eles apoiam me muito, a minha filha esta sempre a enviar-me emails ou as vezes mensagens no facebook, e dizem sempre para eu continuar” (E7)</p> <p>“Vivo sozinho, e a minha família está longe mas de maneira geral acham bem.”(E6)</p> <p>“a começar pela miúda (neta) que me diz, vai para o teu computador, que tens trabalho, toda a família me apoia e toda a família me ajuda, (...) quando estava a fazer o blog, o meu marido até fazia as coisas da casa para eu ter tempo para o meu trabalho ao computador.”(E5)</p> <p>“Apoiam-me bastante.”(E4)</p> <p>“De uma maneira geral já sabe, a rapaziada nova sabe que os velhos não aderem a Internet, eles acham engraçados, a mulher também, com o resto da minha família, não me dou com eles, afastei-me.”(E3)</p> <p>“Oh! Adoram. O meu marido adora, foi ele que me puxou para isto, ele também gosta também tem o computador dele, e eu tenho o meu, andamos os dois nisto. O meu filho também o mesmo, diz para eu continuar. E tá claro os meus netos adoram.”(E2)</p> <p>“Acham todos muito bem. Dão-me imenso apoio (...) A minha filha e o meu marido principalmente porque eles já usavam computadores há mais tempo, e quando comecei a usar deram-me imenso apoio.” (E1)</p>
	Amigos e conhecidos	Positivo	<p>“Os meus amigos também me apoiam muito mesmo.” (E8)</p> <p>“Todos me apoiam muito e esse apoio tem sido importante, especialmente quando recebo</p>

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

			<p>mensagens ou emails de pessoas que não conheço a darem-me os parabéns pelas minhas receitas do blog.” (E8)</p> <p>“Os meus amigos também me incentivam muito para não desistir e continuar.”(E7)</p> <p>“Acham normal. Eles também utilizam a internet.”(E6)</p> <p>“se estou uns dias sem mandar emails, os meus amigos telefonam-me a saber se eu estou doente, portanto já vê como é”(E5)</p> <p>“Os meus amigos também me apoiam muito e às vezes até me pedem ajuda.”(E4)</p> <p>“Acham bem, geralmente quando as pessoas olham para mim e veem a minha idade, geralmente acham sempre muita piada que eu seja utilizador da internet e dão-me os parabéns.”(E4)</p> <p>“Os amigos tenho muito poucos, porque não tenho confiança com eles, mas também acham graça”(E3)</p> <p>“Os meus amigos também gostam, ficam muito contentes que eu que nunca andei na escola ande agora nos computadores”(E2)</p> <p>“Dão-me imenso apoio. Quando estive doente recebia imensos emails de apoio, foi muito bom e ajudou-me muito (...) Usava muito o computador para falar com amigos e família e a minha filha claro, enviava emails e respondia aos emails bonitos que as pessoas me enviavam a desejar as melhoras, foram uns queridos. E também era uma forma de me distrair, tinha jogos para jogar, foi uma altura difícil mas graças a deus já passou e o computador foi uma boa companhia em alguns momentos para me distrair, porque eu praticamente não saía de casa, não me sentia bem nem com forças” (E1)</p>
--	--	--	--

**Anexo 4**

**Transcrição da entrevista 1**

**Que idade tem?**

67

**Estudou até que ano?**

Segundo ciclo do liceu

**Qual é o seu Estado civil?**

Casada

**Com quem vive?**

Vivo com o meu marido

**Qual foi a sua Profissão?**

Funcionaria dos ctt

**E durante a sua vida profissional, desempenhou funções de chefia?**

Não.

**No dia-a-dia costuma estar com a sua família? e com amigos?**

Sim com amigos, e com o marido.

**Conte-me como começou a utilizar a internet**

Quando a minha filha foi para Paris viver, comecei a usar, já tinha computador, mas não tinha internet, depois ligámos, para podermos falar com ela e ver com a camera. Mas também para aprender mais, aprender coisas novas, desenvolver-me, ver coisas novas e estar entretida, ter novas coisas para fazer para me distrair e passar o tempo.

**Nessa altura, se recordar..., O que esperava encontrar?**

Nessa altura esperava acima de tudo ter uma forma de ver e comunicar com a minha filha. Ela antes de ir embora, ensinou-me a usar o skype, depois com o tempo é que fui descobrindo mais coisas que podia fazer. Esperava algo fácil de utilizar e de comunicar. Esperava que o computador me ajudasse a passar o tempo e a distrair, a ver e aprender coisas novas, esperava que a internet me ajudasse a estar mais entretida.

**E que coisas foram essas que foi descobrindo?**

Descobri outras coisas, fazer pesquisas e procurar assuntos que gosto, o facebook, a wikipedia, estou a dizer as coisas que me interessam. Depois também fui descobrindo os grupos do facebook, através do meus amigos que me foram convidando.

**E isso que me contou que descobriu, fê-lo sozinha ou através de outras pessoas?**

Fui descobrindo quase tudo sozinha, excepto o facebook e os grupos que foram amigos que me disseram para experimentar.

**E como é que descobriu?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Olhe fui experimentando, às vezes quando ouvia falar de alguma coisa que me interessava ou ficava curiosa, quando ligava o computador procurava no Google e foi assim que fui descobrindo mais coisas e páginas. E também fui aprendendo e ganhando mais à vontade com isso.

### **Quantas horas utiliza, em média, por dia a Internet**

três horas mais ou menos.

### **Conte-me o que faz quando utiliza a internet?**

Não sei. Faço muitas coisas. Vejo os emails, falo com a minha filha, vou ao facebook, vou aos grupos, falo com algumas pessoas da família, duas sobrinhas minhas que quando veem que estou no facebook vêm sempre falar comigo. Basicamente é isso.

### **Conte-me o que faz nesses grupos**

Falo com amigos, e trocamos vídeos e imagens e notícias e assim, é mais para manter as pessoas em contacto, são grupos de amigos ou de colegas de trabalho para não se perder o contacto.

### **Que atividades/tarefas realiza habitualmente na Internet?**

Ver e responder aos emails, facebook e grupos, onde falo com alguns amigos e família e o skype para falar com a minha filha.

### **Quais os ambientes ou ferramentas da internet que usa regularmente?**

O Email, facebook e o skype.

### **Descreva uma situação em que considera ter aprendido bastante na internet**

Já aprendi muitas coisas desde que comecei a usar o computador, mas uma coisa que eu gostei muito de aprender e que me deu imenso gozo, e também me fez ter mais gosto por estas coisas do computador foi fazer slides.

### **Slides? Pode explicar-me melhor?**

Fazer aquilo, não me lembro agora o nome, que são slides que vão passando com imagens e texto.

### **Powerpoint?**

Sim, isso mesmo.

### **Muito bem, pode contar-me como aprendeu?**

Eu já tinha visto e recebido emails assim, e gostava muito, com aqueles imagens e textos bonitos e música. Um dia um amigo meu disse-me que eu também podia fazer isso. Ele disse-me que programa devia usar, eu depois vi que tinha esse programa no meu computador. Mas as primeiras tentativas não correram bem, porque que eu não percebia nada daquilo. Depois comecei a pesquisar sobre isso, afinal era muito mais fácil do que pensava. Eu aprendi com um vídeo, numa das minhas pesquisas surgiu um vídeo que ensinava aquilo, tive sorte. Aprendi primeiro a escrever títulos e texto e depois a colocar imagens, muito fácil porque é só puxar a imagem e deixa-la no sítio onde queremos, depois comecei a fazer e os seguintes já correram

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

melhor. Agora já sei fazer tudo menos colocar música, bom também não se pode saber tudo (risos) mas um dia hei-de aprender isso também (risos).

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

Foi importante porque consegui fazer sozinha, e deu-me mais força para continuar a usar o computador e a aprender mais coisas.

### **Aquilo que aprendeu era o que realmente queria aprender?**

Sim. Era mesmo isso que eu queria.

### **A situação que descreveu atrás traduz o que habitualmente acontece quando aprende na internet**

Sim.

### **Tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?**

Sim tenho sempre, aliás só ligo o computador quando tenho algo concreto para fazer.

### **Quais são as principais vantagens**

As vantagens que eu vejo são aprender como eu quero e quando me apetece, e conseguir fazer aquilo que queria.

### **Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

Nenhuma até agora.

### **O que mais o motiva a aprender desta forma?**

Para mim é poder fazer as coisas como eu quero, quando eu quero sem ter de ir para cursos ou ter aulas.

### **Como tem feito para aprender?**

Basicamente pratico muito e às vezes tiro apontamentos para não me esquecer de alguma coisa mais difícil

### **Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

Youtube e facebook.

### **O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Quando não percebo ou entro em algum sítio que não conheço, desligo, ou vou fazer outra coisa. Quando me lembro pergunto à minha filha ou ao meu marido mais tarde.

### **Como é que sabe que já aprendeu?**

Quando consigo fazer aquilo que quero mais que uma vez sem ter de ver apontamentos ou pedir ajuda, quer dizer que aprendi.

### **Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Eu vou sempre aos mesmos, aqueles que a minha filha e o meu marido me disseram que são bons ou alguém de confiança que me tenha dito.

### **Como decide se a informação é de confiança e credível?**

Se for de alguma coisa que eu perceba minimamente consigo ver se a informação é boa, no caso de coisas que eu não domino torna-se mais difícil, geralmente faço buscas para ver se a

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

informação confere com outra que possa encontrar, se mesmo assim ainda tiver dúvidas, envio um email à minha filha ou ao meu marido, se for uma coisa que me interessa muito, se não desisto.

### **Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet?**

Acham todos muito bem. Dão-me imenso apoio. A minha filha e o meu marido principalmente porque eles já usavam computadores há mais tempo, e quando comecei a usar deram-me imenso apoio.

### **E os seus amigos?**

Os meus amigos também.

### **E outras pessoas com quem se relaciona?**

As outras pessoas também. Dão-me imenso apoio. Quando estive doente recebia imensos emails de apoio, foi muito bom e ajudou-me imenso.

### **Quer contar-me um pouco sobre essa experiência?**

A minha experiência?

### **Sim, quando esteve doente, que uso fazia da internet e do computador?**

Ah. Sim. Usava muito o computador para falar com amigos e família e a minha filha claro, enviava emails e respondia aos emails bonitos que as pessoas me enviavam a desejar as melhoras, foram uns queridos. E também era uma forma de me distrair, tinha jogos para jogar, foi uma altura difícil mas graças a deus já passou e o computador foi uma boa companhia em alguns momentos para me distrair, porque eu praticamente não saía de casa, não me sentia bem nem com forças.

### **Na sua opinião que importância teve o uso do computador e a internet para si nessa altura?**

Foi importante, primeiro para falar com a minha filha, que está longe, e depois como disse, para me distrair e aliviar a cabeça dos problemas e também era uma forma de ir recebendo notícias de amigos e falando com eles, para mim foi importante.

### **Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?**

Diria que é uma boa maneira de aprender, acho que tem tudo para todos os gostos, portanto é uma questão e procurar que certamente encontram algo de que gostam.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

### Preenchido por técnico da Instituição

	Nada	Mais ou menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.		x	
É uma pessoa flexível.		x	
É uma pessoa sociável e afável.			x
É uma pessoa responsável.			x
É uma pessoa persistente.			x
É uma pessoa criativa.			x
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			x
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			x
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			x

### Transcrição da entrevista 2

**Que idade tem?**

66

**Estudou até que ano?**

4ª classe mas já em adulta

**Com que idade é que fez a 4ª classe?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Já estava em Lisboa e tinha 21 ou 22 anos

### **Estado civil**

Casada pela segunda vez

### **Com quem vive?**

marido

### **Qual foi a sua profissão?**

Costureira

### **Alguma vez desempenhou funções de chefia?**

Não

### **E atividades na comunidade**

Não.

### **No dia a dia costuma estar com amigos e familiares?**

Sim, com o marido estou sempre, mas também costumo estar com algumas amigas e com a minha mãe e irmã, e uma vez por semana com o meu filho e netos.

### **Gostava que me contasse como começou a utilizar a Internet**

Comecei a utilizar por causa do meu marido que se inscreveu num curso de informática para idosos e depois convenceu-me a ir também. Eu não sabia nada, nem sabia mexer num computador.

### **O seu primeiro marido ou o actual?**

O atual. O meu primeiro marido não queria saber nada disso, só queria saber da bebida, sofri muito com ele (...) ele também não sabia ler nem escrever

### **Pode contar-me por que razão aceitou o pedido do seu atual marido para ir também para o curso?**

Eu desde que casei com ele, foi a melhor coisa que me aconteceu na vida, ele faz tudo para eu continuar a estudar, e mesmo eu não sabia nada de nada de computadores, e na altura ainda não tínhamos comprado o computador, ele quer sempre aprender mais e mais, escreve, escreve, tem para ali cadernos escritos, está sempre entretido a fazer coisas e a estudar e lá me convenceu, tanto me chateou que acabou por me convencer. Disse-me que era bom para mim, que eu devia aprender, que podia ser bom para desenvolver mais a minha escrita, eu dou muitos erros. Ele desde que casámos sempre quis que eu fizesse cópias, ler acho que até leio mais ou menos, acho, agora a escrever dou muitos erros e ele sempre se preocupou com isso, às vezes até demais (risos).

### **Que objetivos tinha? Quando começou a utilizar a Internet?**

Era assim curiosidade. Queria aprender a mexer no computador. Ai! que eu não sabia o que era a internet, nem nunca tinha mexido num computador, então, eu nunca andei na escola. Só tirei a quarta classe já mulher, já trabalhava, fui assim um pouco à aventura, resolvi ir, também para

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

não o estar a ouvir (refere-se ao marido). Mas já tinha ouvido falar dessas coisas do computador, mas não sabia o que era, não fazia ideia, se não fosse com ele não ia.

### **E na altura o que esperava encontrar?**

Sei lá, eu esperava uma coisa diferente, e muito difícil, porque não sabia nada de nada, (risos) pensava que era uma máquina que fazia as coisas por nós, que nós carregávamos nos botões e o computador fazia coisas (risos).

### **E presentemente conte-me o que faz quando utiliza a internet?**

Faço muitas coisas, emails e vou ao facebook, jogo, vejo fotografias, envio coisas bonitas aos meus amigos e eles também me enviam, falo com pessoas da minha aldeia, falo com amigos ou com o meu filho e também aprendo coisas novas.

### **Quantas horas por dia, em média, passa na Internet?**

Muitas. Tem dias que é quase o dia inteiro o computador ligado, quando não tenho outras coisas para fazer, estou de roda do computador, às vezes são muitas horas ...

### **Mas se me tivesse que dizer um número, em média por dia?**

Ai não sei, talvez umas 5 horas (risos)

### **E quando está na Internet quais os ambientes que utiliza mais?**

Os jogos?

### **Sim, quando está na Internet passa a maior parte do tempo a fazer o quê? Pode dar-me um exemplo?**

Quando ligo o computador, ligo o facebook fico lá um bom bocado a ver as coisas, vou vendo, às vezes ponho lá as fotografias das roupinhas que eu faço para minha neta, os casaquinhos, depois falo com as minhas amigas, eu dou muitos erros mas elas estão sempre a puxar por mim, e dizem continua a gente percebe-te na mesma, porque eu disse-lhes que dava muitos erros e escrevia mal, e elas sabem. Elas sabem que eu não fui à escola. Depois quando elas abalam, vou jogar até acabar as vidas depois tenho de esperar até aquilo voltar a dar, e entretenho-me a colocar imagens que eu acho bonitas e gosto, tem coisas assim tão lindas, e vou e ponho nas minhas amigas. E é assim que eu vou passando o tempo.

### **Descreva uma situação em que considere ter aprendido bastante na internet**

Ah! Já aprendi tanta coisa

### **Pode dar-me um exemplo?**

Sim, aquilo das malhas. Eu gosto muito de fazer malha (tricot), e gosto de aprender pontos novos. Eu queria aprender a fazer a “pena de pavão” (ponto de tricot), e pedi a uma pessoa, agora não interessa quem, para me ensinar, e ela disse que sim, mas depois nunca me ensinava, todos os dias arranjava uma desculpa, dizia-me: já te ensino – mas depois nunca ensinava, isto andou assim durante uns tempos. Depois um dia lembrei-me de procurar no computador e encontrei. Depois aprendi sozinha e mais tarde quando ela viu, ficou muito espantada e

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

perguntou quem é que me tinha ensinado, e eu disse-lhe que tinha aprendido sozinha no computador, ela ficou fula, não disse nada mas eu vi que ela ficou com uma cara (risos), estava toda lixada, ela não me queria era ensinar, queria só ela saber fazer. Eu fiquei toda contente, depois disso já aprendi mais pontos e estou muito feliz. Agora quando quero aprender já sei como fazer, já não preciso de perguntar a ninguém.

### **O que aprendeu foi realmente útil para si? Aprendeu o que queria aprender?**

Foi. Sim, aprendi aquilo que queria.

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

Porque consegui fazer a camisola com a malha que eu queria, a minha mãe, sabia fazer essa malha e nunca me ensinou, é verdade. Eu pedi-lhe tantas vezes. E depois a outra também. E isso ainda fiquei mais contente ter conseguido sozinha.

### **A situação que descreveu atrás traduz o que habitualmente acontece quando aprende na internet?**

Sim. Sempre que quero saber algum ponto ou malhas é assim que faço, depois disso também já aprendi mais coisas, mais pontos que não sabia fazer, agora até tenho mais sítios para ver como se faz malhas.

### **Tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender quando utiliza a internet para esse fim?**

Sim. Gosto de aprender e quando quero alguma coisa, geralmente é malhas e pontos e assim, já sei o que quero, vou à procura. Procuo num sítio depois procuro noutra e é assim. Depois daquela malha, isso ainda me deu mais força para continuar, como agora tenho mais sítios onde vejo malhas, quando aparece alguma coisa que eu queira é mais fácil ou então tenho de ir à procura. Até encontrar aquilo que eu quero.

### **E nessas situações como faz?**

Quando vou à procura?

### **Sim, como procura na internet aquilo que quer aprender?**

Como? Vou aos sítios que eu conheço primeiro a ver se encontro o que ando à procura aquele sítios dos vídeos, o youtube, esse é quase sempre o primeiro onde vou, escrevo o que procuro, depois vou a outros, quando me inscrevi no facebook ainda consegui mais sítios que ensinam

### **Para si quais são as principais vantagens de aprender desta forma?**

É mais fácil.

### **Quer explicar um pouco mais? Por que acha mais fácil aprender pela Internet?**

Não sei, a forma como explicam, os vídeos é fácil uma pessoa vê como se faz, ou no facebook é só fotografias, uma pessoa faz como eles mostram, é assim, eu acho mais fácil, é assim como é que eu hei-de dizer uma maneira de ter sempre a mão as coisas, é melhor.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

**O que quer dizer com isso de ter à mão sempre as coisas? Quer explicar melhor? Consegue dar-me um exemplo?**

Por exemplo, se eu aprendesse a fazer a malha com a outra pessoa, não é? aprendia, ela explicava-me, e depois quando estivesse em casa e fizesse mal, só podia falar com ela no dia seguinte, vamos supor. Com o computador não, é isso que eu quero dizer, está sempre ali, é só ir lá procurar. Está sempre à mão (risos).

**Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

Não sei... não encontro desvantagens, até agora, para mim não há desvantagens.

**O que mais a motiva a aprender desta forma?**

Conseguir fazer as coisas sozinha.

**Como tem feito para aprender bem?**

É passar as noites a fazer malha (risos) assim é que eu aprendo bem (risos) já fiz agora dois casaquinhos para a minha mais pequenina (refere-se à neta mais nova) e um gorro e umas botinhas.

**Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

Facebook.

**E Como é que sabe que já aprendeu?**

Quando consigo fazer as malhas novas sozinha. É quando se apanha o jeito, a princípio as coisas podem não correr tão bem, não é? Mas depois quando se apanha o jeito sai sempre bem, e depois se fizermos muito aquela malha já não se esquece.

**O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Pergunto a alguém.

**A quem?**

Ao meu sobrinho. Coitado, tem que ter uma paciência (risos).

**Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Vou sempre aos mesmos, àqueles que eu já sei que são bons.

**Como é que sabe que esses sítios são bons?**

Olhe, porque têm as coisas que eu quero, ou porque as minhas amigas ou o meu sobrinho me disseram que era bom.

**Como decide se a informação é de confiança e credível?**

Nesses sítios onde eu vou é de confiança, até agora ainda não tive razão de queixa. Ou então quando uma amiga minha me mostra um sítio novo de malha, depois passo a ir a esse também e a ver as coisas que estão lá.

**Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Oh! Adoram. O meu marido adora, foi ele que me puxou para isto, ele também gosta também tem o computador dele, e eu tenho o meu, andamos os dois nisto. O meu filho também o mesmo, diz para eu continuar. E tá claro os meus netos adoram.

### **E os seus amigos?**

Os meus amigos também gostam, ficam muito contentes que eu que nunca andei na escola ande agora nos computadores, eles são meus amigos no facebook e falamos e trocamos imagens e emails bonitos

### **E as outras pessoas que conhece?**

As outras pessoas também acham bem que eu aprenda nos computadores.

### **Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?**

Eu dizia que era muito mais fácil, que às vezes temos medo dos computadores e assim, mas é fácil para as pessoas não terem medo de experimentar.

## **Preenchido por familiar**

	Nada	Mais ou menos	Bastante
--	------	---------------	----------

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.			x
É uma pessoa flexível.			x
É uma pessoa sociável e afável.			X
É uma pessoa responsável.			X
É uma pessoa persistente.			X
É uma pessoa criativa.			X
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			X
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			X
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			X

### Transcrição da entrevista 3

#### Que idade tem?

Então isso é o pior, uma coisa logo terrível é essa, a idade, estou perto dos 80

Mas quantos anos tem?

78, estou mais perto dos 100 do que, do que para nascença, veja bem...

#### Estudou até que ano?

Segundo ciclo do liceu

#### Estado cívil

Casado há 12 anos, segundo casamento

#### Com quem vive

Vivo com a minha mulher

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### **Profissão**

Militar. A seguir a militar é pesca submarina

### **Fez pesca submarina?**

Sim. Pescava na Ericeira polvos e depois vendia.

### **E durante a sua vida profissional, desempenhou funções de chefia?**

Quase sempre. Então como primeiro-sargento o que a gente faz? Qualquer companhia tinha de embarcar para o ultramar com o 1º sargento. Mas se por acaso o capitão tivesse doente não importava. A companhia seguia na mesma mas tinha de lá estar o primeiro-sargento. Para que? Para orientar aquilo.

### **Atividades na comunidade**

Dei ginástica em dois liceus em mafra e numa escola particular. Atenção! com autorização do comandante, se não, não podia dar, mas como eles pediam ao comandante e ele dizia que sim, melhor. Lá fui eu.

### **No dia-a-dia costuma estar com a sua família? e com amigos?**

Não. Só com a mulher. É mais com a mulher.

### **Como começou a utilizar a internet, com que objetivos?**

Começámos na associação dos idosos, apareceu lá uma senhora, quem quer?

Começámos na associação porque na altura eu não sabia nenhum outro sítio onde aprender, depois mais tarde com o passar do tempo já estive a ter aulas noutras sítios, em várias escolas e até na universidade sénior ali em Alcoitão. Mas quando começámos, fui eu e a minha mulher. Começámos nos idosos, a gente começou, primeiro comecei eu, fui a algumas aulas e depois foi a L., depois eu comecei a gostar de ver essas coisas, coisas de pesca submarina, queria ver futebol, queria ver isto, queria ver aquilo, corridas de toiros, e depois até tenho para aí uma data de CD's, que eu tirei da internet, certas coisas, em Sevilha e em Madrid e grandes toureiros e tal, tenho aí muitas cópias, e depois passei à procura de certas coisas que me interessam como por exemplo a pesca submarina, isso é importante.

Quando começámos não sei se aquilo era uma coisa da câmara ou de uma empresa, às vezes é difícil perceber essas coisas porque eles (refere-se aos dirigentes e técnicos da instituição) não nos dizem nada, não nos explicam nada, mas como gosto de aprender quis logo participar. Eu já sou sócio da associação há muito tempo, até já me disponibilizei para dar ginástica e tudo, eu fui professor de ginástica e natação no exército, mas eles não quiseram, foram buscar outro professor. Geralmente quando há atividades novas, eu sou sempre dos que me inscrevo, e sempre que posso tento levar a minha mulher porque ela, é praticamente analfabeta e precisa de se desenvolver mais, especialmente na escrita e na leitura, ela lê muito mal e escreve ainda pior, embora agora já esteja a melhorar um bocadinho mas mesmo assim ainda dá muitos erros.

### **Essa senhora deu aulas na Associação e foi com ela que começou?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Não, ela só veio cá perguntar quem queria ter aulas. Havia uma carrinha da câmara que nos ia buscar e as aulas eram na fábrica ali ao pé da saída da autoestrada, não me lembro agora o nome, era uma sala cheia de velhos, só daqui eramos, para aí uns 10, era eu a L., a F., também lá andava, eles depois iam buscar mais a outras associações. Mas ali não aprendi nada, elas explicavam as coisas à pressa, parecia que tinham de cumprir horários e não aprendi nada aquilo era aulas 3 vezes por semana, creio eu, aquilo era uma formação da empresa para os velhos, ate nos deram umas t shirts e tudo.

### **O que esperava encontrar?**

Eu queria aprender e queria saber como era, isso era o principal. Como a internet tem lá de tudo a pessoa procura ou na base da música ou na base de ver grandes cidades, sei lá, quero ver coisas em londres, vou ver coisas em londres, quero ver coisas em paris, vou ver coisas em Paris, também procuro ver coisas na Índia porque também estive na Índia, acho engraçado. Mas corridas de toiros isso então é o prato do dia. Mas também procuro música e outras coisas, ando um pouco à volta daquilo que me interessa, porque também há muita coisa que não me interessa. Eu achava mesmo antes de ter computador que podia ser uma coisa útil para mim como gosto de aprender coisas novas.

### **Sim, mas quando começou a utilizar a internet, nessa formação, era isso que esperava encontrar? ver coisas que lhe interessavam?**

Ahh não. Eu esperava aprender alguma coisa nova, mas ali não aprendi nada. Aquilo era tudo à pressa, havia uma sala cheia de velhos e duas miúdas, que não tinham mão naquilo. Não sabia nada. Nem tinha ideia do que ia aprender, já tinha ouvido falar, mas sabia muito pouco. Depois como continuei a ter aulas e fui aprendendo umas coisas fui desenvolvendo. Depois comprei um computador, comprei porque posso, porque tenho dinheiro, depois desse já comprei mais dois, comprei uns portáteis e este que agora tenho, porque o outro entretanto estragou-se. Ali não aprendi nada porque achei que elas (as formadoras) não sabiam explicar nada aos idosos, aquilo se fosse uma formação de empresa para a malta jovem, ainda escapava, agora assim para pessoas como nós não dava, a gente precisa de mais tempo e paciência, não é assim tudo à pressa, e ainda por cima com pessoas que nunca tinham mexido num computador.

### **Quantas horas utiliza, em média, por dia a Internet**

É coisa para aí uma hora de manhã, e hora e meia à tarde e às vezes uma hora à noite.

### **Conte-me o que faz quando utiliza a internet?**

Agora é procurar coisas sobre a guitarra, tenho ali uma data de coisas, cópias que eu faço, depois tiro na impressora, não é que eu seja grande apaixonado pela música, que não tenho jeito nenhum, mas isso vai-me ajudando, e vou estando ocupado. E sempre vou fazendo qualquer coisa.

### **Quando está na internet procura coisas sobre guitarra?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Sim. Isto é assim por modas. Agora é guitarra, mas às vezes é inglês e já foi gerontologia, depende da fase onde estou, às vezes dedico-me mais à música, outras vezes ao inglês. E é assim. Quem sabe se daqui a uns tempos não surge um novo interesse e começo a procurar sobre isso.

### **Que atividades/tarefas realiza habitualmente na Internet?**

Então é isso da guitarra, procuro coisas para estudar guitarra, também tenho alguns correspondentes ingleses com quem falo através do computador, para praticar o meu inglês e dantes, agora já não, procurava coisas de gerontologia

### **Quais os ambientes ou ferramentas da internet que usa regularmente?**

Vou ao Google e procuro lá iniciação à guitarra, iniciação às escalas, iniciação aos acordes, procuro por exemplo que a internet me explique a comparação entre a pauta e as cordas da guitarra. Isso é uma coisa muito engraçada, pelo menos uma pessoa olhar para uma pauta e saber mais ou menos o andamento da música. Tem de ser assim, tenho e andar à procura daquilo que quero aprender, vou procurando na internet pelos sítios que me aparecem a ver se encontro aquilo que quero aprender

### **Além do Google, costuma utilizar outras ferramentas da internet regularmente?**

O skype e o youtube, são esses que utilizo mais.

### **Descreva uma situação em que considera ter aprendido bastante na internet**

Quando comecei a querer desenvolver o meu inglês a falar com correspondentes em inglês (pessoas com as quais fala via skype) foi muito engraçado que eu tinha para aí uns 3 a falar ao mesmo tempo. E então naqueles bocadinhos eu tinha de procurar pelo livro o que eu queria dizer, mas depois como também tinha que me despachar, tinha de ser o mais rápido possível, o que é que acontece: como umas frases que dava para uns e umas frases que dava para outros, eu senti durante aquele mês, uma melhoria terrível, pelo menos a falar, porque aquilo obrigava-me a desenvolver-me a falar e a escrever. Claro que ia cheio de erros, mas eu fazia-me perceber, só que fiquei chateado, foi duas (pessoas com quem falava), ao princípio, pronto começaram-me logo a pedir dinheiro, 300 euros, depois já era 200, depois já era 100, depois já era 50, epá mas o que é isto? Isto é tudo uma cambada... isto quer é dinheiro, mas depois bloqueei estas pessoas e continuei a falar com as outras, realmente nunca pensei que o computador fosse tão bom para isto. É uma maravilha eu em minha casa posso falar inglês e praticar mais com pessoas de outros países, já tenho amigos em Inglaterra, no Canadá, no Alasca, nos Estados unidos, tudo pessoas acima dos 60, exceto aquelas que eram mais novas que foram as que me pediram dinheiro, diziam para eu as ajudar (risos), deviam pensar que eu era parvo. É que com a minha mulher não posso praticar, ela nem português sabe falar quase (risos), e o pessoal da associação de idosos também são uma cambada de analfabetos, por isso é que prefiro o computador, assim posso encontrar alguém mais ou menos com os meus interesses e com alguma instrução, que pelo menos dê para manter uma conversa.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

Foi importante porque nesse tempo eu senti que melhorei imenso no inglês. Aliás tanto no inglês como na música, de facto sinto que quando estudo com o computador melhora sempre mais.

### **Aquilo que aprendeu era o que realmente queria aprender?**

Sim aprendi. Em princípio o que queria era saber, as bases para uma pessoa evoluir um bocadinho naqueles estudos que tenho, com certeza, se tirei inglês, gostei também de aprender mais um bocadinho de inglês. Estou a aprender, agora, um bocado de música, pronto a coisa vai-me reforçando, vai-me ocupando o tempo e eu sinto-me bem. É uma maneira de eu aprender mais do que aquilo que já sei, tanto no inglês como na música.

### **A situação que descreveu atrás traduz o que habitualmente acontece quando aprende na internet**

Ah sim!

### **Tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?**

Tenho que ir com o meu objetivo, tenho de ter linhas, não posso querer aprender tudo ao mesmo tempo, não posso aprender alemão e francês e inglês, pela minha idade, agora uma língua posso, aos poucos, paulatinamente, posso estudar inglês.

### **Sim mas quando está no computador a estudar inglês, tem um objetivo do que quer estudar?**

Ahh sim por exemplo verbos reflexos que são um bocadinho mais difíceis, há uma lista e eu vou buscar aqueles que me interessam mais, e até faço cópias e ponho a impressora a trabalhar, que agora por acaso até ta meio avariada, mas não interessa, esta já é a quarta.

### **Quais são as principais vantagens**

Primeiro não vou, como já fui, para a academia da música ali em Cascais, não me vou por ao pé de miúdos a tocar guitarra, por que eu não me sinto bem ao pé de miúdos, os miúdos olham para mim assim como quem diz, mas afinal, o que é que este velho que devia ser professor está aqui ao pé de mim? Não. Assim não. Eu resolvo muita das coisas que eu consigo resolver assim neste aspeto de música no computador. Ainda melhor. Não tenho de sair de casa nem tenho os miúdos a chatearem-me ou eu não me parecer bem estar ao pé dos miúdos. E resolvo aquilo que tenho e resolver, só que, por vezes, quero fazer perguntas e o computador não me dá diretamente aquilo que eu quero, mas também sei que eu não posso saber tudo, mas tenho evoluído um bocadinho. Em relação ao princípio estou muito melhor do que estava há cinco ou seis anos atrás. Às vezes tenho de chamar alguém para me ajudar quando não consigo encontrar o que eu quero, umas vezes é porque não sei lá chegar, mas outras é porque não há no computador, apesar de ser uma ferramenta muito boa, não tem tudo, há coisas que não encontramos.

### **Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

No computador procuro certas coisas sobre a música e já não consigo apanhar, vou ao youtube ou então noutra rede e assim e já não é a mesma coisa. As coisas que eu encontrei num dia, às vezes já não encontro no outro. Então se são os brasileiros a explicar... ai Jesus! isso aí eu vou abaixo, mas é melhor que nada. Os brasileiros a explicar guitarra é melhor que nada, e eu pronto. E eu sirvo-me, mas pronto, não é bem o brasileiro a explicar, eles usam outros nomes para as coisas, e torna-se confuso, para as minhas dificuldades, que me interessam. Às vezes quando há portugueses, é ainda melhor, não é? Há coisas que não nos caem bem pela maneira de falarem. As desvantagens são essas, às vezes a dificuldade em encontrar certas coisas que procuramos ou quando procuramos e encontramos o que queremos, temos más explicações. Temos explicações confusas ou que não me satisfazem. Acho que é isso as desvantagens que eu posso encontrar. Procurar coisas e não conseguir encontrar ou quando encontro a explicação não é boa, são essas as desvantagens.

### **O que mais o motiva a aprender desta forma?**

Sempre que possa evoluir na música ou ver coisas de pesca submarina é o ideal, é bonito estar a evoluir e ver a gente... motiva-me muito ver os meus progressos. Gosto de ver que já estou melhor, ou que já aprendi mais coisas desde que comecei nestas andanças. Também gosto da sensação de saber que aquilo que aprendi foi graças a mim e ao meu trabalho. Adoro isso. Mesmo.

### **Como tem feito para aprender?**

Escrevo, copio. Normalmente e segundo também diz o computador, quanto mais se copiar quanto mais se escrever, aprende-se sempre, nem que seja português aprende-se sempre mais, e tenho aí dossiers e vou pondo, tiro na impressora, o que não interessa quase nada, porque o copiar é que alimenta o espirito é que vai fazer uma certa evolução nas minhas habilitações, na copia, carrego nas teclas e a impressora tira mais uma, serve mas não é a mesma coisa estar ali debruçado a copiar, as vezes não se pode copiar tudo porque se tem de passar adiante, mas, o ideal é fazer cópias, estou a falar de gerontologia, de pesca submarina, especialmente de guitarra, como eu quero evoluir mais um bocadinho, vou passando nos meus cadernos próprios, compro cadernos uns com linhas de musica outros sem linhas de música, isso ajuda muito, agora noto que não tenho habilidade nenhuma para a guitarra, mas como eu tenho de aprender qualquer coisa eu continuo. Tenho de me manter ocupado e aprender mais que é algo que eu pretendo fazer até conseguir.

### **Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

No Google e youtube, e no skype foi aquela historias das correspondentes no skype com inglês porque depois de estar a conversar com eles ia ao dicionário e depois ia emendando. Ontem falei assim e disse isto, queria dizer isto, queria dizer aquilo, isso deu-me uma grande ajuda, só que depois, eu percebi, não é isto que eu quero, eu queria uma pessoa que gostasse de conversar, que gostasse de passar o tempo ao fim ao cabo,

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### **O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Se for inglês vou ao Google vou ao tradutor e ele lá o computador diz-me a frase é isto.

Se for guitarra as vezes não estou a perceber o que eles querem falar de escalas e não sei que mais, às vezes passo adiante, mas às vezes vou buscar outro tema, ou outro professor, e depois as vezes depois de estar a ouvir três ou quatro pessoas sobre o mesmo assunto, já fico um bocadinho melhor.

### **Como é que sabe que já aprendeu?**

Em inglês? Por exemplo em inglês, quando quero escrever uma carta, por exemplo uma daquelas cartas normais, nada de política ou desporto, nada de coisas técnicas, agora das coisas rango rango... sei porque depois as pessoas, no caso, por exemplo de alugar casas a estrangeiros, quando estava na Ericeira, envio-lhe fotografias da casa, com a carta. O preço é tanto. Depois eles respondem: sim senhora, gostei. Vou para a sua casa. E fiz isso muito bem, mas também era o primeiro a dizer, eu escrevo muito mal inglês, mas, penso que me percebe e com as fotografias e com a maneira como eu escrevia, eles vinham e conseguíamos comunicar, cheguei a ter clientes que vieram três e quatro anos seguidos de Inglaterra para as minhas casas da Ericeira.

### **Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Como estou habituado ao youtube e ao Google, logo vou a esses como ponto de partida.

No caso da guitarra, por exemplo quero aprender o abc das escalas, começo a ver um professor brasileiro que começa a ensinar samba, eu viro logo para outro, porque não é samba que eu quero, eu tenho de procurar bem os sítios que mais gosto, não só pela informação mas também por quem está a explicar. Se não, não percebo nada e fico na mesma.

### **Como decide se a informação é de confiança e credível?**

O que me interessa é que seja alguém que sabe o que está a dizer, se vou à procura de palavras. Sei lá, gramática, não me interessa que ele seja um professor catedrático ou diplomado, interessa-me que ele explique bem e que saiba mais do que eu, se é alguém que sabe menos então é para esquecer,

### **Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet?**

De uma maneira geral já sabe, a rapaziada nova sabe que os velhos não aderem a Internet, eles acham engraçados, a mulher também, com o resto da minha família, não me dou com eles, afastei-me.

### **E os seus amigos? E outras pessoas com quem se relaciona?**

Os amigos tenho muito poucos, porque não tenho confiança com eles, mas também acham graça, e dizem, eu não meto nisso, que isso é uma grande confusão, alguns coitados, só sabem tocar no computador mas é uma coisa mínima e acabou. O resto das pessoas aqui com as quais me dou é quase tudo analfabetos, acham piada, mas não percebem nada.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

### Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?

Para estarem ocupados aproveitem, é preciso que as pessoas queiram gastar um bocadinho de dinheiro, não muito, mas estas coisas agora podem ser compradas a prestações, mas vale a pena para estarem ocupados e evoluírem um bocadinho. Façam como eu, podem evoluir mais em coisas que já aprenderam e que já sabem e que queiram desenvolver ou evoluir, como eu faço no inglês e na música.

### Preenchido por técnico da Instituição

	Nada	Mais ou menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.		x	
É uma pessoa flexível.		x	
É uma pessoa sociável e afável.			x
É uma pessoa responsável.			x
É uma pessoa persistente.			x
É uma pessoa criativa.			x
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			x
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			x
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			x

### Transcrição da entrevista 4

#### Que idade tem?

81

#### Com quem vive?

Sozinho

#### Estudou até que ano?

Licenciatura

#### Qual foi a sua profissão?

Professor univ./maestro

#### Desempenhou funções de chefia?

Sim, Fui convidado para ser diretor artístico do coro da universidade de lisboa em sessenta e tal e depois do 25 de abril em 74 novamente, e também fui maestro e fundador de vários grupos corais. Geralmente foi sempre por convite.

#### E atividades na comunidade

Sim, participei em vários projetos em bairros desfavorecidos e em associações tudo ligado à música, fundei vários grupos corais em associações

#### No dia a dia costuma estar com amigos e familiares?

Não muito, com amigos às vezes.

#### Gostava que me contasse como começou a utilizar a Internet

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Comecei quando a L. (sobrinha) me ofereceu um portátil no meu dia de anos. Eu queria aprender e queria comprar um computador para ligar-me à internet, depois quando recebi o computador finalmente pude fazer-lo.

### **Que objetivos tinha? Qd começou a utilizar a Internet?**

O meu objetivo era estudar e aprender mais sobre os sítios que eu queria visitar. Foi a minha sobrinha que me disse que a Internet era boa para isso que até podia ver os caminhos e tudo, para chegar mais depressa. Também para fazer o meu blogue e colocar os meus vídeos e fotografias, gostava de fazer um género de portefolio online, com as minhas músicas, os meus vídeos.

### **O que esperava encontrar?**

Esperava encontrar um género de enciclopédia, muita informação para pesquisar sobre o que eu quisesse. Uma ferramenta que me fizesse aprender mais e melhor, e uma ferramenta para colocar os meus trabalhos acessíveis a mais pessoas.

### **Conte-me o que faz, quando utiliza a internet**

Vejo emails, pesquiso coisas e sítios que me interessam, tenho um blog, estou em vários grupos do facebook, comunico com pessoas, trocamos ideias, coloco os meus vídeos, fotografias e músicas

### **Quantas horas por dia, em média, passa na Internet?**

5/6 horas

### **Quais são os ambientes ou ferramentas da internet que usa regularmente?**

O Google, o Facebook, skype, youtube, Google +, myspace e email

### **O que faz quando está nesses sítios da internet?**

Aquilo que eu disse, troco emails, pesquiso coisas e sítios que me interessam, faço videoconferências com pessoas, vejo vídeos, oiço música, isso, e vou colocando as minhas coisas para partilhar. Agora tenho usado mais o Facebook e os grupos.

### **Descreva uma situação em que considera ter aprendido bastante na internet**

Uma situação que aprendi muito foi, há cerca de um ano ou dois, eu andava a pesquisar sobre o Endovélico, e descobri num blogue que havia uma igreja no Alentejo dedicada a esse culto, ou melhor, que se julga, que a igreja tem ligações com esse culto antigo, então encontrei nesse mesmo blogue a informação muito completa sobre isso, até cheguei a escrever e trocar emails com o autor desse blogue, um senhor do Porto, fiquei muito contente por encontrar essa informação, depois procurei no Google maps, como chegar ate esse local, porque no blogue dizia que era difícil encontrar esse sitio, e o Sr. não me conseguia explicar, porque eu não conhecia a zona, então vi no mapa, e tirei as direções e depois fui lá o ano passado, com a minha sobrinha.

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Foi importante por duas razões, primeiro por encontrar pessoas com os mesmo interesses que eu, e nunca pensei que essa informação estivesse na Internet, ou seja, foi dois em um. Um tema que me interessava muito, que eu vim a aprender bastante sobre isso e encontrar pessoas com os mesmo interesses.

### **Considera que essas experiências que me contou foram uteis para si?**

Sim porque consegui realmente aprender algo que me interessava, e há muito tempo, e não é algo corriqueiro, o que me espantou ter essa informação disponível, e depois por ter conseguido ir até lá sozinho com a L. e também claro a amizade que fiz e mantenho com o autor desse blogue

### **E quando está na internet tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?**

Sim sempre.

### **Para si, Quais são as principais vantagens de aprender desta forma?**

Como lhe disse, para mim a Internet é um enciclopédia gigante com tudo o que eu quero, e a vantagem de ter tudo aqui concentrado, poupa-me bastante tempo e não tenho de ir a bibliotecas ou comprar livros para saber o que eu quero, por exemplo nas viagens, vejo os sítios onde vou ficar, procuro os mais baratos, os sítios para visitar, escuso de comprar os guias para turistas, que as vezes não tem os sítios mais interessantes a visitar, eu gosto de viajar e procurar sítios que não sejam só para turistas. Na música também me ajuda muito, posso ouvir e ver concertos, sem ter de comprar os discos, pois o youtube tem muita coisa, depois se me agrada compro o CD.

### **Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

Para mim não tem desvantagens até agora. Só vantagens.

### **O que mais o motiva a aprender desta forma?**

As coisas que já descobri, e as viagens que já fiz, os sítios bonitos que já visitei, tudo graças ao computador e internet, motiva-me muito aprender coisas novas e graças à internet posso fazê-lo sempre que me apetece, é como se estivesse ligado a várias bibliotecas 24 horas por dia. É fantástico, há imenso material gratuito. E de facto, ter uma maneira de desenvolver o meu trabalho e divulgá-lo, é muito bom.

### **Como tem feito para aprender bem?**

Faço apontamentos, ou imprimo as informações que quero guardar. Guardo os sites nos favoritos. Faço arquivos das coisas, se quiser recuperar alguma informação, ou reler alguma coisa, tenho tudo guardado, assim posso ir lá consultar sempre que quiser, se estiver no computador, vou aos favoritos ou às pastas onde tenho as coisas guardadas, e vou lendo. Basicamente é assim que se aprende.

### **Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Depende do que ando a procura, se quero saber um caminho o Google maps, se por exemplo é outra coisa, uma informação rápida geralmente procuro no Google ou na wikipédia, depende do que estou a estudar no momento

### **E Como é que sabe que já aprendeu?**

Comparo o que sabia antes de ler as coisas na Internet com o depois, se já tenho mais informação é porque aprendi alguma coisa,

### **O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Telefone a minha sobrinha, ou então nos grupos do facebook onde estou pergunto se alguém me pode ajudar, então alguém responde e ajuda-me

### **Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Mais uma vez depende daquilo que procuro, consoante aquilo que pretendo o site pode variar, mas geralmente começo sempre pelo Google ou pela wikipedia

### **Como decide se a informação é de confiança e credível?**

Procuro vários sítios sobre o mesmo tema e comparo quando não domino muito a área que procuro, mas por exemplo se estiver a procura de musicas ou arranjos torna-se mais fácil para mim ver se a informação é verdadeira, às vezes mostro os sites a outras pessoas e peço-lhes uma opinião.

### **Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet?**

Apoiam-me bastante.

### **E os seus amigos?**

Os meus amigos também me apoiam muito e às vezes até me pedem ajuda.

### **E outras pessoas com quem se relaciona?**

Acham bem, geralmente quando as pessoas olham para mim e veem a minha idade, geralmente acham sempre muita piada que eu seja utilizador da internet e dão os parabéns.

### **Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?**

Diria que é um ótimo passatempo e uma boa forma de nos desenvolvermos e aprender mais. Eu já aprendi muito pelo computador, e penso que as outras pessoas se dedicassem algum tempo também seriam capazes de aprender, não é preciso um grande esforço, é mais alguma dedicação. Eu quando comecei não sabia nada, muito menos aquelas coisas modernas, de colocar vídeos e músicas, mas depois também aprendi, e se eu com a minha idade consigo acho que os outros também conseguem.

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

### Preenchido por familiar (sobrinha)

	Nada	Mais ou Menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.			x
É uma pessoa flexível.			x
É uma pessoa sociável e afável.		X	
É uma pessoa responsável.			x
É uma pessoa persistente.			x
É uma pessoa criativa.			x

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			x
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			x
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			x

### Transcrição da entrevista 5

**Que idade tem?**

70 anos

**E estudou até que ano?**

Segundo ano antigo

**Com quem vive?**

Com o marido, mas a neta está todos os dias lá em casa

**Qual foi a sua profissão**

Bancária

**Desempenhou alguma vez funções de chefia?**

Não.

**Atividades na comunidade?**

Sim, quando tenho roupa ou coisas assim que já não preciso, entrego, e se alguém precisa da minha ajuda procuro dá-la

**Faz isso numa associação?**

O meu voluntariado não está ligado a nada, sou eu que sei que precisam e faço, se por exemplo sei de alguém que precisa, tento ajudar, e estou a inculir na minha neta essas coisas à mesma

**No dia-a-dia costuma estar com a sua família? e com amigos?**

Sim principalmente a minha filha, sempre que posso

**E com amigos?**

Também. Reunimos de vez em quando e pelo menos uma vez por mês o nosso grupo reúne-se

**Agora gostava que me contasse como começou a utilizar a internet**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Comecei a utilizar a Internet através da minha filha para me distrair e passar o tempo a fazer pesquisas. Foi ela que me deu um computador velho e a partir daí eu comecei a brincar, ela ensinou-me a ver emails, a mandar emails, eu comecei pelos emails.

### **Que objectivos tinha quando começou a utilizar a Internet?**

Passar receitas e fazer livros de receitas, que estou a fazer um para minha neta.

### **O que esperava encontrar?**

Para mim, quer dizer, era uma expectativa muito grande, mas aos poucos, tenho me vindo a realizar nas expectativas que eu tinha.

### **Sim, mas o que pensava que ia encontrar na Internet?**

Mais ou menos eu sabia o que ia lá encontrar e que ia fazer, e é isso que eu tenho estado aos poucos a fazer. A minha filha é que me pôs o bichinho, ela já me tinha falado do que eu podia fazer, eu acho que sabia mais ao menos, o que ia encontrar. Os emails, pesquisar coisas, manter contactos com família e amigos, essas coisas. Coisas que eu gosto.

### **Conte-me o que faz quando utiliza a internet?**

Primeiro dou uma vista nos emails para ver se há algum urgente, dou uma vista nos emails, se tiver que reencaminhar, reencaminho, de preferência aqueles mais alegres e animados, aqueles que digam coisinhas sobre ervinhas e medicamentos, aqueles que nos sejam uteis, com utilidades, viagens, por exemplo. Já que não posso ir pessoalmente vejo no computador e imagino-me lá. E espero que os outros também se imaginem nessa situação.

### **E além do email?**

Tenho o facebook, ainda não estou muito treinada mas para lá caminho, também vejo notícias, no Google, às vezes procuro músicas, principalmente fados, ou então quando tenho algo para fazer ou estudar, faço as minhas pesquisas. Começo sempre por pesquisar o tema que me interessa. Pesquiso muita coisa, desde ervas aromáticas até coisas de África para matar saudades. Mais ainda preciso aprender mais e treinar mais, por isso continuo nas aulas de informática, e às vezes peço ajuda à minha filha, quando não percebo as coisas ou preciso de instalar alguma coisa no computador, e eu não sei, ela ajuda-me e explica-me.

### **Quantas horas utiliza, em média, por dia a Internet**

Bem eu tenho o meu tempo em casa dividido de duas maneiras, de manhã, computador de tarde o resto das coisas, mas agora troquei, à tarde computador e de manhã o resto das coisas,

### **Sim mas se me dissesse um número de horas, quantas horas diria que utiliza o computador por dia?**

Três, quatro horas. Não mais que isso. A não ser que tenha alguma trabalho assim em mãos que nessa altura estou, chego-me a levantar as quatro da manhã para ir fazer o trabalho.

### **Quais são os ambientes ou ferramentas da internet que usa regularmente?**

O Google, para as pesquisas, ou seja estudar um pouco mais, uma pesquisa é um estudo para mim, uma pesquisa é um estudo...

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Ouvi falar há muito tempo atrás, ainda eu trabalhava, que havia uma boca de vulcão extinto na zona de mafra, quando eu digo as pessoas riem-se. Eu ontem fui pesquisar os vulcões extintos em Portugal e lá está. Há vários em Portugal em vários sítios, estão extintos há cinco mil anos, mas não quer dizer que de um momento para o outro podem acordar.

### **Costuma usar mais ferramentas além do Google?**

Sim,

### **Quais?**

O skype, o Facebook, o youtube

### **Descreva uma situação em que considera ter aprendido bastante na internet**

Quando eu estava a fazer o meu blog, aprendi muito, muito mesmo.

### **Pode contar-me o que aprendeu, quando estava a fazer o seu blog?**

Temperos que eu não conhecia, e estou com ideias de continuar a fazer essa coisa, muitas vezes pensava que era uma coisa, os temperos e eram outra, quantas vezes isso me aconteceu, mas uma história gira foi a do colorau, eu pensava que o colorau era feito de pimento, e não é, é de coruma, coruma, é a semente de coruma, e fiquei muito admirada com isso porque a minha convicção era que era feito de pimento e que era pimento mesmo, fiquei admirada e até disse ao meu marido, por isso é que eu como pimento e não me faz mal e como colorau e faz-me mal, e vim logo a descobrir o porquê. Isso foi mesmo uma fase onde aprendi muito, à medida que ia fazendo, e pesquisando e escrevia para depois incluir no meu blogue, aprendi muito mesmo.

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

Porque eu sou alérgica ao colorau, e finalmente consegui perceber o porquê, pensava que era os pimentos, mas não...

### **Considera que essa experiência que me contou foram uteis para si?**

Foram. Muito uteis mesmo. Pois vim a saber que não era alérgica ao pimento, mas à coruma.

### **Aquilo que aprendeu era o que realmente queria aprender?**

Sim, aprendi o que queria aprender, relativamente as especiarias e temperos, fiquei a saber melhor, mas ainda tenho muito para aprender nesse ramo.

### **A situação que descreveu atrás traduz o que habitualmente acontece quando aprende na internet**

Sim.

### **E quando está na internet tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?**

Quando foi desse trabalho das especiarias sim. E quando procuro outras coisas também, por exemplo nesse caso dos vulcões eu quis ter a certeza, se havia ou não.

### **Para si, Quais são as principais vantagens de aprender desta forma?**

Principalmente o comunicar, e depois o aprender.

### **Quer explicar-me melhor o que quer dizer com isso? O comunicar?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Basicamente poder comunicar com outras pessoas através do facebook ou do skype, e o aprender, o saber mais... Acho que uma pessoa que não procura aprender coisas é uma pessoa que está morta. Não está morta mesmo, de coração, mas está morta de ideias.

### **Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

Desvantagens não tenho notado nenhuma, antes pelo contrário, às vezes aparecem, vamos aprendendo sempre mais coisas, sempre, sempre, sempre, temos uma coisa mais a frente para aprender, desvantagens não tenho visto.

### **O que mais o motiva a aprender desta forma?**

O querer-me atualizar, saber as coisas, evoluir.

### **Como tem feito para aprender bem?**

Faço apontamentos, continuo a ter aulas e pratico o mais que posso.

### **Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

Vou à wikipédia, e depois, vou à procura de outros sítios que me vão surgindo, eu como disse, ponho o nome daquilo que quero pesquisar no google, e depois vou vendo até chegar a conclusão que quero.

### **E Como é que sabe que já aprendeu?**

Porque já tirei partido daquilo que aprendi, porque já encontrei aquilo que eu queria, por exemplo com os vulcões já tenho a prova que aquilo existe.

### **O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Telefone à minha filha e ela explica-me.

### **Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Volto ao mesmo, ponho o nome daquilo que quero depois e que vou abrindo consoante me vão aparecendo os sites.

### **Como decide se a informação é de confiança e credível?**

Bom aí é que é um bocado mais complicado, mas vou procurando ver, se confirmo com as outras, ou seja vejo o primeiro site, depois vou vendo os outros a ver se confirma, se é igual, se condiz um com o outro, quando tem o mesmo sentido digamos assim, é assim que eu faço, comparando uns com os outros.

### **Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet? - E os seus amigos?**

Oh, a começar pela miúda (neta) que me diz, vai para o teu computador, que tens trabalho, toda a família me apoia e toda a família me ajuda, a pontos se estou uns dias sem mandar emails, os meus amigos telefonam-me a saber se eu estou doente, portanto já vê como é, quando estava a fazer o blog, o meu marido até fazia as coisas da casa para eu ter tempo para o meu trabalho ao computador.

### **Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?**

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Os conselhos que eu daria? São burros se não o fazem, explicava-lhes e mostrava-lhes o que tenho feito, e dizia-lhes para fazerem o mesmo, e tenho pena que para o meu marido não dá. Gostava muito que ele também aprendesse computadores mas ele não quer, diz que isso não é para ele, diz que burro velho não aprende línguas (risos). Eu tentei que ele viesse comigo para as aulas e a minha filha também já tentou, mas nada. Ele continua sem querer tocar num computador.

### Preenchido por técnico da instituição

	Nada	Mais ou menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.			x
É uma pessoa flexível.			x
É uma pessoa sociável e afável.			x
É uma pessoa responsável.			x
É uma pessoa persistente.			x
É uma pessoa criativa.			x
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			x
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			x
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			x

**Transcrição da entrevista 6**

**Que idade tem?**

66

**Estudou até que ano?**

Segundo ano do liceu

**Estado civil**

divorciado

**Com quem vive?**

Sozinho

**Qual foi a sua profissão?**

Foi e ainda é - fotógrafo.

**Continua a trabalhar?**

Sim continuo, agora menos, cm freelancer, mas ainda vou fazendo uns trabalhos

**Alguma vez desempenhou funções de chefia?**

Não

**E atividades na comunidade?**

Atividades na comunidade? Como assim?

**Já fez voluntariado ou já fez parte de alguma associação?**

Não.

**No dia a dia costuma estar com amigos e familiares?**

Sempre. O mais que posso, sobretudo amigos que a família é mais difícil e moram todos longe, mas amigos é todos os dias. O que a vida tem de melhor são as amizades.

**Gostava que me contasse como começou a utilizar a Internet**

Comecei a utilizar quando instalei a internet aqui em casa, acho que foi para aí em 1998 ou 99,

**O que esperava encontrar?**

Não sei o que esperava, tinha curiosidade, era uma coisa que estava a começar, ainda não estava muito desenvolvida. (risos) Pensava que era uma ferramenta de comunicação do futuro. Não sei. Eu sempre fui muito aventureiro.

**Que objetivos tinha? Quando começou a utilizar a Internet?**

Basicamente queria ter um e-mail para comunicar e trocar mensagens com outras pessoas, um site e uma forma de divulgar o meu trabalho, na altura era um meio que estava a surgir com algumas potenciais vantagens... ainda não havia os blogs nem o facebook, era tudo muito primitivo.

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### **Como era a internet nessa altura, quer contar-me?**

Era diferente, era mais fóruns e sites não havia messengers nem facebook, nem blogs, havia o IRC, que era onde a malta falava, havia salas de chat da PTNET, era engraçado, era tipo uma comunidade, havia vários grupos, várias salas de chat. Os sites eram muito primitivos ainda sem flash, nem nada, a internet era lenta. Não havia o youtube (risos).

### **E o que fazia nessa altura, como utilizava a internet?**

Trocava uns emails com uns amigos, depois houve uma altura que passei algum tempo nas salas de chat do IRC, no canal Fotografia, depois quando apareceu o Messenger, a malta mudou-se toda para lá, dava para fazer mais coisas, partilhar fotografias e música muito mais rápido. O IRC era basicamente só texto. Depois veio a fase do vídeo com o youtube e as webcams e conversação em conferência com o skype, e as velocidades da internet também iam aumentando qui em Portugal, as empresas começaram a ter mais opções para os clientes com mais velocidade e banda larga.

### **Também utilizava o skype?**

Sim eu experimentei essas coisas todas quando apareceram eu e toda a gente, todos os meus amigos que tinham internet. Fazíamos videoconferência uns com os outros.

### **E presentemente conte-me o que faz quando utiliza a internet**

Facebook (Risos), a maior parte do tempo mas ando por lá a ver o que as pessoas falam e postam, os assuntos do dia, falo com amigos, por mensagens, umas vídeo-conferências com amigos e é assim

### **Quantas horas por dia, em média, passa na Internet?**

Muitas, mais do que as que devia, para aí umas 6 horas ou mais...

### **Quais são os ambientes ou ferramentas da internet que usa regularmente?**

Facebook (Risos) e Google uso todos os dias e o FLICKR.

### **Descreva uma situação em que considere ter aprendido bastante na internet**

Já aprendi várias coisas na internet, a ver tutoriais de Photoshop e nos blogues de fotografia quase todas as coisas que sei fazer no PHOTOSHOP (programa de edição de imagem), aprendi na internet. Mas o que eu aprendo mais é sobre a natureza humana (risos). Uma das coisas que aprendi logo ao início de ter internet e de começar a aventurar-me nestas andanças foi a fazer correção e cor nas fotos, quando passamos as fotos para digital, podemos aproveitar e escurece-las ou equilibrar os brancos, isso foi logo das primeiras coisas a aprender. Depois aprendi a fazer vignettes, a usar várias ferramentas, o feather, usar filtros e layers, enfim com o tempo, fui aprendendo aquelas coisas todas, ou quase todas.

### **Como é que aprendeu?**

Fui aprendendo, procurei fóruns e blogues, ia lendo o que as pessoas iam escrevendo, vendo vídeos a explicar como se faz, assim... outras vezes foram amigos meus ou conhecidos da internet que me indicavam sites com dicas que eles achavam que me podiam interessar, depois

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

eu ia lá ver, e muitas vezes acabava por aprender algo que me interessava, tudo dentro da fotografia. À medida que fui avançando, fui ganhando mais recursos e mais sites, outra coisa que me ajudou, foi os grupos de partilha, ou as comunidades, há muita malta da fotografia que se junta e vai partilhando fotografias e depois coloca informação como a abertura do diafragma, o ISO com que tiraram as fotos, e depois as outras pessoas da comunidade podem colocar perguntas como é que se faz isto ou aquilo, que máquina usou, que programa usou, se a fotografia esta mexida ou não e assim vamos todos aprendendo uns com os outros.

### **Considera que essa experiencia que me contou foi útil para si?**

Sim muito útil

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

Para mim foi importante porque me deu mais ferramentas de trabalho e uma forma de melhorar o meu trabalho, agora tudo é mexido em Photoshop, as fotografias todas levam um toque, e então se for para a net ainda mais, um fotógrafo que não saiba fazer isso facilmente é ultrapassado, eu com a minha idade tenho de me manter atualizado, porque se não com tanta malta jovem que anda para aí, sou facilmente ultrapassado.

### **A situação que descreveu atrás traduz o que habitualmente acontece quando aprende na internet?**

Sim exatamente

### **Aquilo que aprendeu era o que realmente queria aprender?**

Sim sem dúvida

### **E como é que aprendeu sobre a natureza humana, aquilo que referiu há pouco?**

Basicamente no Facebook (risos) outra vez! Ao ler as discussões das pessoas e a forma como toda a gente exprime a sua opinião sem respeito por ninguém vou aprendendo mais sobre o bicho homem, acho que as pessoas estão cada vez mais intransigentes e cada vez tem menos respeito uns pelos outros, também é engraçado ver que as pessoas às vezes não pensam muito, e Às vezes, desatam a partilhar coisas que nem sequer são verdade. Além da fotografia, este campo mais humano tem-me ensinado muito.

### **Quando está na internet tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?**

Às vezes.

### **Pode desenvolver um pouco mais? Explique-me melhor isso do “às vezes”**

Então às vezes sei precisamente o que ando à procura, noutras vezes estou a ler qualquer coisa que me interessa ou que me chama a atenção, por exemplo um efeito novo que gosto, fico interessado e aprendo como se faz. Mas no caso das pessoas como estava a dizer, isso não é coisa que se planeie, não acordo de manhã e penso: olha hoje vou aprender sobre os humanos (risos)

### **Para si, Quais são as principais vantagens de aprender desta forma?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Na internet? Muitas, posso aprender as coisas que eu quero, quando eu quero, não tenho chatices, não tenho e pagar balúrdios por este tipo de cursos, e vou-me safando.

Outra coisa já referi, é o contacto que se mantem na internet com outros profissionais, e amadores também, nas comunidades e nos sites, que às vezes se tornam amigos. Acho que podemos sempre aprender com toda a gente, sejam profissionais ou amadores, e já vi muito amador com fotografias melhores que certos profissionais.

### **Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

Desvantagens? Para mim nenhuma.

### **O que mais o motiva a aprender desta forma?**

Melhorar o meu trabalho, as minhas fotografias, aprender mais, conhecer mais coisas, mais pessoas. Sei lá por aí... poder faze-lo em casa... não gastar dinheiro.

### **Como tem feito para aprender bem?**

Acho que sou uma pessoa interessada e persistente, vou praticando e treinando até chegar onde eu quero, onde eu acho que já estou bom.

### **Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

Blogues de fotografia

### **E Como é que sabe que já aprendeu?**

Quando domino as ferramentas e o resultado final é aquilo que eu pretendo.

### **O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Faço perguntas.

### **A quem?**

À malta da página ou do blogue, faço um comentário e queixo-me, digo que não percebo, alguém depois me responde, e explica. São as vantagens das comunidades, toda a gente está ali para se ajudar uns aos outros. Bendito o dia em que me aventurei nisto e descobri esta gente. Até já fiz bons amigos e tudo.

### **Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Procuro o que me interessa, os Blogues de fotografia são os sites que mais procuro

### **Como decide se a informação é de confiança e credível?**

Procuro comparar com outros sites ou blogues, pesquiso para tentar conferir. Nas comunidades é mais fácil. Se a informação não for credível aparecem logo uma data deles a denunciar, é uma coisa boa da internet, as pessoas referenciam os bons e apontam os maus, é fácil, no caso de dicas para software não há muito esse problema da informação falsa. É como quando aparece uma fotografia manipulada em Photoshop, alguém denuncia logo.

### **Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet?**

Vivo sozinho, e a minha família está longe mas de maneira geral acham bem.

### **E os seus amigos?**

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

Acham normal. Eles também utilizam a internet.

### Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?

Diria para se cultivarem, para procurarem coisas novas para se atualizarem e desenvolverem e não ficarem paradas no tempo, saber mexer nos computadores é uma ferramenta essencial para todos e além disso também podem conhecer pessoas novas, fazer novos amigos.

### Preenchido por familiar (neta)

	Nada	Mais ou menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.			x
É uma pessoa flexível.			x
É uma pessoa sociável e afável.			x
É uma pessoa responsável.			x
É uma pessoa persistente.			x
É uma pessoa criativa.			x
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			x
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			x
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			x

### Transcrição da entrevista 7

#### Que idade tem?

69

#### Estudou até que ano?

Segundo ano do liceu

#### Estado civil

viúvo

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### **Com quem vive?**

Sozinho com o cão

### **Qual foi a sua profissão?**

Escriturário

### **Desempenhou funções de chefia?**

Não

### **E atividades na comunidade**

Não.

### **No dia a dia costuma estar com amigos e familiares?**

Não muito, a minha filha está longe, só nos vemos uma vez por mês e com amigos só quando saio e as vezes encontro, mas como não saio muito.

### **Gostava que me contasse como começou a utilizar a Internet**

Comecei num curso da associação dos idosos, há 3 anos mais ou menos, comecei por experimentar e gostei.

### **Que objetivos tinha? Quando começou a utilizar a Internet?**

Os meus objetivos era saber e descobrir do que se tratava, ver como era, e também fazer alguma coisa para ocupar o tempo, queria escrever as minhas memórias. Aprender mais.

### **O que esperava encontrar?**

Esperava encontrar algo que em facilitasse a vida, ouvia dizer que dava para comprar coisas na internet, procurar, moradas, n.ºs de telefone era isso que eu esperava e que estava tudo na internet e eu queria saber com era. Também queria escrever as minhas memórias.

### **Conte-me o que faz, quando utiliza a internet**

Vejo emails e notícias, procuro coisas que me interessam, tento aprender um pouco mais, e vou ao facebook

### **Quantas horas por dia, em média, passa na Internet?**

Para aí umas 3 horas, mais ou menos.

### **Quais são os ambientes ou ferramentas da internet que usa regularmente?**

Google, facebook, emails, e youtube

### **O que faz quando está nesses sítios da internet?**

Pesquiso coisas que me interessam ou troco emails e mensagens com amigos e família, no youtube aprendo as coisas que eu preciso. Pesquiso por vídeos para aprender mais sobre o word.

### **Descreva uma situação em que considera ter aprendido bastante na internet**

Aprendi a trabalhar com o word a ver os vídeos no youtube

### **Como é que aprendeu?**

Fui aprendendo, o meu genro ensinou-me como fazer, vou ao youtube, coloco a palavra word e a seguir o que quero saber, por exemplo, as primeiras coisas que aprendi foi a colocar os títulos maiores e de outra cor, então, escrevo word e a seguir titulo ou mudar cor de letra, e aparecem

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

vários vídeos que explicam como fazer, é fácil. Posso parar o vídeo e andar para trás se quiser ver e ouvir outra vez ou uma coisa que não tenha percebido.

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

Porque foi algo que eu sempre quis aprender, e finalmente consegui e sozinho. E era importante para escrever as minhas coisas, fica mais bonito, assim arranjadinho.

### **Considera que essa experiência que me contou foram úteis para si?**

Sim, agora já tenho algo para passar o tempo que eu gosto de fazer, acho até que é útil para pessoas da minha idade, faz-me bem escrever e recordar as coisas da minha juventude. Assim como aprender.

### **A situação que descreveu atrás traduz o que habitualmente acontece quando aprende na internet?**

sim

### **Aquilo que aprendeu era o que realmente queria aprender?**

Sem dúvida

### **E quando está na internet tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?**

Sim todos os dias tenho uma coisa para aprender,

### **Para si, Quais são as principais vantagens de aprender desta forma?**

Para mim as vantagens são conseguir aprender aquilo que eu quero, sozinho, numa forma fácil para a minha idade e conseguir escrever as minhas memórias e é muito mais fácil com o computador, do que escrever à mão ou à máquina, posso editar o texto se me enganar, e isso facilita muito. Posso ir seguindo o que vejo nos vídeos, ao princípio não conseguia fazer isso porque não sabia mudar de janela, mas agora já sei, paro o vídeo, vou ao word, faço como vi no vídeo,

### **Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

Acho que ao princípio é difícil aprender a mexer com o computador, e também acho caro, acho que não é toda a gente que pode comprar um computador, mas é bom, eu tive sorte que foi o meu genro que me deu o dele antigo, mas muitas pessoas não têm essa sorte,

### **O que mais o motiva a aprender desta forma?**

Ter algo para fazer construtivo e passar o tempo. Pôr-me à prova, ver se consigo aprender a fazer aquilo que eu quero. Gosto de conseguir fazer sozinho aquilo que eu queria, dá-me mais força para continuar e não desistir.

### **Como tem feito para aprender bem?**

Faço apontamentos, e praticar, faço o que vejo nos vídeos

### **Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

Aprendi muito no youtube, e também no Google, e na wikipedia, claro,

### **E Como é que sabe que já aprendeu?**

Então quando já sei mudar as letras, a cor, ou os títulos, sem precisar de ver os vídeos

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

### **O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Telefone a minha filha ou ao meu genro, ou então quando eles vem ca almoçar pergunto-lhes e mostro-lhes o que não percebo para eles me explicarem.

### **Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Depende do que quero procurar, mas geralmente vou aqueles sítios que o meu genro me disse que eram bons para mim.

### **Que sítios são esses?**

A wikipedia, o youtube, e o Google,

### **Como decide se a informação é de confiança e credível?**

Vejo vários vídeos, e comparo, leio os sites e depois vejo noutros sítios ou então às vezes quando não sei bem, pergunto ao meu genro

### **Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet?**

Eles apoiam me muito, a minha filha esta sempre a enviar-me emails ou as vezes mensagens no facebook, e dizem sempre para eu continuar

### **E os seus amigos?**

Os meus amigos também me incentivam muito para não desistir e continuar.

### **E as outras pessoas com quem se relaciona?**

Dão-me imenso apoio também.

### **Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?**

Dizia para aprenderem coisas novas, dantes quando queria aprender alguma coisa, tinha de procurar em livros, e agora é mais simples, ligo computador e pergunto, procuro já não tenho de andar à procura dos livros, e para pessoas como eu, que já tem algumas dificuldades em andar é muito bom. Dizia-lhes que é uma boa forma de se manterem ocupados e de aprenderem coisas novas, e também podem ver coisas muito bonitas na Internet.

### **Preenchido por técnico da Instituição**

	Nada	Mais ou menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.			x
É uma pessoa flexível.			x
É uma pessoa sociável e afável.			x

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

É uma pessoa responsável.			x
É uma pessoa persistente.			x
É uma pessoa criativa.			x
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).			x
É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			x
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.			x

### Transcrição da entrevista 8

#### **Que idade tem?**

67

#### **Estado civil**

divorciada

#### **Com quem vive?**

Sozinha

#### **Estudou até que ano?**

4ª classe

#### **Qual foi a sua profissão?**

doméstica

#### **Desempenhou funções de chefia?**

Não

#### **E atividades na comunidade**

Não.

#### **No dia a dia costuma estar com amigos e familiares?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Não, como me custa muito a andar saio pouco de casa, só quando me fazem alguma visita, mas geralmente falo com eles ao telefone e agora na Internet as vezes

### **Gostava que me contasse como começou a utilizar a Internet**

Comecei a utilizar quando a minha filha, me tentou ensinar pela primeira vez, isto há coisa de 4 anos ou assim.

### **Que objectivos tinha? Quando começou a utilizar a Internet?**

Os meus objectivos era aprender novas receitas para cozinhar, a minha filha sempre me dizia que a Internet tinha imensas receitas era só escrever o que eu queria e aparecia e foi assim que comecei, a procurar receitas. Aprender mais. Fazer novos pratos. Fazer o meu blogue. Estar ocupada. Falar com a minha filha e com família e amigos. Conhecer coisas novas, fazer novas amizades, conhecer pessoas novas.

### **O que esperava encontrar?**

Esperava encontrar uma coisa muito difícil e pensava que não conseguia fazer nada no computador, mas depois la fui aprendendo e claro esperava encontrar muitas receitas, e aprende-las

### **Conte-me o que faz, quando utiliza a internet**

Vejo emails, procuro receitas para novos pratos, escrevo no meu blog, e falo com algumas pessoas amigas e da minha família, troco mensagens, jogo no facebook.

### **Quantas horas por dia, em média, passa na Internet?**

Cerca de cinco horas ou mais, depende dos dias

### **Quais são os ambientes ou ferramentas da internet que usa regularmente?**

O Google e o facebook,

### **O que faz quando está nesses sítios da internet?**

No Google procuro receitas ou vejo noticias, no facebook falo com pessoas e jogo. oiço musicas ou vejo vídeos e as vezes também vejo receitas

### **Descreva uma situação em que considera ter aprendido bastante na internet**

O que eu aprendo muito na Internet é novas receitas, pratos novos.

Isto começou porque eu queria fazer caril de frango para a minha filha que me tinha pedido e não sabíamos. Fui ao Google pesquisar e encontrei várias receitas. Depois experimentei fazer as receitas. Foi assim que tudo começou.

### **E aprendeu a fazer pela internet?**

Sim, tirei a receita pela internet, mas a primeira vez não ficou muito bom, depois tirei outra receita que era quase igual, mas era diferente e até tinha um vídeo com uma senhora a explicar, e aí então finalmente percebi, é muito fácil, bom tudo nos parece fácil depois de sabermos fazer. Também aprendo a falar com os meus amigos da internet, trocamos receitas e páginas da internet com muitas receitas para fazer.

### **Porque foi importante esta experiência para si?**

## **Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas**

Foi importante porque foi a primeira vez, sempre foi algo que eu gostei, cozinhar, fiquei muito contente, e ainda fico sempre que faço algo que sai bem e que as pessoas gostam

### **Considera que essas experiências que me contou foram úteis para si?**

Sim, ajudaram-me a desenvolver mais os meus dotes culinários e a saber fazer mais pratos e receitas

### **E quando está na internet tem um objetivo claro relativamente ao que quer aprender?**

Sim, quero aprender uma receita nova. Ligo a internet e começo a procurar...

### **Para si, Quais são as principais vantagens de aprender desta forma?**

Devido a minha idade, é bom porque tenho tudo aqui à mão, tudo o que quero saber, receitas, ingredientes, etc, está na Internet, bom, quase tudo, às vezes não encontro o que quero. Farto-me de procurar e depois só quando em a minha filha é que me ajuda, ou aparecem páginas em inglês e não percebo nada, mas a minha filha já me disse que isso dá para traduzir para português, mas ainda não sei fazer

### **Com base na sua experiência que desvantagens encontra em aprender desta forma?**

Desvantagens muito poucas, é habituarmo-nos a isso e depois é fácil

### **O que mais o motiva a aprender desta forma?**

Para mim, como custa-me a andar, para aprender receitas que eu quero, e para ir conhecendo mais coisas, eu gosto de aprender essas coisas, e é ótimo para passar o tempo, uma pessoa está entretida. Motiva-me conseguir fazer sozinha. Sem ajudas. Gosto que a minha filha fique orgulhosa da mãe, isso também me motiva a continuar e acima de tudo aprender mais e melhorar.

### **Como tem feito para aprender bem?**

Escrevo as receitas no meu livro e depois faço

### **Quais são os ambientes ou espaços na internet onde mais aprende?**

O Google e a wikipédia

### **E Como é que sabe que já aprendeu?**

Quando consigo fazer a receita várias vezes e ela sai sempre bem, já aprendi mais uma receita.

### **O que faz quando não percebe algo que está a aprender no momento?**

Telefone a minha filha

### **Como seleciona os sítios onde vai/por onde navega na internet?**

Vou para aqueles que me parecem ser os melhores e com mais informação e mais completos, se tiverem vídeos melhor, é esse que escolho

### **Como decide se a informação é de confiança e credível?**

Comparo uns com os outros, ou no caso das receitas, vejo se tem os mesmo ingredientes, as mesmas quantidades, se são feitas da mesma forma, é assim...

### **Conte-me como reagem as pessoas com quem vive/família a respeito da utilização que faz do computador e da internet?**

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

A minha família dá-me apoio, especialmente a minha filha e o namorado dela, estão sempre a dizer que os meus cozinhados são muito bons

### E os seus amigos?

Os meus amigos também me apoiam muito mesmo.

### E as outras pessoas com quem se relaciona?

Todos me apoiam muito e esse apoio tem sido importante, especialmente quando recebo mensagens ou emails de pessoas que não conheço a darem-me os parabéns pelas minhas receitas do blog.

### Que conselhos daria às pessoas da sua idade para aprenderem através da internet?

O meu conselho seria para aquelas pessoas que querem aprender que o computador é bom porque lá podemos encontrar de tudo, tudo o que se queira está na Internet, as vezes temos e de ter paciência e procurar bem o que se quer, e se não desistirmos acabamos por encontrar

## Preenchido por familiar (filha)

	Nada	Mais ou menos	Bastante
É uma pessoa metódica e disciplinada.			x
É uma pessoa analítica e com pensamento lógico.			x
É uma pessoa reflexiva e consciente de si.			x
É uma pessoa curiosa, motivada e aberta a novas ideias.			x
É uma pessoa flexível.			x
É uma pessoa sociável e afável.			x
É uma pessoa responsável.			x
É uma pessoa persistente.			x
É uma pessoa criativa.			x
É uma pessoa ousada (não se importa de correr alguns riscos).		x	

## Aprender na internet – um estudo com pessoas idosas

É uma pessoa autoconfiante e com um conceito de si positivo.			x
É uma pessoa independente e tende a ser autossuficiente.		x	